



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

SÂMEA SILVA DE MELO BARCELOS

**A GEOGRAFIA URBANA NA REVISTA BRASILEIRA
DE GEOGRAFIA (1939-1995)**

RIO DE JANEIRO
2010

Sâmea Silva de Melo Barcelos

A GEOGRAFIA URBANA NA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA (1939-1995)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Geografia do Instituto de Geociências da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Roberto Lobato de Azevedo Corrêa

Rio de Janeiro

2010

	Barcelos, Sâmea Silva de Melo. A geografia urbana na Revista Brasileira de Geografia (1939-1995) / Sâmea Silva de Melo Barcelos. – 2010. 171 f.: il. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2010. Orientador: Roberto Lobato de Azevedo Corrêa 1. Geografia Urbana. 2. Geografia Brasileira. 3. Revista Brasileira de Geografia. 4. Teoria dos Grafos. 5. IBGE – Teses. I.Corrêa, Roberto Lobato de A. (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.	
--	--	--

Sâmêa Silva de Melo Barcelos

A GEOGRAFIA URBANA NA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA (1939-1995)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia
do Instituto de Geociências da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Geografia

Aprovada em

Robert Lobato Corrêa

PROFESSOR DOUTOR ROBERTO LOBATO DE AZEVEDO CORRÊA

(PPGG / UFRJ - Presidente da Banca)

Olga Maria Schild Becker

PROFESSORA DOUTORA OLGA MARIA SCHILD BECKER

(PPGG / UFRJ)

Willian Ribeiro

PROFESSOR DOUTOR WILLIAN RIBEIRO DA SILVA

(PPGG / UFRJ)

PROFESSOR DOUTOR MIGUEL ANGELO CAMPOS RIBEIRO

(Instituto de Geografia – UERJ)

AGRADECIMENTOS

Ao fim de mais uma etapa na minha caminhada geográfica, recordo dos momentos que vivi para estar nesse ponto, foi difícil, mas cheguei. Agradeço a Deus que está presente e atento.

Ao meu amado Érico, que me incentivou a prestar exames para o mestrado, compreendeu meus momentos de ausência, acalmou-me nos momentos de desespero com as leituras e cuidou de mim durante as várias noites escrevendo essa dissertação. Agora poderemos iniciar juntos uma nova e tão esperada etapa.

À minha família do Rio de Janeiro, Daniel, Ana Paula, Felipe, Jonatas e Carlinha (Barcelândia). Obrigada pelo apoio incondicional e orações constantes.

Ao querido professor Lobato, que me acolheu e compartilhou comigo seus ensinamentos, orientando-me não apenas na pesquisa, mas na profissão e na vida. Foram dois anos de muito aprendizado com um brilhante geógrafo, excelente professor e compreensivo amigo.

Aos amigos do Instituto de Meio Ambiente, minha nova casa, que me ajudaram a ‘arranjar’ tempo para escrever.

Aos companheiros de mestrado, doutorandos e professores do PPGG. Foi muito bom estar com vocês!

*Sâmea Barcelos
Rio, maio de 2010*

SUMÁRIO

Introdução	09
1 A TEMÁTICA URBANA EM PERSPECTIVA	14
1.1 A CIDADE E O URBANO NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO	15
1.2 A GEOGRAFIA URBANA NO IBGE	21
1.3 A REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA E OS ESTUDOS URBANOS.....	28
2 REVISITANDO A REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA	33
2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS URBANOS NA RBG	35
2.1.1 Os períodos	36
2.1.2 Os temas ao longo do tempo	40
2.1.3 Análise dos períodos e temas	39
2.1.4 Os Autores	43
3 EXISTIU UMA REDE DE PENSAMENTO NA RBG?	55
3.1 O ATO DA CITAÇÃO	56
3.2 O MÉTODO DAS CITAÇÕES	58
3.3 CONCEITUANDO REDES SOCIAIS	67
3.4 EXISTIU UMA REDE DE AUTORES NA RBG?	70
3.4.1 Matriz Geral de Autores	72
3.4.2 Autores que mais publicaram na RBG	83
3.4.2.1 Fany Davidovich	83
3.4.2.2 Roberto Lobato de Azevedo Corrêa	86
3.4.2.3 Speridião Faissol	90
3.4.2.4 Pedro Pinchas Geiger	93
3.4.2.5 Maria Francisca T. C. Cardoso	96
3.4.2.6 Miguel Angelo Campos Ribeiro	98
CONCLUSÕES	101
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE	112
ANEXOS	115

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES, TABELAS E QUADROS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Livros mais citados escritos por geógrafos, com base no índice de citações ISI, segundo Wrigley e Matthews	63
Figura 2: Geógrafos mais citados entre 1958-1960 segundo Bunge	66
Figura 3: Grafo da Matriz de autores da RBG	77
Figura 3.1: Grafo da Matriz de Autores da RBG simplificado	78
Figura 4: Rede de Autores de DAVIDOVICH	85
Figura 5: Rede de Autores de CORRÊA	89
Figura 6: Rede de Autores de FAISSOL	92
Figura 7: Rede de Autores de GEIGER	95
Figura 8: Rede de Autores de CARDOSO	99
Figura 9: Rede de Autores de RIBEIRO	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: A Representatividade dos Estudos Urbanos na Revista Brasileira de Geografia, 1939 – 1995	34
Tabela 2: Principais Autores com Artigos em Geografia Urbana na Revista Brasileira de Geografia, 1939 – 1995	44
Tabela 3: Autores da RBG com número de artigos e de referências bibliográficas	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos Artigos Segundo Temas e Períodos	39
Quadro 2: Principais Autores segundo os Períodos	45
Quadro 3: Matriz de autores citados e número de citações recebidas	74

RESUMO

BARCELOS, Sâmea Silva de Melo. **A geografia urbana na Revista Brasileira de Geografia** (1939-1995). Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

A Revista Brasileira de Geografia (RBG) foi um periódico importante na divulgação da produção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – e da Geografia como um todo. Esse periódico foi a fonte deste estudo na procura de conhecer as matrizes teóricas que orientaram os autores que nele publicaram. É uma análise sobre geografia urbana, onde se procurou identificar autores e temas que se destacaram na produção geográfica para construir um conjunto articulado que refletisse as tendências ou orientações teóricas abordadas em cada época. Utilizou-se da Análise de Redes Sociais –ARS – no uso de citações e da Teoria dos Grafos, ambos para a elaboração de uma matriz, a partir das referências bibliográficas dos artigos selecionados. Identificou-se quatro autores mais citados, caracterizando-os como os mais influentes sobre a produção na RBG. Esse tipo de análise é relevante, pois há o resgate do que já foi construído, o que possibilita traçar as matrizes teóricas que reflitam a evolução do pensamento geográfico, como também as influências e contribuições para os estudos que abordam o fenômeno urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia Urbana, Geografia Brasileira, Revista Brasileira de Geografia, Teoria dos Grafos, IBGE.

ABSTRACT

BARCELOS, Sâmea Silva de Melo. **A geografia urbana na Revista Brasileira de Geografia** (1939-1995). Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

The Brazilian Magazine of Geography (Revista Brasileira de Geografia – RBF) was an important journal in the popularization of Geography as a subject and of the Brazilian Institute of Geography and Statistics' work (IBGE). That journal was the main source for this study in the search for the theoretical frameworks that guided the authors who have their works published on it. The present dissertation deals with urban geography and tries to identify authors and themes that stood out in the geographical production. The purpose of this work is to build an articulated group of authors and themes that can reflect the tendencies and the theoretical orientations discussed in each time. The present work makes use of the Social Network Analysis – SNA in what concerns the use of citations and of the Graph Theory, both for the construction of an array that begins with the bibliographical references of the selected articles. This dissertation identifies four authors as the most cited ones, with leads to the conclusion that they are responsible for the most influential production in the RBG. This kind of analysis is relevant because, rescuing what have already been built, makes possible to identify the theoretical frameworks that have been guiding the development of geographical studies in Brazil, as well as the contributions of these frameworks for the studies that address the urban phenomenon.

KEY-WORDS: Urban Geography, Brazilian Geography, Revista Brasileira de Geografia, Graph Theory, IBGE.

INTRODUÇÃO

Periodicamente a história da geografia brasileira precisa ser examinada no intuito de estabelecer uma avaliação crítica da produção, visando conhecer os caminhos e temas que foram trilhados e analisados para que possamos nos certificar das descobertas e apresentar novas questões e caminhos. Nesse processo, embora a geografia tenha avançado, muitas questões ainda são pertinentes.

No vasto campo da Geografia optou-se para a elaboração dessa pesquisa no campo da Geografia Urbana por ser a área de estudo da autora. A idéia primaz desenvolveu-se a partir do artigo *A Geografia Urbana Brasileira: Uma Análise Introdutória, de 1940 a 1995*, trabalho completo apresentado no 12º Encontro de Geógrafos da América Latina – EGAL 2009. Foi uma pesquisa preliminar sobre os estudos geográficos realizados no Brasil, em que foram analisados apenas os trabalhos com temas relacionados à cidade e ao urbano ao longo da última metade do século XX. Como fontes foram escolhidas a Revista Brasileira de Geografia (RBG) e o Boletim Paulista de Geografia (BPG), e nesses periódicos a Geografia Urbana tornou-se uma temática cada vez mais presente, fato constatado pelo número de artigos publicados.

A análise da produção através de periódicos está no bojo dos estudos sobre redes sociais e vem ganhado importância na medida em que dá visibilidade à produção da ciência, à análise do seu conteúdo e aos autores mais produtivos, entre outros objetivos. No caso da geografia urbana, a análise da produção possibilita reconstruir a trajetória percorrida para o entendimento do urbano e da cidade e assim construir um quadro que nos leve a compreender essa produção. Na presente

pesquisa, aprofundando o assunto, procurou-se identificar os autores e temas que se destacaram na produção geográfica para construir um conjunto articulado que refletisse as tendências ou orientações teóricas abordadas em cada época e, conseqüentemente, a evolução do pensamento geográfico. A relevância está no fato de resgatar o que já foi construído e possibilitar traçar as matrizes teóricas, identificar as influências e contribuições nos estudos que abordam o fenômeno urbano.

A utilização de periódicos para análise da produção já foi realizada para outros campos da ciência geográfica. Devido à diversidade de publicações sobre geografia urbana, selecionamos como fonte a Revista Brasileira de Geografia (RBG), periódico do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), que indicou uma intensa dinâmica de publicações com essa temática. Além disso, a RBG foi selecionada por ser uma publicação de grande relevância nacional e por ter tido uma regularidade na edição dos seus volumes durante um período que recobre cerca de cinco décadas. A presente pesquisa analisou toda a produção da RBG, pormenorizando essa produção em períodos, temas e autores.

A metodologia desse estudo consiste em identificar no índice de cada revista da RBG, a partir do título dos artigos, aqueles que se dedicaram à temática urbana. Depois de incluídos todos os artigos de Geografia Urbana, iniciou-se o processo de classificação temática, procurando identificar os autores e temas. A proposta é averiguar a produção desse periódico através de um quadro de temas e períodos pré-determinados e observar a distribuição dos artigos e autores no mesmo. O objetivo é aferir se a RBG, enquanto periódico, reflete as influências teóricas de cada período da história da geografia urbana no Brasil, assim como da geografia enquanto área do conhecimento.

Inevitavelmente, a análise da produção leva a seguinte pergunta: Quem produziu artigos sobre a cidade e o urbano na RBG? Partindo desse questionamento, inicia-se outro processo de levantamento de dados para identificar os autores dos artigos e o número de artigos de cada autor desde 1939 a 1995. Durante a construção dessa pesquisa esses levantamentos propiciaram a investigação sobre a existência de uma rede de pensamento entre os autores da RBG, enquanto rede social. Dessa forma, a questão central dessa pesquisa é: existiu uma rede de pensamento na Revista Brasileira de Geografia? O tipo de estudo proposto não é muito comum, pois requer além de uma consistente base de dados o levantamento de cada referência bibliográfica de cada autor, o que no Brasil ainda consiste em um trabalho manual de catalogação, posto que ainda não exista uma ferramenta digital de consulta ao índice de citação bibliográfica. O pioneirismo desse tipo de pesquisa na geografia é de Willian Bunge (1961), que analisa a estrutura da pesquisa geográfica americana com o objetivo de identificar as escolas de pensamento e seus líderes. Bunge construiu um grafo de referências entre os 86 geógrafos mais citados, excluindo as auto-referências. Semelhantemente, ao analisar as citações dos artigos dos autores selecionados, procurou-se identificar os autores mais influentes na produção geográfica do Brasil no campo da geografia urbana. Fundamentamos este estudo na teoria das redes e na análise da produção da geografia urbana brasileira, com suporte na teoria dos grafos.

A proposta é verificar no cruzamento das referências bibliográficas a existência ou não de uma rede de pensamento na geografia urbana da RBG. Através da construção de um banco de dados com as citações de cada artigo de cada autor da RBG, optou-se por catalogar as referências apenas dos autores que mais publicaram devido à impossibilidade de catalogar todas as referências.

O uso da técnica de indicadores bibliométricos como ferramenta para análise da produção acadêmica implica a construção de um grafo que expresse a estrutura básica da disposição dos autores e se eles formam uma rede de pensamento. Para a construção de um grafo é necessária uma matriz de dados composta por colunas e linhas. No caso desta pesquisa, as linhas da matriz são os indivíduos citados e as colunas consistem dos indivíduos 'citantes'. Cada célula da matriz, em seguida, descreve o resultado do número de citações. A dimensão desta matriz representa um painel do grupo de referências bibliográficas utilizadas pelos autores da RBG. Com a catalogação dessas informações em uma planilha do *excel* é possível desenhar as combinações em um grafo.

Considerando que as citações podem ser uma forma do autor descrever as suas relações sociais, pretende-se com o grafo identificar quem são os nós - quais os autores que foram mais citados -, e como são as linhas, que indicam as relações entre os autores. Apesar do número de citações não ser um critério totalmente ideal, ele é útil para em um grafo para demonstrar a intensidade da ligação entre os autores. A representação da estrutura formal de atores e suas relações evidenciarão a existência ou não de uma rede de autores na RBG.

Não se teve a pretensão de avaliar os enunciados científicos dos autores citados, mas apenas esclarecer as relações entre os autores com base na matriz e grafos elaborados. Nesse sentido, compreender as articulações das citações e as estruturas discursivas é fundamental, especialmente para o resgate histórico da construção do saber científico do periódico escolhido. A Revista Brasileira de Geografia foi o periódico que permitiu um estudo bibliométrico através da análise dos artigos publicados. A leitura de bibliografia especializada pertinente à temática

do uso de citações como método de análise da produção acadêmica permitiu estabelecer os parâmetros desse estudo.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro apresenta-se a geografia na Revista Brasileira de Geografia privilegiando a História do Pensamento Geográfico na Geografia urbana no Brasil, a importância do IBGE e da própria RBG. O segundo capítulo procura caracterizar a produção da geografia urbana na RBG, considerando-se os períodos, os temas e os autores. O terceiro capítulo, mais importante, discute a produção da geografia urbana por redes sociais, dos grafos e o método da citação de autores. Na conclusão indicam-se novos questionamentos.

CAPÍTULO 1

A TEMÁTICA URBANA EM PERSPECTIVA

A abordagem dos estudos sobre o espaço urbano consiste em entender o seu significado, procurando defini-lo através de suas características demográficas, de sua morfologia, de suas funções e do seu papel econômico e social, consideramos dessa forma o estudo do espaço urbano como o estudo da cidade. Espaço de transformações constantes, as cidades de intensos fluxos e representativo interesse político tornam-se objeto de estudo pela dinamicidade dos acontecimentos e reestruturação da imagem urbana, é *locus* da concentração de meios de produção e de concentração de pessoas. Na cidade as formas de apropriação do uso da terra compõem paisagens diferenciadas, onde podemos distinguir espaços conforme o uso, como o centro da cidade, áreas industriais, comerciais ou residenciais. Essa apropriação, no caso da sociedade capitalista, seria via propriedade privada. Harvey (1980) define a cidade como um nó de interseção na economia do espaço, como um ambiente construído que surge da mobilização, extração e concentração geográfica de quantidades significativas de mais-valia.

O espaço urbano é assim uma produção social (GOTTDIENER, 1997)¹ e como tal é um produto histórico, pois é resultado de ações acumuladas através do tempo (CORRÊA, 2000) ao mesmo tempo é realidade presente e imediata (CARLOS, 1994a). Como resultado da dinâmica social de determinada sociedade

¹ GOTTDIENER em seu livro “A produção Social do Espaço Urbano” apresenta um estudo sobre a relação espaço e sociedade e põe em discussão paradigmas clássicos sobre o urbano.

que, ao reproduzir-se através de um determinado modo de produção, imprime, na paisagem urbana, as marcas correspondentes (SILVEIRA, 2003).

Observando as transformações na paisagem da cidade, verificamos, por exemplo, que a paisagem urbana da cidade moderna apropria-se, redefinindo-a, da coleção de signos da cidade antiga e agrega outros tantos deliberadamente construídos como ícones demonstrativos de progresso vanguardarismo (LESSA, 2000, p.200).

As diferenciações das formas urbanas modelam a paisagem de maneira que refletem o conteúdo social das populações que ocupam o espaço da cidade, admitindo as diferenças sociais da sociedade capitalista, diferenças estas marcantes na distribuição das residências, onde as formas e a organização destas simbolizam a atuação das diversas parcelas do capital na transformação do espaço urbano. Esse tipo de interpretação sobre o fenômeno urbano e a cidade revela a mistura de influências da Geografia Tradicional e da Geografia Marxista, em que uma abordagem não supera a outra, mas valoriza aspectos diferentes.

1.1 A CIDADE E O URBANO NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

O fenômeno urbano tornou-se objeto de estudo da Geografia e de outras ciências como espaço de produção e reprodução da complexa sociedade, gerando uma produção teórica de volume considerável e em constante transformação, considerando a dinamicidade desse espaço. Entende-se que os primeiros estudos sobre a cidade e o fenômeno urbano começaram no final do século XIX. Vasconcelos (1999) em sua obra sobre *Dois séculos de pensamento sobre a cidade* destaca que a produção no período de 1870 a 1913 reuniu o que considerou como "o pensamento sobre a cidade no período da institucionalização da Geografia". Muitos geógrafos foram destacados: Friedrich Ratzel, Elisée Reclus, Emile Levasseur, Lucien Gallois, Desiré Pasquet, Petr Kropotkin, R. Dupuy, Paul de

Rousiers, Antoine Vacher, Frederick Emerson, Etienne Clouzot, Mark Jefferson, Pierre Clerget, Jean Brunhes e Raoul Blanchard. Contudo, somente na década de 1940, no Brasil, os estudos sobre as questões urbanas passam a ter importância e a fazer parte de uma perspectiva da geografia enquanto disciplina.

A partir da Segunda Guerra Mundial a Geografia Urbana, mais especificamente a cidade, adquire real importância. Müller (1968) em seu estudo sobre a geografia urbana no Brasil, afirma que “os trabalhos especificamente de geografia urbana são ainda pouco numerosos” (MÜLLER, 1968, p. 28), referindo-se ao período em que escrevia no final dos anos de 1960. Nessa mesma obra, a autora destaca como fase pioneira a produção em geografia urbana até 1940, com destaque para autores como Elisée Reclus, B. Brandt e Pierre Denis. Afirma ainda que “foi só na década de 1930 que o fato urbano começou a despertar maior interesse no Brasil mas, ainda, essencialmente, por parte de especialistas estrangeiros” (MÜLLER, 1968, p. 29).

O trabalho de Müller destaca-se entre as diversas pesquisas que se dedicaram à análise da produção em geografia urbana por ser um dos precursores na prática de análise da trajetória de uma ciência. Em seu artigo *Evolução e estado atual dos estudos de geografia urbana no Brasil* classifica a produção em fase pioneira (até 1940), fase de desenvolvimento (1940-1955) e fase de afirmação (1956-1965). Como a própria autora afirma, “mesmo considerando as deficiências de informações, só o que foi citado demonstra a vitalidade dos estudos de geografia urbana no Brasil, prenunciando um futuro promissor para esse campo das ciências geográficas no Brasil” (MÜLLER, 1968, p.19).

É consenso entre os geógrafos considerar 1940 como marco inicial da geografia urbana brasileira. Foi nesse ano que aconteceu o IX Congresso Brasileiro

de Geografia onde foram apresentados vários trabalhos orientados por Pierre Monbeig. De acordo com Corrêa (1967), os trabalhos realizados “tinham geralmente como objetivo o estudo isolado de uma cidade” (CORRÊA, 1967, p.95), evidenciando a influência dos especialistas estrangeiros na produção geográfica desse período, especialmente de Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig que foram os “formadores da primeira geração de geógrafos brasileiros” (CORRÊA, 1967, p.95), transmitindo a influência francesa na institucionalização da Geografia.

Pierre Deffontaines foi responsável pela criação do curso de Geografia tanto em São Paulo (posteriormente liderado por Pierre Monbeig), quanto no Rio de Janeiro. Ele também auxiliou no processo de estruturação do IBGE e foi um dos criadores da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Os dois pesquisadores acima citados ajudaram no desenvolvimento de estudos urbanos, Deffontaines no Rio e Monbeig em São Paulo (Monbeig, 1943 e Deffontaines, 1939 e 1944). Tal a importância deles que Abreu ao falar sobre a pesquisa geográfica urbana considera que “o ponto de partida inequívoco de sua realização no Brasil encontra-se na atuação de Pierre Monbeig” (ABREU, 1994, p.206).

O período que Müller considera como a fase de afirmação - 1956 a 1965 -, por ser até então o de maior produtividade, Corrêa irá classificá-lo posteriormente como “período que se conferiu importância ao estudo de redes urbanas” (CORRÊA, 1978, p. 10). Essa mudança acompanha o período de intensa urbanização porque passava o Brasil. Conforme Almeida, essa urbanização “nos anos 60 já começava a mostrar seus efeitos, tanto em termos de crescimento metropolitano, quanto em termos de ampliação e articulação da rede urbana brasileira, principalmente a da região sudeste” (ALMEIDA, 2000, p. 96). Em 1956 aconteceu no Rio de Janeiro o

Congresso Internacional de Geografia da União Geográfica Internacional (UGI), considerado um marco de renovação da geografia brasileira.

O XVIII Congresso Internacional de Geografia (...) além de propiciar renovações de pontos de vista e de métodos pelo contato com especialistas estrangeiros, estimulou uma série de estudos urbanos, quer para serem apresentados ao congresso, quer para serem incluídos nos vários livros-guia das excursões realizadas (MÜLLER, 1968, p. 16).

Nesse período a “geografia brasileira é renovada com contatos com Pierre George, Jean Tricart e Michel Rochefort” (CORRÊA, 1989, p. 114), que geraram grande interesse pelo estudo de redes urbanas, afastando o foco dos estudos intra-urbanos para a chamada área urbano-regional (ABREU, 1994, p. 217). Merece destaque o clássico trabalho de Pedro P. Geiger *Evolução da Rede Urbana Brasileira* (1963) sobre o processo de urbanização brasileiro.

Na segunda metade da década de 1960 a Geografia começa a desviar-se de sua proposta empirista-naturalista. Caracteriza-se o período até 1967 como Geografia Tradicional, que deixou como legado uma produção rica, que mesmo após diversos processos de renovação da geografia, a produção científica dessa fase tem sido retomada como subsídio para trabalhos atuais. Contudo, já não havia mais fôlego para manter o modelo de pesquisa empirista-naturalista e a geografia precisava se adaptar “às exigências do momento político-econômico pelo qual passava o país, quanto às pretensões de cientificidade e de aplicabilidade que afetam periodicamente a Geografia” (ABREU, 1994, p. 240).

Um novo período pode ser identificado na produção em geografia urbana, assim como na geografia como um todo. É que a partir de 1968 a geografia brasileira sofre uma mudança quando passa a adotar técnicas quantitativas e instaura-se a *new geography*.

A Geografia ‘Neopositivista’ e a ‘revolução quatitativa’ durou quase toda a década de 70, considerada a época de maior força no Brasil. Contudo, conforme

afirma Abreu (1994), não houve uma revolução neopositivista, “embora o discurso neopositivista tenha sido importado, nem seu objetivo (teorizar), nem seu método característico (o dedutivo) foram adotados plenamente pelos geógrafos brasileiros (...)” (ABREU, 1994, p. 245). Ainda assim muitos estudos foram produzidos sob essa orientação metodológica, quando também se enfatiza a necessidade de trabalhos aplicados ao planejamento nacional em um contexto político de controle estatal. A cidade nesses estudos recebe um tratamento neutro. Segundo Corrêa, “a geografia teórico-quantitativa introduziu nos estudos interurbanos uma perspectiva que considera a cidade e suas relações socioespaciais como ‘coisas” (CORRÊA, 1989, p. 121).

A falta de consistência teórica do neopositivismo será passível de ataques. Em 1978, no 3º Encontro Nacional de Geógrafos, as críticas à produção em geografia urbana abordavam a “tendência do geógrafo urbano de estudar apenas padrões espaciais (e não os processos que lhe são causais) e, em segundo lugar, a sua relutância em fazer uma (auto) crítica das pesquisas já realizadas até agora” (CARLOS, 1994b, p.13). A insatisfação é justificada por Corrêa (1978) ao perceber o excessivo pragmatismo a serviço do aparelho oficial. Em todas as comunicações do evento acima citado os autores enfatizam a necessidade de mudança, sugerindo novos rumos de pesquisa. Propõem-se “o abandono do estudo de padrões espaciais em si e sua substituição por análises onde as relações entre processo e forma espaciais sejam evidentes” (ABREU, 1978, p. 21). O urbano deve ser estudado como parte integrante de um contexto social mais amplo (FREDRICH, 1978, p.23).

Esse evento torna-se um marco que transformou os modos de pensar e fazer geografia urbana. Segundo Carlos, a partir de então novas categorias são incorporadas, “o que permite um avanço substancial nas formas de entendimento do

fenômeno urbano e uma análise que se processa para além de suas manifestações formais” (CARLOS, 1994a, p. 176).

A abordagem marxista / radical da Geografia urbana tem como objetivo principal denunciar as disparidades sociais promovidas pelo capitalismo. Nessa ótica retoma-se a perspectiva histórica como base no materialismo histórico-dialético. Procura-se romper o isolamento do geógrafo aceitando as contribuições de autores não-geógrafos como Castells, Lefébvre, Lojkin e Topalov, que junto com o geógrafo David Harvey formavam a ‘frente ampla’. Conforme Moraes,

A geografia crítica também se desenvolveu bastante a partir de estudos temáticos, notadamente aqueles dedicados ao conhecimento das cidades (que não devem ser confundidos com a Geografia Urbana tradicional) (MORAES, 2005, p.126).

Entre o temário da Geografia Urbana crítica está a utilização do espaço desigual e os confrontos de interesse; urbanização e as relações de dominação; políticas urbanas; processos de produção do espaço urbano, movimentos sociais e a questão da moradia. Esta nova orientação teórico-metodológica tem estimulado e multiplicado a produção geográfica, considerando as várias propostas e caminhos. “Pode-se dizer mesmo, sem medo de errar, que é a partir dessa perspectiva analítica que a pesquisa urbana tem avançado mais na geografia brasileira” (ABREU, 1994, p. 259).

A Geografia Urbana atualmente tem outros desafios, tendo em vista a progressão na taxa de urbanização que supera 81%, segundo o censo de 2000. Exige-se uma nova ótica para tratar a urbanização brasileira e a concentração urbana. Segundo Soares (2006),

Na contemporaneidade da urbanização brasileira, verifica-se um amplo processo de reestruturação caracterizado pela “explosão” das tradicionais formas de concentração urbana e pela emergência de novas formas espaciais, continentes de novas territorialidades dos grupos sociais. Na escala intraurbana, o fenômeno da “dispersão urbana” está alterando a morfologia urbana tradicional, gerando novas centralidades e novas

periferias. Na escala interurbana e regional, são produzidos novos processos de desconcentração e reconcentração espacial da população, das atividades econômicas e da informação sobre o território (SOARES, 2006, p. 347).

O estudo sobre a cidade também exige uma nova perspectiva, visto que é um novo contexto de novas lógicas territoriais após a difusão de tecnologias da informação. As contribuições recentes procuram trabalhar com um enfoque informacional e regional com ênfase à escala local/regional.

Com a globalização, amplia-se a variedade de tipos econômicos, culturais, religiosos e lingüísticos, multiplicam-se os modelos produtivos, de circulação e consumo, segundo qualificações e quantidades, e também aumenta a variedade de situações territoriais (SANTOS, 2006, p. 287).

A análise da contribuição da fase atual da Geografia Urbana para a formação do pensamento geográfico brasileiro poderá ser tema de uma futura pesquisa. Por enquanto cabe analisarmos como essa disciplina foi desenvolvida no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

1.2 A GEOGRAFIA URBANA NO IBGE

O Conselho Nacional de Geografia (CNG) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi criado em 1937 e surge da necessidade do governo de estudos sobre o território nacional. O contexto do pensamento geográfico da época já é o período da Geografia moderna. A produção geográfica até 1930 apesar de incipiente e dispersa se organiza para tornar-se científica. No estudo de Machado (2005), que analisa o contexto do pensamento geográfico no período de 1870 a 1930, ela afirma que ao final do período selecionado o “pensamento geográfico foi reduzido a uma dimensão descritiva, e associado às teorias de *aménagement* do território” (MACHADO, 2005, p. 349). Já se iniciava o processo de institucionalização da disciplina e a noção de espaço geográfico foi incorporada ao pensamento

geopolítico brasileiro, ratificando assim a noção dos historiadores que tem a Revolução de 1930 como marco da ascensão de um projeto de modernização do Brasil. A criação do CNG faz parte, portanto de um projeto estatal para ‘descobrir’ o país e suas potencialidades.

A trajetória desse órgão desde a criação até a década de 1990 é profundamente analisada na tese de Almeida (2000) *A Geografia e os geógrafos do IBGE no período de 1938-1998*. Existem outros estudos que tem como objeto esse órgão estatal. Outras fontes para conhecer o IBGE são os periódicos produzidos pelo próprio órgão: a Revista Brasileira de Geografia (1939 – 1995) e o Boletim Geográfico (1943 – 1978).

O IBGE foi criado logo após os cursos superiores de Geografia em São Paulo (1934) e no Rio de Janeiro (1935), esse fato contribuiu para que no início o Conselho Nacional de Geografia fosse formado majoritariamente por engenheiros, tendo em vista o ano de formação da primeira turma do curso de Geografia. Orlando Valverde foi o primeiro geógrafo contratado pelo CNG em 1938. Conforme Almeida (2000), “a Geografia da academia e a do sistema de planejamento no Brasil nasceram juntas e foram organizadas tecnicamente no Rio de Janeiro, pelo mesmo profissional (Deffontaines), que possuía fortes raízes lablacheana” (ALMEIDA, 2000, p. 88). Havia, portanto uma interlocução entre o órgão de pesquisa e a academia, compartilhando os profissionais e a produção do conhecimento.

A temática urbana foi foco de diversos pesquisadores brasileiros no IBGE, recebendo contribuições importantes daqueles que se dedicavam com maior ênfase e produziam sistematicamente sobre o assunto. Com a intensificação do processo de urbanização no país, é natural que o órgão do governo se dedicasse ao tema que demandava mais atenção devido a necessidade de planejamento. A Geografia

Urbana receberá também contribuições de pesquisadores tradicionalmente ligados a outras áreas de estudo, como as primeiras séries de trabalhos produzidas pelo engenheiro Jeronymo Cavalcanti e pelo engenheiro Moacir F. da Silva. A necessidade de profissionais qualificados, de geógrafos no caso para o CNG, para atendimento da crescente demanda de um governo desenvolvimentista intensifica o intercâmbio entre pesquisadores da academia e do CNG,

(...) logo passou a contar em seus quadros com a participação de jovens geógrafos egressos da Universidade do Distrito Federal, dando também estágio a uma ampla gama de estudantes que ainda estavam em formação nessa Universidade, a partir de 1939 denominada Universidade do Brasil (hoje UFRJ) (ABREU, 1994, p. 209).

Nesse período inicial foi de grande valia a contribuição de pesquisadores estrangeiros. Esse intercâmbio de conhecimento promovido pelo CNG realizava-se desde o recebimento no órgão de profissionais visitantes, principalmente de origem francesa, como o envio de profissionais do órgão para cursos no exterior. O primeiro professor visitante foi Pierre Deffontaines (1894-1978), vindo da França em 1934. Seu objetivo era criar estruturas de ensino e pesquisa para a Geografia. Foi responsável pela criação do curso de Geografia tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro e permaneceu no Brasil até 1939. Ele realizou um estudo que muito contribuiu para a geografia urbana intitulado *A Geografia Humana do Brasil* (RBG v.2, n.1, p. 34-46, 1939) em que analisa as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro enfocando a posição e o sítio, o processo de ocupação do solo, o microclima, as vias de comunicações e o abastecimento. Publicou também artigos sobre funções urbanas e métodos de classificação das cidades brasileiras de acordo com essas funções.

Em 1940, chega ao Brasil o professor Francis Ruellan (1894-1975) na área de geomorfologia que intensifica as relações entre os geógrafos cariocas e a Geografia francesa. Nesse mesmo período o CNG financia a ida do geógrafo brasileiro Jorge

Zarur em 1942 para se pós-graduar no mestrado da Universidade de Wisconsin nos Estados Unidos. A partir daí se fortalecem as relações externas dos profissionais do órgão, quando muitos se especializam em universidades, principalmente, americanas e francesas. Há também intercâmbio entre o Brasil e a Alemanha, a Inglaterra e o Canadá. Segundo Almeida (2000, p. 88) é nesse contexto que chega o alemão Leo Waibel para trabalhar no IBGE realizando pesquisas sobre os processos de colonização. Outros nomes se destacam na contribuição ao órgão: Emmanuel de Martonne, Pierre Dansereau, Clarence Jones, Preston Everett James, Jean Tricart, dentre outros. Na Geografia Urbana destacam-se as contribuições de Michel Rochefort nos estudos sobre redes urbanas e Bryan Berry e John Friedman, com os estudos sobre estruturas urbanas.

O professor Michel Rochefort estava terminando sua tese de doutoramento sobre redes urbanas quando em 1966 foi convidado pelo IBGE para tratar de questões relacionadas à modernização do CNG.

O principal trabalho orientado por Michel Rochefort foi realizado pelo Grupo de Trabalho de Geografia Urbana da Divisão de Geografia do CNG, criado em 1961 e coordenado por Lisia Bernardes e editado em 1964. Chamou-se *O Rio de Janeiro e Sua Região* (ALMEIDA, 2000, p. 95).

Michel Rochefort colaborou com o CNG na década de 60 com estudos sobre urbanização e sobre o processo de determinação da hierarquia urbana de um espaço regional e nacional, através da avaliação do setor terciário das cidades envolvidas. Esse método foi amplamente utilizado pelos geógrafos do CNG numa fase de crescimento da importância dos estudos urbanos e industriais nos programas de planejamento e governo e o intenso crescimento demográfico nas duas principais metrópoles, Rio de Janeiro e São Paulo.

Segundo Corrêa (1989), “a influência de Rochefort apareceria ainda através dos longos estudos baseados em informações das mais diversas fontes, entre elas

questionários sobre a procedência de pessoas às cidades para comprar bens e utilizar seus serviços” (CORRÊA, 1989, p. 118). Pesquisadores como Lysia Bernardes, Roberto Lobato Corrêa, Fany Davidovich, Elza Keller e Maria Salete Souza foram alguns que produziram trabalhos a partir dessa metodologia. Conforme relata Almeida (2000), na década de 60 Michel Rochefort “deixou um legado de formação de técnicos e de adoção de metodologias nos estudos urbanos e industriais que ainda não foi totalmente substituído” (ALMEIDA, 2000, p.185).

Na década de 70, apesar dos pesquisadores do Departamento de Geografia (DEGEO) não abandonarem por completo as concepções teórico-metodológicas de Rochefort, novas referências teóricas influenciaram as pesquisas urbanas. Acompanhando a nova fase da Geografia, as proposições de Friedmann, Cristaller e Berry foram adotadas tardiamente em relação aos países anglo-saxônicos. O primeiro contato acontece em 1968 quando o economista e planejador John Friedmann em visita ao IBGE sugere o uso dos métodos de Brian Berry. Posteriormente, conforme relato de Geiger, “John Cole trouxe a Quantitativa para o Brasil” (GEIGER, 1988, p. 77). Segundo Abreu (1994)

O que parece ter sido realmente novo nos contatos estabelecidos por Friedmann, Berry e Cole foi o acoplamento perfeito dos discursos neopositivista (que eles trouxeram), tanto às exigências do momento político-econômico pelo qual passava o país, quanto às pretensões de cientificidade e de aplicabilidade que afetam periodicamente a Geografia e que, àquela época, estavam novamente em alta (ABREU, 1994, 221).

No DEGEO, a Geografia Teorético-quantitativa foi exaustivamente utilizada, mais do que na Academia. Estudos como *Regiões de Influência das cidades*, coordenado por Corrêa em 1987 em que “a teoria das localidades centrais está claramente explicitado, assim como são discutidos estudos que, criticamente, estabeleceram extensões às formulações clássicas” (CORRÊA, 1989, p. 119). É importante salientar a coexistência de pesquisas sob a ótica de diferentes correntes

na produção do IBGE. Na Geografia urbana do IBGE ampliam-se os estudos sobre hinterlândias, hierarquias e redes.

Nos anos de 1980 chegou à Geografia a crise que se abateu na década de 60 sobre todo o conjunto de disciplinas que estudam as cidades. A crítica à análise urbana feita até então é sobre a tendência de ver a cidade separada do seu contexto histórico-social.

Abreu caracterizou o processo de evolução para se chegar à Geografia Crítica como rápido, tumultuado e construtivo.

Rápido porque suas primeiras manifestações começaram apenas na segunda metade da década de 70; tumultuado porque sua implantação e desenvolvimento ocorreram associados à contestação (política e epistemológica) do *status quo* profissional, isto é, de um *establishment* geográfico longamente estabelecido; construtivo, finalmente, porque é através da Geografia Crítica que a produção de conhecimento sobre a cidade (e sobre outras dimensões do espaço geográfico) vem hoje se realizando de forma mais sólida (...) (ABREU, 1994, p. 235).

Os nomes como Castells e Harvey aparecem com mais freqüência na bibliografia da produção do DEGEO. Uma nova temática é incorporada aos estudos urbanos e os geógrafos do IBGE produzem vários artigos já sob a égide dessa nova geografia.

Os anos pós-1990 a produção de Geografia Urbana no IBGE se concentra na construção do atual quadro da rede urbana do País e suas principais alterações. A reestruturação e a 'menor' participação do IBGE na produção científica, entre outros motivos, deve-se às mudanças político-econômicas que estavam acontecendo no país. Uma das conseqüências foi a aposentadoria de grande parte do quadro funcional,

Entre dezembro de 1990 e outubro de 1991, houve uma verdadeira drenagem de funcionários do IBGE, com 1069 aposentadorias, sendo 329 profissionais de curso superior e destes 45 eram geógrafos. Se levarmos em consideração que as áreas onde esses profissionais trabalhavam (Departamento de Geografia e Departamento de Recursos Naturais) apresentavam na época uma lotação de aproximadamente 115 geógrafos, é possível perceber a dimensão do estrago (ALMEIDA, 2000. p. 292).

De forma geral, podemos afirmar que as linhas de trabalho da Geografia Urbana no IBGE acompanharam as linhas do pensamento geográfico e correspondentes discussões teóricas. Identificam-se quatro correntes metodológicas: a Tradicional, a Quantitativa e a Marxista/Crítica. A identificação de correntes foi possível a partir da análise do material produzido pelos pesquisadores do Conselho Nacional de Geografia, posteriormente Departamento de Geografia. Atualmente há a Coordenadoria de Geografia.

A estrutura de trabalho no Órgão era organizada em grupo de estudo para um determinado projeto para o qual era selecionada uma equipe ou em grupo de áreas de interesse (Exemplo: Grupo de Áreas Metropolitanas – GAM). O primeiro projeto que gerou vários estudos urbanos foi o de identificação e delimitação dos municípios brasileiros, que posteriormente será uma das bases para a produção de monografias urbanas, tendo em vista a coleta de informações dos municípios. Outros projetos como a análise da estrutura urbana, delimitação das regiões funcionais urbanas, definição de metrópoles nacionais e da sua hierarquia, classificação dos centros urbanos, regiões de influência das cidades, permitiram aos profissionais do IBGE a construção de um acervo técnico considerável, que serviu e ainda serve de referência. A produção de Geografia, não apenas a urbana, era divulgada através da publicação de artigos em revistas, principalmente a Revista Brasileira de Geografia, participação em congresso e simpósios e outros produtos editados pelo órgão.

Considerando apenas os estudos intra-urbanos, Abreu (1994) fez uma revisão desses trabalhos realizados por pesquisadores do IBGE no artigo *O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: Evolução e Avaliação*, onde foram detectados 158 trabalhos realizados por geógrafos do IBGE dentro e fora do contexto editorial do órgão, mesmo sendo este um órgão de abrangência nacional. Os pesquisadores

também produziram vários estudos sobre a relação campo-cidade e processo de urbanização do Brasil.

Como se percebe, a produção geográfica do IBGE excedeu em muito ao papel de um órgão estatal, estabelecendo conexões com a academia e participando ativamente desde a sua criação da construção de uma Geografia Brasileira. Tal afirmativa é ratificada no trabalho realizado por Almeida (2000), que ao estudar o pensamento geográfico do IBGE relata a conexão que existia entre a produção do conhecimento para uso na estrutura de ensino, com a formação e o aperfeiçoamento do corpo docente, e o novo segmento voltado para a estruturação do sistema de planejamento territorial, do qual o IBGE passou a ser um dos principais agentes. Como afirma Carlos “Não existe geografia sem produção geográfica, sem o ‘pensar-se’ a realidade, sem a explicitação teórica advinda da interpretação do real” (CARLOS, 1994b, p. 9). Dessa forma, o objetivo que era inicialmente de atender à demanda do governo foi extrapolado, pois o IBGE torna-se referência na elaboração de metodologias em diversas linhas de pesquisa, contribuindo para a construção e definição da Geografia nacional.

1.3 A REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA E OS ESTUDOS URBANOS

A Revista Brasileira de Geografia (RBG) é uma publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, um órgão governamental com sede no Rio de Janeiro, portanto de grande importância nacional. Inicialmente como periódico do Conselho Nacional de Geografia, considerada a entidade oficial da geografia brasileira, a proposta de edição desse periódico surge da necessidade de difusão e divulgação dos conhecimentos geográficos, àquela época concentrados no Rio de

Janeiro (Distrito Federal). Segundo Resolução nº 18, de 12 de julho de 1938, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia que provê a publicação da Revista Brasileira de Geografia, esta tinha por objetivos principais:

- a divulgação do território brasileiro;
- a divulgação da metodologia geográfica moderna, da metodologia de ensino da Geografia e dos conhecimentos da ciência geográfica e ciências correlatas;
- a vulgarização da atividade geográfica brasileira, especialmente dos empreendimentos e realizações do Conselho.²

O periódico inicialmente trimestral contava em média com cinco artigos por volume, a tiragem inicial era de 5.000 exemplares com distribuição nacional e internacional. A RBG apresentou uma formatação com seções diversificadas, com o seguinte sumário:

- Artigos
- Vultos da Geografia
- Inquérito Geográfico
- Comentários
- Tipos e aspectos do Brasil
- Atividades Geográficas
- Noticiário
- Relatórios, resoluções e leis
- Bibliografia

Esse formato foi mantido por 28 anos, quando em 1967 o IBGE é transformado em fundação e o Conselho Nacional de Geografia é substituído pelo Departamento de Geografia (DEGEO). Entre 1967 e 1974 a revista apresenta-se apenas com artigos e noticiários. Em 1975 tenta-se retomar a antiga formatação,

² Revista Brasileira de Geografia, v. 1, n. 1, 1939.

mas em 1986 ela muda novamente a apresentar apenas artigos e comentários, que se mantém até a última edição contínua em 1995.

As primeiras publicações apresentavam todos os artigos com resumo em inglês, francês, alemão, espanhol e italiano. O intuito era tornar a RBG em um periódico de referência nacional e internacional. Publicaram-se artigos que abordaram diversos temas: geografia agrária, da população, cultural, economia, política, do turismo, industrial, artigos na área de educação, cartografia, geomorfologia, climatologia etc.

É importante esclarecer que a Revista Brasileira de Geografia apesar de ser uma publicação de um órgão governamental não era um canal de propaganda do governo e não tinha seus artigos adaptados às determinações políticas, como esclarece Almeida (2000) quando comenta que os artigos de Christovão Leite de Castro sobre o processo de transferência da capital do Brasil para algum ponto do interior brasileiro geraram muita polêmica no contexto das relações do IBGE com a Presidência da República. A não interferência política na escolha dos artigos do periódico evidencia-se também nos artigos de cunho marxista publicados no período de Ditadura Militar no Brasil.

A importância desse periódico pode ser medida também pelas pesquisas que a utilizaram e utilizam como fonte bibliográfica ou como objeto de estudo, como esta. Por mais de 50 anos foi o mais importante veículo de divulgação dos estudos e pesquisas geográficas do país. Como consta no editorial da edição comemorativa de trinta anos de publicação “a Revista Brasileira de Geografia foi testemunha e arauto do que mais atual e significativo realizou-se nesse diferentes ramos” (RBG, v.31, n.1, 1969, p.4) referindo-se às diferentes áreas da Geografia. Na última edição publicada em 2005, após oito anos de interrupção, esperava-se a retomada dessa

publicação, mas como consta no editorial a revista passava por dificuldades e desde então não foi mais publicada.

Quanto à Geografia Urbana, os artigos publicados na RBG não eram de autoria exclusiva dos geógrafos do IBGE, conquanto esses utilizassem do periódico para divulgação de sua produção. Considera-se que os primeiros estudos de geografia urbana foram produzidos por engenheiros, como por exemplo, Jeronymo Cavalcanti e Moacir F Silva, ou mesmo pesquisadores estrangeiros como Pierre Deffontaines que tem alguns capítulos dedicados ao tema com seu artigo *A Geografia Humana no Brasil* (RBG, v.2, n.1, 1939) em que analisa as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Os artigos urbanos dos geógrafos do IBGE eram em geral resultados dos trabalhos realizados pelo órgão.

Entre os anos de 1939 e 2005, a RBG publicou 220 revistas (incluídas as edições comemorativas), com mais de 800 artigos. Os artigos que abordam a temática urbana correspondem a 12% do total, o que equivale a 148 artigos. Podemos comparar a produção da RBG com outro periódico de grande importância, como o Boletim Paulista de Geografia. Ao longo de 55 anos, a RBG publicou um pouco mais que o triplo de artigos de geografia urbana comparada ao BPG. Quanto ao volume numérico, comparativamente a RBG ampliou o número de artigos publicados ao longo do tempo, diferentemente do BPG que manteve um número eqüitativo de artigos publicados, com exceção da década de 1970.

O número de artigos relacionados à ampla temática da Geografia Urbana tornou-se crescente uma vez que, esta publicação, entre 1939 e 1970 divulgava 43 artigos classificáveis como de Geografia Urbana, e de 1971 a 1995 esse total passa para 105 artigos. Observando a Tabela 1, concluímos que o número de estudos urbanos desempenhou um papel significativo como temática representando nas

duas últimas décadas cerca de $\frac{1}{4}$ do total de artigos publicados. Dessa forma, é notória a força da geografia urbana na geografia brasileira expressa através da RBG.

Tabela 1: A Representatividade dos Estudos Urbanos na Revista Brasileira de Geografia, 1939 – 1995.

PERÍODOS	TOTAL DE ARTIGOS RBG	TOTAL DE ARTIGOS DE URBANA	%
1939 - 1955	210	14	6,5
1956 - 1970	201	29	14,5
1971 - 1980	178	43	24,0
1981 - 1995	272	62	23,0
TOTAL	861	148	17,0

Fonte: RBG, 1939 – 1995.

Apresenta-se uma análise mais detalhada da produção em Geografia Urbana na RBG no capítulo seguinte, em que se discorre sobre o quantitativo da produção em períodos, temas e autores.

CAPÍTULO 2

REVISITANDO A REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Após uma inicial pesquisa entre os periódicos disponíveis para se utilizar como fonte de dados, verificou-se que a Revista Brasileira de Geografia (RBG) apresentou uma ampla abordagem sobre as temáticas da Geografia Urbana com artigos extremamente representativos para a disciplina, além dos estudos considerados clássicos. Considerou-se também a acessibilidade a todos os números do periódico e o IBGE fornece gratuitamente em formato digital todas as revistas publicadas, o que facilitou sobremaneira a realização desta pesquisa.

A escolha da Revista Brasileira de Geografia como objeto de pesquisa surgiu do entendimento que por se tratar de uma publicação de um órgão nacional ela tem uma importância na vasta produção geográfica que se verificou por todo o país. Deve-se considerar também a qualidade das publicações, tendo em vista que por muitos anos a RBG foi o principal, e durante alguns anos único, periódico de divulgação no âmbito nacional. Ressalta-se também o fato desse periódico ter tido uma regularidade na edição dos seus volumes durante um período que recobre cerca de cinco décadas.

Consideramos nessa pesquisa os anos de publicação da RBG desde 1939 a 1995. As duas últimas revistas (1996³ e 2005) não foram contabilizadas por terem sido publicadas posteriormente, indicando uma descontinuidade na publicação. Há ainda outra edição comemorativa dos 70 anos da RBG, lançada em 2008 com a republicação de vários artigos, mas que também não foi considerada nessa pesquisa. Ressalta-se que houve anos que em nenhum dos quatro números do volume se

³ Foi editada em 2002.

publicou artigos com a temática urbana, quais sejam: 1939, 1943, 1948, 1950, 1952, 1953, 1954, 1957, 1964, 1985 e 1993.

A utilização da RBG, ou de periódicos, para análise da produção já foi realizada para outros campos da ciência geográfica. Podemos citar o trabalho de Camargo (2004), *Uma análise da produção biogeográfica no âmbito de periódicos geográficos selecionados*, em que apresentou um levantamento dos trabalhos em Biogeografia e de temas similares publicados em periódicos brasileiros, procurando evidenciar e discutir a natureza desses trabalhos e sua importância. Foi levantado um total de 143 artigos diretamente relacionados com a temática biogeográfica nos quatro periódicos selecionados (Revista Brasileira de Geografia, Boletim Geográfico, Anais da Associação dos geógrafos Brasileiros e Boletim Paulista de Geografia). Camargo faz ainda uma subdivisão de categorias dos artigos e analisa cada uma delas. Também identificou a formação profissional dos autores, concluindo que a maioria são geógrafos.

Outra pesquisa realizada foi no âmbito da geografia agrária *Características teórico-metodológicas da Geografia Agrária Clássica: a produção nas revistas científicas brasileiras* de Alves e Ferreira (2009) que realizaram um levantamento bibliográfico nos periódicos do Boletim Geográfico, Revista Brasileira de Geografia e Boletim Paulista de Geografia, além de livros que tratassem da questão agrária na Geografia. O recorte temporal foi o período 1930-1950, denominado de 'Escola Clássica'

Há ainda um estudo muito ligado com a presente proposta que é o trabalho de Guidugli (1993). Um pequeno artigo publicado nos Anais do 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, intitulado *Produtos dos estudos em Geografia Urbana: uma análise de artigos da Revista Brasileira de Geografia* em que o autor se propõe

avaliar criticamente as bases da Geografia urbana na RBG no período de jan/1970 a dez/1990. Nele, foram analisados 87 artigos e feito o inventário e mapeamento a partir da bibliografia apresentada nos diferentes artigos, contudo as conclusões dessa pesquisa não estão acessíveis na forma de texto, impossibilitando uma comparação ou análise do processo de codificação da bibliografia utilizada.

A presente pesquisa diferencia-se por avançar na dimensão da análise, já que foi considerada toda a produção da RBG e por ter outros enfoques, como pormenorizar essa produção em períodos, temas e autores, o que será visto a seguir.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS URBANOS NA RBG

A metodologia desse estudo consiste em identificar no índice do periódico, a partir do título dos artigos, aqueles que se dedicaram à temática urbana. Considerou-se como artigo os trabalhos com no mínimo cinco páginas. Foram excluídos os comentários, textos sobre os 'tipos e aspectos do Brasil' e textos de outras seções da revista, em geral, por serem muito curtos. Depois de incluídos todos os artigos de Geografia Urbana, iniciou-se o processo de classificação temática, procurando identificar os autores e temas. O intuito foi construir um quadro que refletisse as influências teóricas de cada período da história da geografia urbana no Brasil, assim como da geografia enquanto área do conhecimento.

Pretende-se neste capítulo apresentar uma classificação dos artigos que abordam a temática urbana de três formas distintas:

- a) Períodos
- b) Temas
- c) Autores

A intenção é permitir uma melhor compreensão da distribuição dos artigos de acordo com esses critérios e em seguida analisar essa distribuição, verificando se há coerência ao inter-relacionar os três aspectos com as diferentes fases por quais passou a geografia urbana e assim aferir se a RBG enquanto periódico reflete, na forma de artigos, o desenvolvimento da Geografia Urbana.

2.1.1 Os períodos

Para uma melhor análise da produção estabelecemos uma periodização em quatro intervalos. É importante lembrar que a determinação de fases é apenas um recurso para facilitar a compreensão do que foi produzido em determinada ciência, conforme aponta Carlos (1994) “esses momentos, que poderíamos caracterizar como fases da pesquisa urbana, estão fundamentados numa determinada concepção de mundo, têm um fio ideológico articulado e uma opção metodológica definida, mas nem sempre seguem uma seqüência cronológica, apesar de manterem características próprias e definidas” (CARLOS, 1994b, p.10).

Reconhece-se que a divisão de períodos é passível de erros devido à problemática de enquadrar os artigos de acordo com o ano da publicação e associá-los às fases epistemológicas da geografia. Contudo, ponderou-se que seria a divisão mais condizente com o objetivo da pesquisa e os resultados demonstraram vinculação com a história do pensamento geográfico, já que se realizou uma análise temática antes da divisão em períodos

Considerando então o tempo de publicação da RBG de 1939 a 1995, procurou-se dividir os períodos de acordo com as fases da Geografia brasileira (ver quadro 1, p. 38).

Os períodos são:

- 1939-1955
- 1956-1970
- 1971-1980
- 1981-1995

Com base em Corrêa (1989), o período entre o século XVII e 1933 é considerado como fase não acadêmica e não institucionalizada, porque somente em 1934 foi criado o Departamento de Geografia e História da USP, marco da fundação da moderna geografia brasileira. Como a RBG só passou a ser publicada em 1939, o que foi produzido nesses anos não será contemplado em nossa análise⁴.

Os dois primeiros períodos (1939-1955 e 1956-1970) correspondem à fase da Geografia tradicional. Entretanto, dividimos esse período estabelecendo como marco temporal o *Congresso Internacional de Geografia da União Geográfica Internacional* (UGI) de 1956.

Assim, consideramos como primeiro período aquele que compreende o início da edição do periódico até o ano de primeira mudança na geografia brasileira. Em seqüência, o segundo período tem início no ano de 1956. O terceiro período (1971-1980) tem foco na década de 1970, período que abrange a fase da *New Geography* ou Geografia teórico-quantitativa. É o menor período que recobre nove anos de produção. O quarto e último período é o início da década de 1980, pós *Congresso de Fortaleza* (1978), considerado um momento de ruptura quando “novas linhas de interpretação da realidade são adotadas, especialmente aquela fundada no materialismo histórico e dialético” (CORRÊA, 1989, p.114).

⁴ Ver artigo de Lia Osório e livro de Pedro Vasconcelos que fazem uma análise da produção nesse período.

2.1.2 Os temas ao longo do tempo

Para uma análise inicial agrupamos os artigos em seis grandes temas da geografia urbana com a finalidade de verificar quais temas foram mais privilegiados e em qual período. Os temas foram:

- Área de influência / Rede urbana / Cidade-região / Funções urbanas;
- Organização interna das cidades;
- Monografias urbanas;
- Proposições Teórico-metodológicas;
- Processo de urbanização;
- Políticas públicas e planejamento;
- Outros.

Estes eram os temas em que a Divisão de Estudos Urbanos do IBGE estava estruturada. Nessa Divisão existia os setores de Estudo Interurbano, Intra-urbano e Urbanização, portanto havia possibilidades efetivas para que estudos sobre essas temáticas fossem publicados na revista organizada pelo órgão. O tema 'Monografias Urbanas' faz parte da tradição da geografia pela influência de Pierre Monbeig. Os outros dois temas Proposições Teórico-metodológicas e Políticas Públicas e Planejamento surgem das intenções explícitas dos geógrafos que se dedicaram à geografia urbana, principalmente pós-70. A classificação 'Outros' é para os estudos urbanos que não têm expressiva ocorrência para constituir um único tema. Sabemos das limitações na escolha desses temas e das possíveis discordâncias quanto à classificação dos artigos em cada um deles, mas os temas são correntes na prática da geografia urbana e a classificação é sempre sujeita a interpretações pessoais.

A seguir apresentamos o Quadro 1 em que se pode visualizar a distribuição dos artigos segundo os temas e períodos considerados.

Quadro 1: Distribuição dos Artigos Segundo Temas e Períodos

TEMAS	Períodos				
	1939-1955	1956-1970	1971-1980	1981-1995	TOTAL
Área de influência / Rede urbana / Cidade - região / Funções Urbanas	–	15	16	17	48
Organização Interna da Cidade	1	6	7	19	33
Proposições Teóricas e Metodológicas	5	1	9	6	21
Processo de Urbanização	1	3	5	9	18
Outros Temas	–	1	6	8	15
Monografias Urbanas	7	3	–	–	10
Políticas públicas e Planejamento	–	–	–	3	3
TOTAL	14	29	43	62	148

Fonte: RBG, 1939-1945.

2.1.3 Análise dos períodos e temas

A análise do Quadro revela que os artigos definidos como “monografias urbanas” foram mais expressivos no período de 1940-1955; dos dez artigos publicados, sete foram produzidos nesse período. De acordo com Abreu, a monografia urbana era uma síntese urbana pela integração de dados físicos e humanos. Segundo ele “era o resultado da aplicação do método da geografia regional à cidade” (ABREU, 1994, p. 208). Essa característica marcante nas publicações deve-se a Pierre Monbeig. Segundo ele (MONBEIG, 1943) as monografias urbanas deveriam abranger seis segmentos: o sítio, a posição, a evolução histórica, a fisionomia e estrutura, as funções urbanas e o raio da ação da

cidade. Abreu revela a importância desse modelo de estudo quando afirma que “é inegável que o método sugerido por Monbeig não apenas se afirmou na geografia brasileira, como teve também um papel orientador fundamental na evolução subsequente dos estudos urbanos no país” (ABREU, 1994, p. 213). Segundo Corrêa, “os estudos urbanos realizados nos anos 40 privilegiaram a cidade considerada isoladamente, abordando, em muitos casos, exclusivamente o seu espaço interno; em outros, adicionalmente, consideraram a posição e as funções urbanas” (CORRÊA, 1989, p. 114).

Na RBG dos 14 artigos desse período publicados, classificados como da geografia urbana, sete eram monografias, apesar de nem todas seguirem o modelo tradicional, como os artigos *Dois ensaios de Geografia Urbana: Pirapora e Lapa* de Orlando Valverde (RBG, v.6, n.4, 1944) e *Atibaia* de Carlos Frederico dos Santos Silva (RBG, v.11, n.4, 1949), que segundo Abreu (1994) embora seguissem o modelo monbeigiano não se estruturaram necessariamente como monografia. Esse modelo de estudo ainda aparece nos anos seguintes, mas de forma bem menos expressiva. São os artigos sobre Marabá (DIAS, 1958), Taubaté (MÜLLER, 1965) e Rio de Janeiro (PINTO, 1965). Depois de 1965 não existem mais artigos publicados na RBG segundo essa visão.

No segundo período considerado, pós-Congresso da UGI (1956-1970), nota-se na RBG o acréscimo de artigos que abordam temas como Área de influência / Rede urbana / Cidade-região / Funções urbanas. Destaca-se também o fato de que não havia produção com essa temática antes do Congresso da UGI. Corrêa afirma que “por Jean Tricart e Michel Rochefort, o tema rede urbana foi introduzido no país” (CORRÊA, 1994, p. 326). É um tema que se torna de permanente interesse na RBG, que deteve cerca de 1/3 de sua produção, com 48 artigos e uma média de 16 artigos

por período. São artigos em que se percebe a influência de Rochefort, destacando-se o artigo produzido por Geiger e Davidovich (1961), *Aspectos do fato urbano no Brasil*, “trata-se do primeiro estudo que considera toda a rede urbana brasileira e sua dinâmica, constituindo trabalho clássico” (CORRÊA, 1989, p. 118). Os artigos desse tema variavam em termo de escala, desde a intra-urbana até a nacional. É um tema que possui a participação de diversos autores, com destaque para Roberto Lobato Corrêa, que publicou 11 dos 48 artigos, inclusive o artigo *Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira* (RBG, v. 51, n.3, 1989) que faz uma avaliação da produção geográfica brasileira sobre o tema.

No período seguinte, durante a década de 1970, é o período que compreende a fase de maior força das técnicas quantitativas na geografia urbana em geral, com pesquisas sob orientação de métodos operacionais matemáticos e estatísticos, com a apresentação de modelos baseados na análise fatorial e teoria dos grafos. Corrêa afirma que os estudos enfatizavam o desenvolvimento, o mercado e a eficiência e equidade socioespacial (CORRÊA, 1989, 121). É um novo contexto de pesquisa, que segundo Almeida, “enfocava o processo de metropolização” (ALMEIDA, 2000, p.50).

Ainda que durante a década de 1970 o tema Área de influência / Rede urbana / Cidade-região / Funções Urbanas fosse destaque, observa-se o acréscimo do número de artigos que apresentam proposições teórico-metodológicas, são artigos que propõem em geral novos métodos de estudo, exemplificando a aplicação de uma determinada metodologia ou mesmo algumas avaliações mais gerais sobre a geografia urbana. Como por exemplo, os artigos *Proposição Metodológica para a revisão da divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas* (RBG, v. 38, n. 2, 1976) e *Avaliação da metodologia proposta para a revisão da divisão do Brasil em regiões*

funcionais urbanas (RBG, v. 38, n. 3, 1976) produzidos pelo Grupo de estudos de regionalização do IBGE.

Durante a década de 80 a despeito de estabelecer-se a fase de maior crítica ao modelo de Geografia que se praticava, a falta de consistência teórica dominante no período anterior será passível de ataques a partir de estudos que apresentam uma base teórica calcada no materialismo histórico dialético. As críticas são incisivas à acumulação do capital, agentes sociais e lutas de classes, temáticas muito mais restritas ao âmbito interno da cidade, e por isso uma fase de maior destaque para temas sobre a Organização Interna da Cidade, quando o número de artigos sobre esse tema representa 50% do que foi produzido até então. Conforme Corrêa, “a geografia urbana brasileira passa a privilegiar os estudos intra-urbanos” (CORRÊA, 1989, p. 114). Apesar de que essa escala de abordagem não seria o que normalmente se entenderia como objeto de análise de uma agência de planejamento territorial do governo federal, foram produzidos 33 artigos sobre o tema do total de 148 artigos. Entre as cidades estudadas, destaca-se a cidade do Rio de Janeiro como objeto de estudo, com 19 artigos sobre a metrópole carioca. As outras cidades estudadas são Itaguaí, Recife, Salvador, Brasília, Belém e Porto Alegre. Os outros artigos tratam da temática intra-urbana sem dedicar-se a uma cidade especificamente.

Nesse período também é publicada a maior parte dos artigos que trata do processo de urbanização, principalmente na escala nacional, com destaque para os artigos produzidos por Fany Davidovich, que publica 07 dos 15 artigos que abordam essa temática.

Apesar da década de 80 ser usualmente classificada como fase da Geografia Crítica, Corrêa alerta para o fato de “que parte do que foi produzido durante a

década de 80 o foi segundo uma abordagem teórico-quantitativa ou empregando métodos mais tradicionais ainda. Nos anos 80 enfatizou-se, na realidade, no âmbito da geografia urbana brasileira, os estudos intra-urbanos, privilegiando especialmente temas vinculados ao espaço residencial das cidades. Poucos são os geógrafos que abordaram o tema em questão sob um ângulo crítico” (CORRÊA, 1994, p. 253).

Sobre o tema Políticas públicas e planejamento, este não foi um tema muito abordado na RBG, contando apenas com três artigos que analisam o papel do Estado no processo de urbanização e estruturação urbana.

Os artigos que não se encaixaram em nenhum dos temas anteriores foram classificados como ‘Outro’, que abordam temas diversos, desde os problemas na estrutura urbana, passando por estudos sobre comércio de rua, feiras livres até os movimentos sociais, a territorialidade pentecostal e a questão ambiental.

Realizou-se uma breve análise sobre a produção da RBG, subdividindo-a em temas e períodos, o que demonstrou que os temas abordados nesse periódico não se distanciavam dos temas da geografia urbana em geral, e em alguns períodos a RBG expressou as novas tendências da geografia precocemente. Avaliar esse aspecto foge do escopo dessa pesquisa. Apresenta-se a seguir a identificação dos autores de geografia urbana da Revista Brasileira de Geografia.

2.1.4 Os Autores

Quem produziu artigos sobre a cidade e o urbano na RBG? Partindo desse questionamento, foram identificados os autores dos artigos e construiu-se uma tabela (Tabela 2) que apresenta o número de artigos de cada autor desde 1939 a

1995. Para efeito de quantificação, foram contabilizados o único autor e/ou o primeiro autor de cada artigo⁵.

Tabela 2: Principais Autores com Artigos em Geografia Urbana na Revista Brasileira de Geografia, 1939 – 1995.

AUTOR	Nº DE ARTIGOS
1. Fany Davidovich	16
2. Roberto Lobato Corrêa	15
3. Speridião Faissol	8
4. Pedro Geiger	5
5. Maria Fca.T. C.Cardoso	4
6. Jerônimo Cavalcanti	4
7. Miguel Angelo Ribeiro	4
8. M ^a Theresinha de Segada Soares	3
9. David Michel Vetter	3
10. Aldo Paviani	2
11. Aluizio Capdeville Duarte	2
12. Haidine da Silva Barros Duarte	2
13. Marcelo Lopes de Souza	2
14. Maria do Socorro Alves Coelho	2
15. Marlene P. V. Teixeira	2
16. Maurício de Almeida Abreu	2
17. Milton Santos	2
18. Moacir M. F. Silva	2
19. Roberto Schmidt de Almeida	2
20. Rosa Maria Ramalho Massena	2
21. Sylvio Bandeira M. Silva	2
22. Tânia Marques Strohaecker	2
23. Virgílio Correa Filho	2

Fonte: RBG, 1939-1995.

⁵ Em anexo apresentamos os dados bibliográficos de todos os artigos classificados como de geografia urbana

Reconhecemos as limitações de destacar os autores pelo número de artigos publicados, visto que não são apresentados determinados geógrafos que foram de fundamental importância para a geografia urbana brasileira, como por exemplo, Olga Maria Buarque de Lima (mais tarde Fredrich) – IBGE – que apesar de ter participação em seis artigos, por ser a primeira autora em apenas um deles, a mesma não aparecerá em nossa análise. No entanto, esse método tem sua validade como uma análise quantitativa, quando observamos que os nomes que surgiram são / foram de pesquisadores de renome e/ou autores de livros em geografia urbana. Na RBG os autores que mais publicaram foram Fany Davidovich e Roberto Lobato Corrêa, dois pesquisadores do IBGE, o segundo é atualmente professor adjunto e autor de livros. A produção deste e outros pesquisadores será abordada no capítulo 3, por agora se apresenta a distribuição dos autores segundo os períodos⁶.

Quadro 2: Principais Autores segundo os Períodos

PERÍODO	PRINCIPAIS AUTORES E NÚMERO DE ARTIGOS
1939 - 1955	Cavalcanti (4); Silva,M. (2); Correa Filho (2); Cardoso,M. (1);
1956 - 1970	Corrêa (4); Geiger (4); Cardoso, M. (2); Santos,M. (2); Soares,M. (2); Davidovich (1); Faissol (1);
1971 - 1980	Davidovich (8); Faissol (6); Corrêa (3); Duarte, A.(2); Teixeira (2); Duarte,H. (1); Geiger (1); Paviani (1); Ribeiro (1); Vetter (1)
1981 - 1995	Corrêa (8); Davidovich (7); Ribeiro (3); Abreu (2); Almeida (2); Coelho (2); Massena (2); Silva,S. (2); Souza, M. (2); Strohaecker (2); Vetter (2); Cardoso, M. (1); Duarte,H. (1); Faissol (1); Paviani (1); Soares,M. (1);

Fonte: RBG, 1939 – 1995

⁶ No Apêndice A constam todos os autores de geografia urbana da RBG, classificados segundo o tema e períodos.

No início da década de 1940 os pesquisadores com maior número de artigos na RBG não têm formação acadêmica em Geografia, até porque ainda era recente a institucionalização dessa ciência tanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro. Em geral, os pesquisadores do CNG (Conselho Nacional de Geografia) têm formação em Engenharia (Jerônimo Cavalcanti; Moacir M. F. Silva; Virgílio Correa Filho). Inversamente, o Boletim Paulista de Geografia, um periódico paulista de importância, com o início da sua publicação no final da década de 1940, já conta com artigos frutos de uma Geografia acadêmica, merecendo destaque os nomes de Nice Lecocq Müller e Pasquale Petrone (BARCELOS, 2009).

Após o Congresso da UGI, a maior parte dos artigos publicados é de geógrafos e funcionários do IBGE, que tem uma imensa importância nacional na produção geográfica. Os autores com maior número de artigos são Pedro Geiger e Roberto Lobato Corrêa, ambos funcionários do IBGE.

Tem destaque como autora na década de 70 Fany Davidovich, que publica oito artigos,

(...) que tendiam a explicar em termos mais políticos do que técnicos os processos de urbanização, abrindo com isso canais de comunicação mais efetivos entre as áreas de planejamento urbano situadas em agências como o SERFHAU ou o Ministério de Urbanismo e o IBGE (ALMEIDA, 2000, p.187).

Speridião Faissol também se destaca, com vários artigos publicados nesse período, que representavam uma linha com uso de técnicas quantitativas variadas. “Não duvidamos, portanto, que um claro indício neopositivista em Faissol há de ser precisamente esse seu manejo consciente com a linguagem em sistemas” (REIS JUNIOR, 2004, p. 64). Já na década de 1980, no conjunto de artigos publicados, destaca-se Roberto Lobato Corrêa com oito artigos sobre os temas redes e centros de gestão no território.

No próximo capítulo desta pesquisa analisar-se-á as redes de pensamento dos sete autores que mais artigos publicaram na Revista Brasileira de Geografia. Por agora, destacaremos alguns autores que apesar da pequena quantidade de artigos publicados na RBG, tiveram um papel significativo na produção da Geografia urbana brasileira.

Inicia-se por Olga Maria Buarque Lima (mais tarde Fredrich), funcionária do IBGE, que segundo informações de Almeida (2000), participou do *Curso de Informações Geográficas de julho de 1961 para professores do ensino secundário* e foi uma das alunas que se tornou pesquisadora do IBGE ainda na década de 1960. Na Geografia urbana, participou do Grupo de Trabalho de Geografia Urbana da Divisão de Geografia do CNG, que coordenado por Lysia Bernardes, editou em 1964 o principal trabalho orientado por Michel Rochefort: *O Rio de Janeiro e Sua Região*. Fez uma especialização em Lyon em 1964/65. Com a saída de Lysia Bernardes do IBGE para o IPEA em 1968, Speridião Faissol assumiu o Grupo de Áreas Metropolitanas – GAM, “onde enfatizava uma combinação de conhecimentos baseados na prática do uso de Matemática, Estatística, e noções de computação” (ALMEIDA, 2000, p. 98) e convocou Olga Buarque de Lima que em seus trabalhos já lidava com dados estatísticos mais complexos. Em 1973/74 ela recebeu uma bolsa para fazer pós-graduação na Inglaterra, tendo sido orientada pelo próprio J. P. Cole no seu mestrado em Nottingham. De volta ao Brasil, trabalhou intensamente no projeto de ecologia fatorial das metrópoles brasileiras.

Suas contribuições na RBG são através da participação em cinco artigos: *Áreas de pesquisa para determinação de áreas metropolitanas* (RBG, v.31, n.4, 1969); *Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil* (RBG, v.37, n.1, 1975); *Considerações sobre perspectivas geográficas do meio ambiente urbano*

(RBG, v.38, n.4, 1976); *Análise de aglomerações urbanas no Brasil* (RBG, v.38, n.4, 1976); *A proposição dos benefícios das ações do Estado em áreas urbanas: seus determinantes e análise através da ecologia fatorial* (RBG, v.43, n.4, 1981) e por último o único artigo como primeira autora *A configuração espacial do sistema urbano brasileiro como expressão no território da divisão social do trabalho* (RBG, v.44, n.4, 1982). Trabalhos em geral ligados ao estudo sobre o processo de expansão urbana e identificação de áreas de aglomeração ou o estudo com indicadores da estrutura socioeconômica de uma cidade ou região. Suas contribuições foram sobretudo na utilização de técnicas quantitativas. Eram artigos produzidos a partir de estudos mais amplos e complexos realizados no DEGEO, que serviam como divulgação do que estava sendo produzido na Divisão de Estudos Urbanos.

Considerou-se relevante destacar as contribuições de Olga Maria Buarque de Lima Fredrich pela sua participação no desenvolvimento da Geografia urbana no IBGE, não obstante ter participado na produção de seis artigos, só foi primeira autora em apenas um, o que a desclassificou nesta presente pesquisa para análise de sua rede de autores. O objetivo de citá-la foi o modo de compensar e reconhecer seu trabalho no desenvolvimento da disciplina.

Entre os autores que publicaram dois ou três artigos na RBG, destacou-se a participação de alguns ou pela qualidade superior do artigo ou pela participação e contribuição significativa na Geografia, seja no IBGE ou na academia.

A geógrafa Maria Therezinha de Segadas Soares foi professora de Geografia Humana da Faculdade Nacional de Filosofia da ex- Universidade do Brasil, atual UFRJ. Lecionou durante mais de trinta anos, sendo responsável pela realização de diversas excursões com os alunos da graduação. Além disso, “trabalhou em alguns

convênios com o IBGE e formou duas gerações de geógrafos urbanos, dos quais muitos foram trabalhar no IBGE” (ALMEIDA, 2000, p. 163), como Roberto Lobato Corrêa (Geosul, 1992). Segundo Maurício de Almeida Abreu em entrevista a Revista Geosul em 2005, durante o Encontro da ANPEGE, em Fortaleza, a professora Soares, foi “uma das maiores geógrafas urbanas do país àquela época e grande incentivadora de minha carreira” (GeoSUL, 2006).

Entre diversas contribuições de Soares destacam-se o livro produzido em parceria com Lysia Bernardes em 1962, *Aspectos da Geografia Carioca*, que muito contribuiu para o conhecimento sobre a cidade do Rio de Janeiro, sendo leitura obrigatória para quem estuda essa cidade. Na Revista Brasileira de Geografia publicou três artigos: *Nova Iguaçu - Absorção de uma célula urbana pelo Rio de Janeiro* (RBG, v.24, n. 2, 1962); *Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro* (RBG, v. 27, n.3, 1965); *Movimentos sociais urbanos: as associações de moradores de favelas do município do Rio de Janeiro* (RBG, v.51, n.4, 1989).

Outro pesquisador que foi o primeiro autor de três artigos foi o economista americano David Vetter, que foi pesquisador do IBGE do Departamento de Indicadores Sociais. Também foi professor pesquisador do COPPE (UFRJ), Ex-técnico do Banco Mundial, Ex- Vice Presidente da Dexia Credit Local.

Baseado em sua linha de pesquisa sobre a espacialização das políticas públicas de implantação de infra-estrutura na área metropolitana do Rio de Janeiro (ALMEIDA, 2000, p.189), escreveu dois artigos na RBG, um em parceria com Rosa Maria Ramalho Massena e Elza Freire Rodrigues com o título *Espaço, valor da terra e eqüidade de investimentos em infra-estrutura no município do Rio de Janeiro* (RBG, v. 41, n. 1_2, 1979); e outro individual sobre *A segregação residencial da população*

economicamente ativa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, segundo grupos de rendimento mensal (RBG, v. 43, n. 4, 1981)

Na RBG produziu ainda um artigo conjunto com Rosa Maria Ramalho Massena, Dulce Maria Alcides Pinto, Olga Buarque de Lima Fredrich fruto do projeto de ecologia fatorial das metrópoles, *A proposição dos benefícios das ações do Estado em áreas urbanas: seus determinantes e análise através da ecologia fatorial* (RBG, v. 43, n. 4, 1981). No ano seguinte publicou o livro *Solo Urbano - Tópicos sobre o Uso da Terra* (Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1982) em parceria com Rosa Maria Ramalho Massena (IBGE), que é um estudo sobre o destino dos investimentos do Estado na cidade, considerando a segregação espacial a partir do processo de valorização do solo urbano no caso do município do Rio de Janeiro

Prosseguindo com a observação da Tabela 2, nota-se que há 14 autores com dois artigos publicados. Dentre eles destacam-se três: Milton Santos, por seu papel na Geografia Brasileira; Maurício de Abreu, por seus estudos em Geografia Urbana e Roberto Schmidt de Almeida, por suas contribuições sobre o IBGE. Não se tem a finalidade de analisar a produção desses autores ou descrever a trajetória geográfica de cada um deles, mas pretende-se unicamente ressaltá-los do conjunto de autores que tiveram suas produções publicadas na RBG.

O primeiro autor é Milton Santos e de imediato destaca-se o fato dos artigos publicados na Revista Brasileira de Geografia não representarem por completo suas contribuições à geografia urbana brasileira. O artigo *A cidade de Jequié e sua região* (RBG, v. 18, n. 1, 1956) foi escrito quando ele era professor de Geografia Humana da Faculdade Católica de Filosofia da Bahia. Trata-se de um artigo que oferece um estudo geográfico da cidade de Jequié e da região da zona cacauzeira sujeita a sua influência. É o primeiro artigo publicado na RBG sobre o tema cidade-região e área

de influência, o próximo artigo sobre o tema será publicado apenas em 1965 por Roberto Lobato Corrêa.

O segundo artigo na área de urbana é na realidade uma tradução feita por Maria Cecília de Queiroz Lacerda de um comentário em francês escrito por Milton Santos durante seu exílio na França, trata-se do artigo *Crescimento nacional e a nova rede urbana: o exemplo do Brasil* (RBG, v. 29, n. 4, 1967), que discorre sobre a nova organização brasileira apoiada na industrialização do país. São apenas essas duas publicações em geografia urbana na RBG, há outros dois artigos sobre outros temas. Na edição comemorativa de 70 anos da Revista Brasileira de Geografia, v.60, 2008, com os artigos de expoentes da área de geografia e ciências afins, publicados pela revista ao longo de sete décadas, traz a republicação do artigo de Milton Santos na parte de geografia urbana⁷.

Na Geografia urbana da RBG também merece destaque a produção de Maurício de Abreu, não pela quantidade, já que publicou dois artigos nessa área, mas pela qualidade do material produzido. Foi estagiário no IBGE das Seções Regionais Leste e Nordeste (1968-1970) do Departamento de Geografia – DEGEO. Atualmente, ele é professor titular do programa de graduação e pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado e doutorado na Universidade do Estado de Ohio (EUA) (1971-1976), dedicando-se principalmente às temáticas de Geografia Urbana e Geografia Histórica do Rio de Janeiro.

O primeiro artigo está na seção ‘Comunicações’ da RBG que reproduziu o artigo apresentado por Abreu no I Colóquio Franco-Brasileiro de Geografia Urbana promovido pela Comissão Nacional do Brasil (UGI) no Rio de Janeiro em 1979. Com o título *Contribuição ao estudo do papel do Estado na evolução da estrutura urbana*

⁷ Não se teve acesso à revista, por isso o nome do artigo não foi identificado.

(RBG, v. 43, n.4, 1981), onde discute a relação entre a estrutura urbana das cidades e a estrutura sócio-econômico-política do país.

A segunda publicação de Abreu na RBG é o artigo *Estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação* (RBG, v. 56, n. 1_4, 1994), que consiste em uma revisão da produção em geografia urbana no final dos anos 80, apresentada no I Simpósio Nacional de Geografia Urbana de 1989 em São Paulo. Foram analisados trabalhos publicados no Brasil que tratam apenas da escala intra-urbana. Nesse artigo Abreu realiza uma explanação ampla, profunda e detalhada que evolui desde a geografia tradicional até os nossos dias, salientando: autores; trabalhos; conceitos fundamentais; tendências; divergências; influências internacionais; instituições importantes; momentos históricos e políticos; eventos de destaque em fim, todo o necessário para bem avaliar a evolução do pensamento geográfico, com destaque para o urbano. É considerado o mais rico trabalho em Geografia urbana e uma excelente fonte bibliográfica do que foi produzido na disciplina no Brasil. É fonte permanente de consulta para outras pesquisas, inclusive esta. Almeida (2000) comenta que “seu rastreamento bibliográfico foi de suma importância na avaliação dos estudos dos ibegeanos no que concerniu às pesquisas intra-urbanas.” (ALMEIDA, 2000, p. 273) quando esclarece sobre a utilização do trabalho de Abreu para a produção de sua tese de doutorado, da qual se falará a seguir.

O terceiro autor destacado é Roberto Schmidt de Almeida, que foi funcionário do IBGE de 1970 a 2000 como Analista especializado em Geografia na Superintendência de Estudos Geográficos e Socioeconômicos. Na área de Geografia Urbana da RBG seu artigo de estréia é em parceria com Miguel Ângelo Ribeiro em que aparece como segundo autor intitulado *Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais na área metropolitana*

do Recife (RBG, v. 42, n.2, 1980). Possui dois trabalhos como primeiro autor, um individual *Aspectos espaciais da ação recente dos incorporadores imobiliários no Município do Rio de Janeiro* (RBG, v. 44, n. 2, 1982) e outro em parceria novamente com Miguel Ângelo Ribeiro *Os sistemas de transporte da região Norte: evolução e reorganização das redes* (RBG, v. 51, n. 2, 1989). Os dois primeiros artigos são de caráter intra-urbano, o terceiro de caráter mais regional correlaciona as atividades econômicas, os sistemas de transportes e os diversos tipos de ocupação humana por que passou a região.

Apesar de o estudo a seguir não ter sido publicado na RBG, o destacamos por ser um excelente e profícuo instrumento de pesquisa sobre o IBGE. Foi a tese de doutoramento de Schmidt na Universidade Federal do Rio de Janeiro defendida em 2000: *A Geografia e os Geógrafos do IBGE no período de 1938-1998: Uma Relação entre Documento e Memória*. Nesse trabalho há o resgate da memória do órgão, a maior agência de planejamento territorial do governo brasileiro, sendo o IBGE o principal objeto da pesquisa. É fonte de consulta para documentos e memória de um grupo de profissionais, visto que há diversos depoimentos orais transcritos, que evocam as respectivas trajetórias no IBGE destes profissionais. O trabalho abarca um período de 60 anos, tendo como pano de fundo, os contextos político, econômico, científico do país. A pesquisa de Schmidt também é uma contribuição para os estudos sobre Pensamento Geográfico e fonte de conhecimento sobre trajetória do prestígio da Geografia no Brasil.

Neste capítulo realizou-se um breve diagnóstico na produção na Revista Brasileira de Geografia sobre os artigos de geografia urbana, em que destacamos os períodos e temas selecionados, para em seguida destacar a participação de alguns autores de acordo com esses critérios. Apesar das limitações desse tipo de recorte,

pois alguns nomes relevantes na História do Pensamento Geográfico não aparecem, visto que não publicaram ou publicaram apenas um ou dois artigos no periódico, ainda assim considera-se que a RBG reflete no conjunto de artigos publicados a produção em geografia urbana no Brasil.

No capítulo seguinte investigou-se a existência de uma rede de pensamento, enquanto rede social, através do método de análise das citações.

CAPÍTULO 3

EXISTIU UMA REDE DE PENSAMENTO NA RBG?

Investigar o campo de uma ciência requer um resgate do que foi produzido, por isso, esse tipo de estudo parte de uma perspectiva histórica. Na Geografia, a História do Pensamento Geográfico muito mais do que uma disciplina obrigatória nos cursos de graduação, é um exercício de concentrar esforços para investigar a própria natureza da ciência em função de seu crescente peso nos processos sociais (GARCIA *et al*, 1981). O intuito maior deste capítulo é de analisar a bibliografia utilizada pelos autores dos artigos que mais publicaram na Revista Brasileira de Geografia para a partir das referências bibliográficas desses autores construir uma matriz de pensamento da Geografia Urbana.

O tipo de estudo proposto não é muito comum, pois requer além de uma consistente base de dados o levantamento de cada referência bibliográfica de cada autor, o que no Brasil ainda consiste em um trabalho manual de catalogação, posto que ainda não existe uma ferramenta digital de consulta ao índice de citação bibliográfica.

A Revista Brasileira de Geografia foi o periódico que permitiu um estudo bibliométrico através da análise dos artigos publicados. A leitura de bibliografia especializada pertinente à temática do uso de citações como método de análise da produção acadêmica permitiu estabelecer os parâmetros desse estudo. Esse terceiro e último capítulo consiste, portanto, em um primeiro momento, de uma discussão sobre o ato de citar, para a seguir examinar as diferentes metodologias de análise de citações e por último apresenta-se a análise e visualização das redes de pensamento da geografia urbana e dos autores que mais publicaram na RBG.

3.1 O ATO DA CITAÇÃO

O desenvolvimento da ciência é determinado pela produção e fluxo de informações, que visam sua transformação em conhecimento. Desta forma, uma das funções do sistema científico, de acordo com Sancho (1990) é disseminar o conhecimento através das publicações científicas. A comunicação social, segundo Arendt afirma, é pressuposto da vida pública.

Ser visto e ouvido por outro é importante pelo fato de que todos vêm e ouvem de ângulos diferentes. É este o significado da vida pública, em comparação com a qual até mesmo a mais fecunda e satisfatória vida familiar pode oferecer somente o prolongamento ou a multiplicação de cada indivíduo, com os seus respectivos aspectos e perspectivas (ARENDT, 1999, p. 67).

A comunicação de uma idéia, conceito, metodologia ou proposta de trabalho encontra na produção textual uma das mais proveitosas formas de divulgação. Um texto sempre é uma coexistência de discursos culturais, um espaço de confluência de múltiplas vozes. Dessa forma, a intertextualidade é a relação de co-presença entre autores ou entre textos, de maneira que o leitor perceba as relações entre essas obras. A intertextualidade na análise de citações representa a conexão entre dois documentos, dá-se então a comunicação entre os pares. É precisamente através da citação que podemos conversar com outros autores que consideramos significativos, incorporá-los ao texto, costurar os textos, como diz Antoine Compagnon (1996):

Escrever, pois, é sempre reescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica que a preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura e o de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação. A citação representa a prática primeira do texto, o fundamento da leitura e da escrita: citar é repetir o gesto arcaico do recortar-colar (COMPAGNON, 1996, p. 31).

Ainda segundo Compagnon (1996, p.42), “‘Citare’, do latim, é por em movimento, passar do repouso à ação”. O ato de citar outros dá movimento ao texto, permitindo transformá-lo e transformar, e contribui para o desenvolvimento de uma

idéia, no sentido amplo. É um ato que envolve ainda vários fatores sociais da comunicação.

O entrelaçamento de discursos em um texto estabelece relações com o passado e o presente através de seus elementos: quem escreveu, em que idioma, quando, em que local, para assim dar continuidade ao saber. Dessa forma, a necessidade de citar outrem está além das exigências acadêmicas. De acordo com Noronha (1998), as referências bibliográficas são necessárias para identificar os pesquisadores cujos conceitos, métodos ou teorias serviram de inspiração ou foram utilizados pelo autor no desenvolvimento de seu próprio trabalho, estabelecendo assim um processo de referência e citação.

As citações são utilizadas, em geral, na argumentação do autor para validar sua opinião ou para contestar idéias, opiniões ou trabalhos. Reconhece-se que na construção de um texto com o uso de citações, estas podem ter sido utilizadas no intuito de discordar ou depreciar o texto citado. Contudo, nos estudos produzidos utilizando as citações como método, percebe-se que a percentagem desse tipo de citação é muito baixa. Bourdieu (1992) observa que uma citação pode estar associada a diversas funções como manifestação de lealdade ou dependência, estratégias de filiação, de anexação ou de defesa. Oppenheim e Renn (1978) categorizaram as razões de citação em sete tipos:

- Categoria A: razões históricas, prestação de homenagens aos pioneiros, trabalhos anteriores, mesma concepção do assunto;
- Categoria B: descrição de outro trabalho relevante, discussão de detalhes ou partes dos resultados, explicações de como a teoria poderia ser usada;
- Categoria C: uso específico de informação contida no artigo citado;
- Categoria D: uso de dados para comparação de objetivos;
- Categoria E: uso de equações teóricas para quantificar os objetivos;

- Categoria F: uso de métodos práticos ou teóricos para resolver problemas;
- Categoria G: crítica ao trabalho citado.

Em vista disso, as razões para citar são muito subjetivas e analisar essas razões em mais de um artigo demandaria uma pesquisa mais aprofundada capaz de evidenciar as relações entre autores citantes e citados. São variadas as análises do uso do método das citações e algumas serão examinadas a seguir.

3.2 O MÉTODO DAS CITAÇÕES

Os estudos bibliométricos caracterizam-se especialmente por sua base empírica e são passíveis de fornecer subsídios concretos e sistematizados para estudos “arqueológicos”, em que o objeto é o conjunto dos discursos formadores de um campo do conhecimento. De acordo com Sancho (1990), os indicadores bibliométricos podem determinar, entre outros aspectos, a produtividade das instituições, medida pelo número de seus trabalhos. O que se pretende discutir agora é o uso da técnica de indicadores bibliométricos como ferramenta para análise da produção acadêmica.

No Brasil essa técnica ainda é pouco utilizada em virtude do alto investimento financeiro necessário para operacionalizá-la através do cadastramento de toda a produção de livros, revistas, boletins, jornais, teses, dissertações etc. e das referências bibliográficas utilizadas por cada autor. Existem atualmente esforços para que essa ferramenta seja cada dia mais conhecida e utilizada para estudos de prospecção tecnológica, inteligência competitiva e análise da produção científica nacional, tendo em perspectiva as diversas possibilidades de análise da produção

através do estudo das citações. Por exemplo, um periódico pode ser qualificado pelo número de citações que recebe, revelando sua influência para a ciência ou determinada disciplina. Além disso, quanto mais o periódico for citado maior interesse desperta nos pesquisadores, que desejam publicar nele para dar maior visibilidade e credibilidade às suas pesquisas. Considerando ainda que esse periódico possua um conselho editorial para avaliar os trabalhos, publicar nesse periódico significa superar o controle de qualidade e seleção adotado.

Importantes estudos foram apresentados com intuito principal de medir a ciência, a exemplo dos países centrais, que vêm apresentando comparações da produção científica entre países e publicações baseando-se em indicadores bibliométricos. Uma das mais importantes bases de estudo utilizada é a do *Institute for Scientific Information (ISI) - Web of Science*, Philadelphia, Estados Unidos da América do Norte (EUA). Um dos diferenciais desta base é que apresenta dados de citações, possibilitando a busca dos artigos citados, expressando assim a relação existente entre os trabalhos. Além disso, é tida como base detentora de grande porção da produção científica mundial, fortemente indicada para comparar diferentes países. Por outro lado, a *Web of Science* tem servido para esse fim para os próprios Estados Unidos, dado que representa, obviamente, porcentagem significativa de seu estoque científico.

A base de dados ISI indexa os dados de publicações entre periódicos, livros, capítulos de livros, anais de congressos, revistas, reportagens, filmes, poemas em três áreas distintas: ciências puras, ciências sociais, artes e humanidades. Em uso desde 1966, o banco de dados ISI conta atualmente com aproximadamente 25 milhões de documentos e quase 9 mil periódicos. Segundo a pesquisa realizada por Targino e Garcia (2000), dentre estas há somente 17 títulos brasileiros, o que

equivale ao percentual de 0,21%, o que suscita questionamento a respeito de sua representatividade, sobretudo quando se considera o total de revistas brasileiras.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) atua como Centro Nacional da rede internacional da *International Standards Organization* (ISO 3297) que normatiza o uso do ISSN - Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas (International Standard Serial Number), que é o identificador aceito internacionalmente para individualizar o título de uma publicação seriada, tornando-o único e definitivo. No Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN), coordenado pelo IBICT, são encontrados 10.894 registros de publicações cadastradas no Brasil. Quando o assunto selecionado é 'geografia' há na base de dados 136 registros de periódicos, o que corresponde a apenas 1,2% da produção nacional cadastrada no banco de dados.⁸

Comparativamente, o banco de dados brasileiro é mais restrito do que a base ISI, pois existem diversos bancos de dados para cada tipo de publicação. O Catálogo Nacional de acesso público, por exemplo, reúne apenas as informações sobre publicações periódicas técnico científicas de catálogos distribuídos nas diversas bibliotecas do país. Os livros, que não são classificados como periódicos, estão reunidos em outra base de dados, a do ISBN - *International Standard Book Number* – que é um sistema internacional padronizado que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país, a editora, individualizando-os inclusive por edição. O problema é que essas bases não se comunicam, dificultando a pesquisa com base no índice de citações.

Uma iniciativa brasileira, liderada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo - Fapesp – em parceria com a Biblioteca Virtual em Saúde - Bireme - é o

⁸ Disponível em <<http://ccn.ibict.br>>. Acessado em maio/2010.

projeto SciELO – *Scientific Electronic Library Online* -, iniciado em 1997 para a criação de uma base de dados que oferecesse acesso às revistas brasileiras em texto integral. Com o projeto SciELO, a produção científica brasileira torna-se mais acessível e ganha mais visibilidade na comunidade científica. Com isso o SciELO passa a despontar como possível ferramenta para a criação de indicadores sobre a produção científica brasileira e alguns esforços no sentido de disponibilizar indicadores quantitativos sobre o conteúdo da base, fator de impacto, vida média das revistas e citação, já estão em andamento. É importante salientar que no projeto SciELO são utilizados dados de citação de revistas brasileiras, extraídos da base do Institute for Scientific Information (ISI), para definição de índices bibliométricos.

Na base de dados SciELO consta apenas um periódico de Geografia, que é a revista *Sociedade & Natureza* da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Quando pesquisado o assunto 'geografia' surgem 57 artigos publicados e indexados (maio/2010). Sendo assim, a base de dados SciELO ainda é uma ferramenta incipiente para a construção de uma matriz de autores referenciados de citações, como esta.

Na pesquisa bibliográfica realizada identificaram-se alguns trabalhos que apresentam propostas de estudos com base nas citações bibliográficas. Para uma fundamentação do método a ser aplicado, serviram como base os estudos de Bunge (1961), Wrigley e Matthews (1986), Yeung (2002), Brambilla et al (2006) e Foster et al (2007) . Há diversas discussões sobre o uso das citações, aqui considerando a expressão 'citações' (em inglês: *citation data*) correspondente à informação, fornecida por bancos de dados eletrônicos, de quantas vezes um determinado

trabalho foi citado em artigos de periódicos indexados por aquele banco de dados (YEUNG, 2002, p. 2094).⁹

Um dos primeiros trabalhos utilizando o banco de dados ISI de índice de citações na geografia foi escrito por Wrigley e Matthews (1986), em *Citation classiscs and citation levels in geography*. Nele, os autores procuram definir o que seria uma citação clássica e o quanto uma referência deve ser citada para que se torne 'clássica'. Com base em quatro periódicos – *Area*, *Transactions of the Institute of British Geographers*, *Annals of the Association of American Geographer* e *Professional Geographer* – eles catalogaram todos os artigos publicados nos anos de 1973 e 1974 e verificaram quantas vezes os artigos foram citados nos dez anos seguintes (até 1983 e 1984, respectivamente). Chegaram à conclusão que em média as referências aos artigos produzidos são realizadas com baixa frequência, cerca de uma vez por ano; os artigos que foram citados em média 2,5 por ano foram considerados artigos 'clássicos'. Eles também procuraram identificar os livros escritos por geógrafos que mais influenciaram e causaram maior impacto na disciplina. Conforme a metodologia utilizada os livros considerados clássicos foram aqueles citados, em média, cinco vezes por ano. Segue a lista dos vinte livros que mais foram citados.

⁹ "Citation data refer simply to online databases that show how many times a piece of work has been cited in journal article indexed in these database." (YEUNG, 2002, p. 2094)

Figura 1: Livros mais citados escritos por geógrafos, com base no índice de citações ISI, segundo Wrigley e Matthews.

Table 4 An initial list of twenty of the most cited books written by geographers (citations in *SSCI* and *SCI* until end of 1984; self-citations excluded)*

Rank	Citations	Author(s)	Date	Title
1	485	L B Leopold, M G Wolman and J P Miller	1964	Fluvial processes in geomorphology
2	419	D Harvey	1973	Social justice and the city
3	378	P Haggett	1965	Locational analysis in human geography
4	306	A G Wilson	1970	Entropy in urban and regional modelling
5	242	D Harvey	1969	Explanation in geography
6	191	T Hägerstrand	1967	Innovation diffusion
7	167	L J King	1969	Statistical analysis in geography
8	161	M Chisholm	1962	Rural settlement and land use
9	139	A G Wilson	1974	Urban and regional models in geography and planning
10	137	P R Gould and R White	1974	Mental maps
11	129	R F Abler, J Adams and P R Gould	1971	Spatial organization
12	128	P Hall, H Gracey, R Drewett and R Thomas	1973	Containment of urban England
13	126	M A Carson and M J Kirkby	1972	Hillslope form and process
14	105	W Bunge	1962	Theoretical geography
15	98	D M Smith	1971	Industrial location
16	96	R J Johnston	1971	Urban residential patterns
17	96	R J Chorley and P Haggett (eds)	1967	Models in geography
18	93	Yi-Fu Tuan	1974	Topophilia
19	92	B J L Berry and D F Marble (eds)	1968	Spatial analysis
20	90	K J Gregory and D Walling	1973	Drainage basin form and process

*Other well cited books which exceed our classic book criteria but which are not amongst the top twenty books listed above include the books by Schumm, Keeble, Gregory, and Smith listed in Table 5 plus B J L Berry (1973) *Human consequences of urbanization*; P Haggett and R J Chorley (1969) *Network analysis in geography*; R J Chorley and B Kennedy (1971) *Physical geography: a systems approach*.

Fonte: Wrigley e Matthews, 1986.

A intenção de Wrigley e Matthews de definir as citações de uma disciplina como clássicas é questionável no que tange a diversos parâmetros, como o recorte temporal e a abrangência dos periódicos utilizados, por exemplo. A análise das citações pode até fornecer subsídios para inferir sobre a importância de autores ou artigos, considerando seu grau de publicidade (Brambilla *et al*, 2006) ou identificar as citações mais recorrentes em uma disciplina, mas é arriscado classificá-las como 'clássicas', até por que o termo é subjetivo e passível de discussão. Segundo

Franchetti (2006), são os pares daquela disciplina ou ciência que dirão se a obra é clássica ou não.

(..) tanto, por conta justamente da autoconsciência histórica que caracteriza a modernidade, se é verdade que é possível, da noite para o dia, propor e afirmar uma obra como clássica, já não é tão simples fazer com que uma obra, uma vez proposta e reconhecida como clássica, deixe de o ser. Ou seja, predominando, no sentido moderno da palavra, a idéia de referência, ponto de partida, realização inspiradora ou conquista técnica para uso do presente, e reconhecendo que o presente é o que determina a linhagem na qual uma dada obra do passado se situa como clássica, não há como não reconhecer que um clássico é um clássico para alguém, para um grupo ou linhagem ou tendência. (FRANCHETTI, 2006)

Posteriormente, outro artigo foi escrito sobre a mesma temática, contudo restringiu seu objeto de análise à geografia humana. Yeung (2002) em seu artigo *Deciphering citations* discute o uso do banco de dados ISI como ferramenta de análise das informações bibliográficas. É um comentário sobre como melhor utilizar essa ferramenta para identificar a produção de um periódico ou o impacto de uma determinada obra, além de ser um instrumento da difusão do conhecimento considerando as tecnologias digitais e a globalização. Ele apresenta argumentos para desmitificar sobre o uso de banco de dados de citações como fonte de pesquisa por si só. Com o uso do banco de dados ISI foram encontrados 33 periódicos de Geografia indexados - boa parte desses periódicos publicada nos EUA. Também identificou os geógrafos humanos mais citados e qual obra de cada autor. Entre 1981-2002, os quatro geógrafos humanos mais citados no SSCI – Social Sciences Citation Index foram

David Harvey's 1989 *The Condition of Postmodernity*, Doreen Massey's 1984/1995 *Spatial Division of Labour*, Ed Soja's 1989 *Postmodern Geographies*, and Peter Dicken's 1986/1992/1998 *Global Shift* (YEUNG, 2002, p. 2094).

Yeung discorre ainda sobre a importância da análise desses dados para averiguar a transmissão e / ou importação de idéias e conceitos entre os pesquisadores da disciplina ou de outras áreas do conhecimento, concluindo que apesar da pequena quantidade de periódicos de geografia no universo de mais de

400, a geografia humana é uma disciplina significativa nas ciências sociais visto que é grande o número de geógrafos citados fora dos periódicos geográficos.

Um bom exemplo de análise de citações é o artigo *Circulating economic geographies: citation patterns and citation behavior in economic geography, 1982-2006* de Foster et al (2007). Os autores após definirem a subdisciplina – geografia econômica – e o recorte temporal, 1980-2006, elaboraram diversas tabelas que esmiuçaram os dados obtidos no banco de dados ISI com análises de acordo com o período, nacionalidade do autor, instituições onde o artigo foi produzido; comparando os temas dos artigos como os fatos históricos três tabelas foram elaboradas, uma para cada década, com os 50 artigos mais citados em geografia econômica. Eles concluem que a produção literária é dominada por um triunvirato anglófono (EUA, Canadá e Inglaterra), influenciada por pequenos departamentos, com uma elite de pesquisadores muito influentes. Sobre a geografia econômica eles concluem que a produção dessa subdisciplina está mais crítica e mais aberta a contribuições de outras ciências.

No Brasil, temos o artigo de Brambilla *et al* (2006), *Mapeamento de um artigo produzido na UFRGS: razões das citações recebida* em que os autores selecionaram um artigo mais citado de pesquisador da UFRGS publicado em periódico nacional com maior fator de impacto que evidenciasse razões de citação. Para identificar os autores ‘citantes’ foi utilizada a base de dados ISI. O artigo citado recebeu 24 citações desde a sua publicação em 2001 até a data da coleta de dados, em junho de 2005. Verificou-se que todas as citações foram motivadas pela mesma razão: o uso da metodologia descrita pelos pesquisadores da UFRGS, além da ocorrência de pesquisa realizada em grupo, configurando uma comunidade científica produtiva.

Na geografia, um dos primeiros estudos realizados utilizando as referências bibliográficas como fonte de pesquisa foi o de Bunge (1961) sobre a estrutura da pesquisa geográfica americana. Sua base foram os artigos publicados em três periódicos – *Annals of the Association of American Geographers*, *Geographical Review* e *Economic Geography* – entre janeiro de 1958 e dezembro de 1960. O autor teve como objetivo identificar escolas de pensamento e autores da geografia americana. Através da Teoria dos Grafos, Bunge construiu uma matriz de referências entre os 86 mais citados geógrafos, excluindo as auto-referências. Ele utilizou apenas artigos de geógrafos e descobriu 796 geógrafos citados por outros geógrafos. Concluiu através da matriz de referências as relações na distribuição espacial dos autores e as conexões entre autores e grupos divergentes, identificando nos autores das escolas de pensamento da geografia. Construiu ainda duas tabelas que mostram os vinte autores mais citados.

Figura 2: Geógrafos mais citados entre 1958-1960 segundo Bunge.

Rank	Geographer	References
1	Garrison, William	40
2	Berry, Brian	34
3	Hartshorne, Richard	23
4	Isard, Walter	22
5	Harris, Chauncy	21
6	Ullman, Edward	21
7	Van Dongen, Irene	21
8	Murphy, Raymond	18
9	Brush, John	14
10	Davis, W.M.	14
11	Green, F.H.W.	13
12	McCarty, H.H.	13
13	Dickinson, Robert	13
14	Losch, August	12
15	Beckmann, Martin	11
16	James, Preston	11
17	Trewartha, Glenn	11
18	Vance, James	11
19	Whittlesey, Derwent	11
20	Dury, G.H.	10

FONTE: Bunge, 1961.

Rank	Geographer	References
1	Hartshorne, Richard	17
2	Harris, Chauncy	14
3	Ullman, Edward	14
4	McCarty, H.H.	12
5	Dickinson, Robert	11
6	James, Preston	11
7	Murphy, Raymond	10
8	Trewartha, Glenn	10
9	Brush, John	9
10	Whittlesey, Derwent	9
11	Garrison, William	7
12	Isard, Walter	7
13	Losch, August	7
14	Spate, O.H.K.	7
15	Sauer, Carl	7
16	Jones, C.F.	6
17	Platt, Robert	6
18	Pounds, N.J.G.	6
19	Robinson, Arthur	6
20	Thompson, John	6
21	Warntz, William	6

Foi um trabalho pioneiro na análise de citações quando o banco de dados ISI ainda não existia, o que demandou muito trabalho para sua produção. Também foi

pioneiro no uso da teoria dos grafos como metodologia nesse tipo de estudo. Igualmente, pretende-se construir um grafo que expresse a estrutura básica da disposição dos autores e se eles formam uma rede de pensamento na RBG.

3.3 CONCEITUANDO REDES SOCIAIS

Inspirando-se no modelo proposto por Bunge objetivou-se aplicar a teoria dos grafos ao conjunto de autores da RBG para analisar as relações entre eles a partir das referências bibliográficas. A Teoria dos Grafos estuda objetos combinatórios conhecidos como *grafos*. Um grafo é uma representação gráfica que utiliza pontos e segmentos de reta, para denotar, com os primeiros, elementos que estão em relação, e com os segundos, as relações entre os elementos. Segundo Corrêa (1999), “um grafo é, em realidade, uma expressão topológica de uma rede” (CORRÊA, 1999, p. 6), e sua estrutura consiste em “um conjunto finito de V de pontos (vértices, nós, junções, terminais) ligados por um conjunto finito E de linhas (ligações, laços, estradas, fluxos)” conforme explicitado por Pedrosa, Oliveira e Corrêa (1972, apud CORRÊA, 1999).

Para a construção de um grafo é necessária uma matriz de dados, distribuídos em colunas e linhas. No caso desta pesquisa, as linhas da matriz são os indivíduos citados e as colunas consistem dos indivíduos ‘citantes’. Cada célula da matriz, em seguida, descreve o resultado do número de citações. A dimensão desta matriz representa um painel do grupo de referências bibliográficas utilizadas pelos autores da RBG.

Considerando que as citações podem ser uma forma do autor descrever as suas relações sociais, pretende-se com o grafo construído identificar quem são os

nós - quais os autores que foram mais citados -, e quais são as linhas, que indicam as relações entre os autores. A representação da estrutura formal de atores e suas relações evidenciará a existência ou não de uma rede de autores na RBG. Ugarte (2004) afirma que uma rede se define como um conjunto de “nós” ou vértices que na análise social representam os atores da rede, conectados por linhas que indicam as relações que unem os atores. “A intensidade destas ligações são os principais fatores de acoplamento entre cada ator e a rede como um todo” (HANNEMAN, 2005).

Segundo Castells (1999, p. 503), “redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede”. Analisar as relações internas dos autores de um periódico é uma forma interessante de averiguar a existência de uma rede de pensamento ou mesmo da comunicação entre os atores do meio, apesar de não ser o propósito desta pesquisa salientaremos a ocorrência de citações entre os autores da RBG ou mesmo de outros autores do IBGE, visto que cada indivíduo estabelece vínculos com outros, e a intersecção de seus interesses é amálgama suficiente para identificá-los não apenas como grupos, mas sim como uma rede social (CASTELLS, 1999).

Uma rede social pode ser de vários tipos, segundo Hanneman e Riddle (2005), e existem diversos métodos de construção de uma rede (*Full network methods*, *Snowball methods* e *Ego-centric networks*). O estudo das redes completas e ‘bola de neve’ fornece informações sobre a população inteira e suas subpopulações e requerem a coleta de dados de todos os atores e das relações entre eles. Segundo esses Hanneman e Riddle, para compreender a variação de comportamentos individuais, é necessário descrever e posicionar essas variações existentes entre

indivíduos e a maneira como eles se relacionam, neste caso o melhor método é o estudo das redes egocêntricas, em que o foco do estudo está no papel social desempenhado por um indivíduo. Esse papel é compreendido não só pela análise dos grupos ao qual ele pertence, mas também pela posição que ocupa dentro da rede

Hanneman e Riddle (2005) explicam que as redes egocêntricas são construídas começando com uma seleção de 'nós' focal (ego) e podem ser de dois tipos: a) Egocêntricas com conexões com outros - neste caso procede-se a uma seleção dos 'nós' focais e se identifica a quais 'nós' eles estão vinculados. Assim, na primeira fase se identificam quais 'nós' estão conectados com os demais. Pode-se adotar esse procedimento com cada um dos 'nós'. O enfoque egocêntrico com conexões a outros possibilita a obtenção de informações sobre a rede total e permite combinar atributos ou combinar 'nós'. Tais dados podem ser muito úteis para ajudar a compreender as oportunidades e limitações que o 'ego' tem e de que maneira eles são incorporados em suas redes; b) Egocêntricas individuais - neste caso o foco é mais no indivíduo em detrimento da rede como um todo. Uma nova coleta de informações junto aos indivíduos conectados com cada 'nó' fornece uma boa visão das redes individuais. As vantagens dessa análise são a possibilidade de entendimento de como as redes afetam os indivíduos e a obtenção de uma visão, ainda que incompleta, da rede total. Esse modelo de construção de rede permite verificar a maneira como os atores se relacionam em uma estrutura social mais restrita evidenciando as relações que os atores mantêm com outros da própria rede, o que significa que o foco da análise será uma população pré-determinada, no caso desta pesquisa os autores da RBG.

Serão utilizados os dois modelos de redes egocêntricas. Para verificar as relações entre um indivíduo central e os outros membros da rede em que os vínculos são os autores citados será utilizado o modelo 'egocêntricas com conexões com outros'. Para caracterizar a composição da rede identificando a intensidade do vínculo com o ator central será utilizado o modelo 'egocêntricos individuais'.

A intenção de observar a existência ou não de uma rede social relacionando os autores da RBG e os autores citados está em um contexto da análise da produção. Mesmo sem a disponibilidade de indexadores de citações, foi possível a catalogação destas em uma planilha do *excell* e com o uso dos *softwares* Pajek e Socnetv configurou-se os grafos para destacar os atores mais centrais representado pelo número de citações que cada um recebeu.

3.4 EXISTIU UMA REDE DE AUTORES NA RBG?

Após a etapa de identificar todos os artigos de Geografia urbana na Revista Brasileira de Geografia, e depois do processo de classificação temática, procurando identificar os autores e temas com propósito de construir um quadro que refletisse as influências teóricas de cada período da história da geografia urbana no Brasil, prossegue-se com a identificação dos autores mais citados pelos seis autores que mais publicaram na RBG.

A proposta é verificar nas referências bibliográficas de cada artigo, a partir das quais foi construído um banco de dados com as citações de cada autor da RBG de cada artigo. Optou-se por catalogar as referências apenas dos seis autores que mais publicaram devido a impossibilidade de catalogar todas as referências de todos os 148 artigos de geografia urbana da RBG. Outro critério estabelecido foi que o

pesquisador tivesse publicado quatro ou mais artigos. Foi um número de corte determinado pela quantidade de artigos para montar o banco de dado, um pouco mais que 50.

Tabela 3: Autores da RBG com número de artigos e de referências bibliográficas¹.

AUTOR	Nº DE ARTIGOS	Nº DE REF. BLIB.	Nº DE AUTORES
Fany Davidovich	16	189	124
Roberto Lobato Corrêa	15	237 ²	153
Speridião Faissol	8	112	71
Pedro Geiger	5	20	18
Maria Fca.T. C. Cardoso	4	43	34
Miguel Ângelo Ribeiro	4	80	51
TOTAL	52	681	451

FONTE: RBG, 1939-1995.

¹ Soma de todas as referências bibliográficas de cada artigo do autor, excluídas as auto-citações.

² Não foram consideradas referências dos artigos de revisão bibliográfica (*Os estudos de redes urbanas no Brasil e Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira*).

Como já foi comentado, foram contabilizados para o autor os artigos onde ele era o único ou o primeiro autor. Inicialmente, Jeronymo Cavalcanti havia sido incluído nessa classificação por ter publicado quatro artigos, mas ao observar suas citações constatou-se que elas não tinham nenhuma relação com qualquer outro autor citado, ou seja, seus autores citados não apareceriam na matriz. Além disso, nenhuma de suas citações é uma referência bibliográfica completa, pois apresenta apenas o autor e o nome da obra, o que dificultou sobremaneira tecer algum comentário sobre a produção dele, considerando ainda que há títulos em inglês, alguns em francês e outros em alemão.

Baseando-se na lista de autores com até quatro artigos publicados na RBG (Tabela 2), Jeronymo Cavalcanti é o único que não era geógrafo nem funcionário do IBGE, ele era engenheiro da prefeitura do Distrito Federal. Escreveu os artigos de caráter mais técnico: *A Geografia e a sua influência sobre o Urbanismo* (RBG, v.2, n.4, 1940); *A Geografia Urbana e sua influência sobre o saneamento das cidades* (RBG, v.3, n.1, 1941); *A Geografia Urbana e sua influência no tráfego* (RBG, v. 3, n. 3, 1941) e *A Geografia Urbana e sua influência sobre o Urbanismo superficial e subterrâneo* (RBG, v. 4, n. 1, 1942).

Infelizmente, por todos os motivos acima explanados, a obra de Cavalcanti não será analisada, o que não desqualifica sua produção, pois concordamos com Almeida (2000) quando ele comenta que

Esta série deve ser seriamente considerada como elemento de estudos nos cursos de história da Geografia Urbana ou do Urbanismo atuais, para um melhor entendimento do que era considerado pelos planejadores urbanos no final da década de 30 e início dos anos 40 (ALMEIDA, 2000, p. 183).

De qualquer forma, os resultados no grafo geral não foram alterados, apenas Cavalcanti não terá um grafo. Inicia-se agora a apresentação da matriz e grafos originados.

3.4.1 Matriz Geral de Autores

A matriz de autores está estruturada no Quadro 3, organizado com os autores citados na primeira coluna e os autores da RBG na primeira linha. Os nomes dos autores na coluna estão em ordem alfabética e a ordem dos autores da RBG segue a mesma da Tabela 2. As células da matriz foram preenchidas com o número

de citações recebidas por cada autor da RBG e constam na matriz apenas os autores que foram citados por dois ou mais autores da RBG, dessa forma ao comparar o total de referências na Tabela 2 e o total de citações no Quadro 3 percebe-se uma diferença numérica, pois não foram contabilizados na matriz os autores citados apenas por um autor da RBG. A matriz possui ao todo 46 autores e 267 citações.

O critério de considerar apenas os autores citados por mais de dois autores da RBG parte do princípio de correlação entre as bases bibliográficas, já que o objetivo da matriz é observar se existe ou não uma correlação entre os autores da RBG. Logo, se há citações são exclusivas de um autor elas farão parte da rede desse autor, mas não da matriz geral. É uma forma de diagnosticar se há uma base comum, seja ela teórica ou metodológica, entre as referências bibliográficas. Observa-se o exemplo de Cavalcanti que apesar de ter quatro artigos e 24 referências bibliográficas, ele não possui um autor sequer em comum com os outros autores da RBG, entre outros motivos, isso aconteceu provavelmente devido à diferença temporal da produção dos artigos de Cavalcanti, que os publicou no início da década de 1940 (ver Quadro 2, p. 44).

Quadro 3: Matriz de autores citados e número de citações recebidas.

AUTORES CITADOS	AUTORES RBG	DAVIDOVICH	CORRÊA	FAISSOL	GEIGER	CARDOSO	RIBEIRO	TOTAL
1. AHMAD, Q.			1	1				2
2. ALEXANDER, J. W.			1	1				2
3. BAER, W.		2	1					3
4. BECKER, B. K.		4	1				9	14
5. BERNARDES, L.		2	1	1				4
6. BERRY, B. J. L.		3	7	21	1	1		33
7. CARDOSO, F. H.			1	1				2
8. CASTELLS, M.		8	3				1	12
9. CHRISTALLER, W.			3	2		1		6
10. CHINITZ, B.		1					1	2
11. CORRAGGIO, J. L.		3					1	4
12. CORRÊA, R. L.		4		2		3		9
13. DUARTE, H. S.		1	1					2
14. FAISSOL, E.		1	2				3	6
15. FERRARI, O. F.			1				3	4
16. FRIEDMANN, J.		2		5	1			8
17. GEIGER, P. P.		10	3	1		1		15
18. GEOGER, P.			5		3	1		9
19. HARRIS, C. D.			3	2				5
20. HARVEY, D.		6	4	6			1	17
21. HOSELITZ, B. F.		1	1					2
22. JEFFERSON, M.			1	2				3
23. KAUTZKY, K.		1	1					2
24. LIMA, O. B. L.		1	3					4
25. LINSKY, A. S.			2	1				3
26. MACHADO, L. O.			1				1	2
27. MAGNANINI, R. L. C.		1	2					3
28. MONBEING, P.		1	1		1	1		4
29. PICKVANCE, C. G.		1		1				2
30. PORCARO, R. M.		1					1	2
31. PRADO JUNIOR, C.		1	1		1			3
32. PRED, A.			3				3	6
33. RIBEIRO, L. C. Q.		1					1	2
34. ROCHEFORT, M.			4			2		6
35. RUELLAN, F.					1	1		2
36. SANTOS, M.		7	14	1	1	3	3	29
37. SCHMIDT, B. V.		4					1	5
38. SINGER, P.		4	1					5
39. SMITH, C.			2			1		3
40. SMITH, R. H. T.		1	2					3
41. STORPER, M.		1		1				2
42. TOLOSA, H.		3		1	1			5
43. TURNOWSKI, S.			1				1	2
44. ULLMAN, E. et al.			1	1				2
45. VALVERDE, O.					1	1		2
46. ZIPF, G. K.			2	2				4
Total de Citações		76	81	53	11	16	30	267

FONTE: RBG, 1939-1995.

Na composição da matriz constam 21 autores brasileiros que juntos acumulam 123 citações, o que corresponde aproximadamente a 45% do total de referências feitas pelos autores da RBG. Considerando esses percentuais como amostragem da produção nacional, isso pode significar que a produção do periódico não pode ser caracterizada como dependente das influências estrangeiras (teorias, métodos etc.) e que os autores brasileiros leram seus pares nacionais, e possivelmente compartilharam sua produção. Ponderando o fato de que os autores que mais produziram na RBG foram pesquisadores do IBGE, com exceção de Jerônimo Cavalcanti, é coerente presumir que eles tinham conhecimento e acesso ao que estava sendo produzido nacionalmente.

A matriz pode ser lida de duas maneiras. Uma delas é identificar os autores mais citados. Em ordem decrescente, os autores que receberam mais de dez citações foram: Berry, Brian J. L. (33); Santos, M. (29); Harvey, D. (17); Geiger, P. P. (15); Becker, B. K. (14) e Castells, M. (12). São seis autores, três estrangeiros e três brasileiros, apenas uma mulher. Não é o critério ideal de análise de uma matriz, pois a quantidade de citações total mascara os possíveis desvios. O mais comum deles acontece quando há um alto número de citações feitas por apenas um autor. Por exemplo, com exceção de Harvey que mostrou uma distribuição mais equilibrada de citações recebidas entre os autores da RBG, todos os outros foram mais privilegiados por um autor: Berry por Faissol, Santos por Corrêa, Geiger e Castells por Davidovich e Becker por Ribeiro. Entretanto, apesar do número de citações não ser um critério totalmente ideal, ele é útil para em um grafo demonstrar a intensidade da ligação entre os autores.

Outra forma de analisar a matriz de autores é considerando o número de ligações de cada autor citado. Quanto mais autores diferentes fizerem a mesma

citação, maior será o número de ligações. Esse de fato é o critério que permite avaliar a existência ou não de uma rede de pensamento, pois possibilita verificar se as citações estão sendo compartilhadas, se há referências semelhantes. Dessa forma, considerou-se que quatro seja o número mínimo de ligações, um número a mais que a metade de autores da RBG. Por esse critério destacam-se: Santos, M. com seis (6) ligações; Berry, B. com cinco (5); e Geiger, P. / Harvey, D. / Monbeing, P. com quatro (4) ligações.

Contudo, não basta apenas identificá-los, é necessário compreender os diferentes níveis de influência que cada autor obtém frente aos autores da RBG. Para determinar a centralidade dos autores citados que mais influenciaram os geógrafos do IBGE foi empregada a metodologia de análise das redes sociais – ARS e também foi utilizado o *software* Pajek¹⁰. Isso permitiu identificar os autores centrais, considerando o número de citações recebidas e o número de ligações entre eles.

A seguir tem-se o grafo em que cada autor constitui um vértice e cada referência uma ligação para expressar a estrutura básica da rede de autores e suas idéias da geografia urbana brasileira através da RBG. No grafo há a junção das duas formas.

¹⁰ O programa Pajek e outros documentos relacionados estão disponíveis em:
<http://pajek.imfm.si/doku.php?id=pajek>

Figura 3: Grafo da Matriz de Autores da RBG

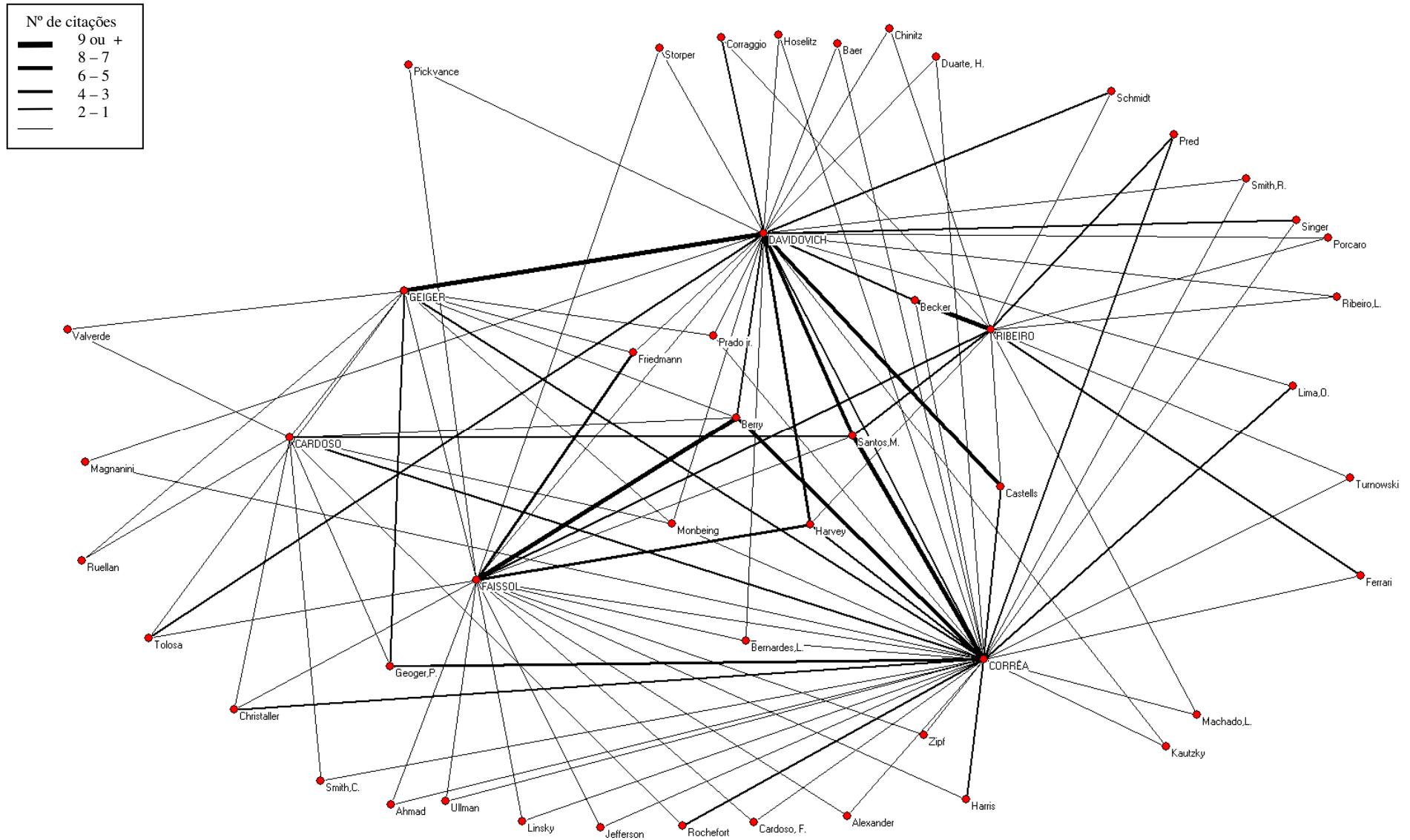
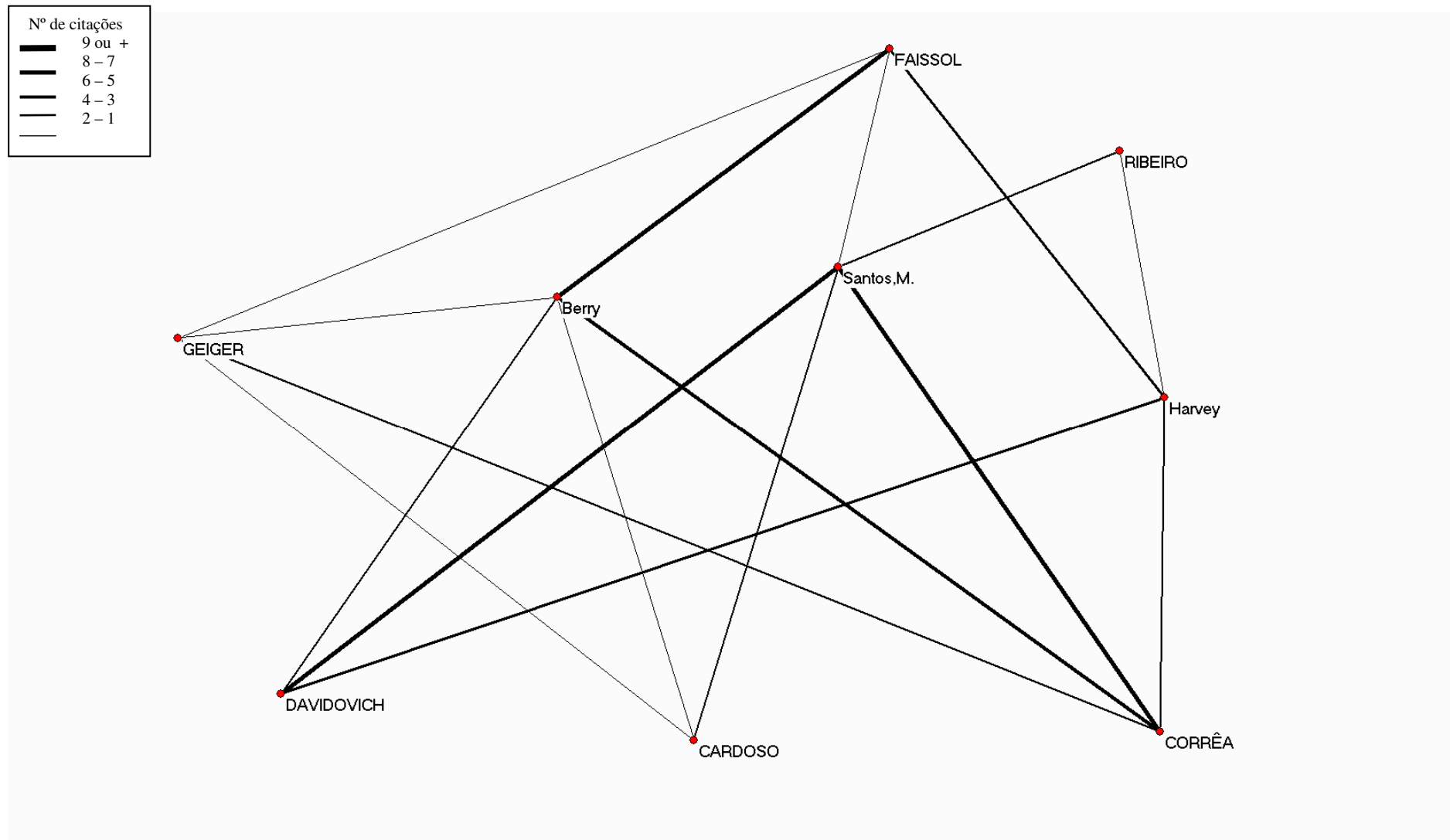


Figura 3.1: Grafo da Matriz de Autores da RBG simplificado



Ao combinar as duas formas de leitura da matriz e considerando que as conexões em rede apontam para uma ordem numérica de relacionamentos possíveis, facilmente pode-se apontar o potencial de influências de quatro autores citados. São eles: Berry, B.; Santos, M.; Geiger, P. e Harvey, D. que podem ser considerados como grandes influenciadores do pensamento da geografia urbana na Revista Brasileira de Geografia. Cada um deles teve um papel diferenciado na produção geográfica. Nesse sentido, compreender as articulações das citações e as estruturas discursivas é fundamental, especialmente para o resgate histórico da construção do saber científico do periódico analisado. Não se teve a pretensão de avaliar os enunciados científicos dos autores citados, mas apenas esclarecer as relações entre os autores com base na matriz e grafo elaborados.

Iniciando a análise do grafo, percebe-se a centralidade de Milton Santos através das ligações que tem com todos os autores da RBG, confirmando seu importante papel na Geografia brasileira. Suas ligações mais densas são com Corrêa e Davidovich. Observando-se as 29 citações recebidas há uma concentração entre os anos 1981-1995, principalmente durante a década de 1980, após sua volta do exílio ao Brasil, quando Santos publica diversos artigos sobre os aspectos e faces da desigualdade no Terceiro Mundo e os impactos e repercussões sobre o território confluindo para uma fase da geografia urbana quando os estudos sobre a estrutura interna da cidade, o processo de urbanização e o estudo da rede urbana se destacam sob uma perspectiva mais crítica.

Milton Santos publicou mais de quarenta livros e mais de 300 artigos em revistas científicas, em português, francês, espanhol e inglês, principalmente no exterior. A citação mais freqüente refere-se ao livro “O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos” publicado em 1979, em

que Milton Santos oferece sua contribuição à busca de uma teoria do espaço e da urbanização no Terceiro Mundo, apresentando uma análise sobre o fenômeno do subdesenvolvimento na economia urbana dos países subdesenvolvidos caracterizada por ser dotada de um circuito superior, de caráter formal, e um circuito inferior, de caráter informal. Essa obra é considerada um esforço original de interpretação sistemática e interdisciplinar da evolução econômica social, política e ao mesmo tempo geográfica do conjunto dos países do Terceiro Mundo. O ápice de citação desse livro foi o ano de 1987-88, quase 10 anos após a sua publicação.

O segundo autor que se destaca na rede é Brian Berry que tem o maior número de citações e possui cinco ligações. Esse pesquisador inglês / americano repete na RBG sua influência na geografia mundial, pois é um dos mais citados cientistas sociais e o geógrafo mais freqüentemente citado no mundo há mais de um quarto de século¹¹. Tem seu nome associado à geografia quantitativa por ter sido responsável pela divulgação de pesquisas sobre redes urbanas utilizando métodos quantitativos.

Brian Berry possui 23 diferentes publicações citadas. Seu trabalho mais citado foi o artigo *Hierarchical diffusion: the basis of development filtering and spread in a system of growth centers* (1972), por Faissol. Contudo o trabalho citado por mais autores da RBG foi o artigo *City Size and Economic Development: conceptual synthesis and Policy Problems* (1971).

Tanto as citações a Berry como os artigos que o citaram estão concentrados na década de 1970, que foi resultado “(...) de uma segunda aproximação com a Geografia de alguns centros norte-americanos e foi inicialmente inspirada por Brian Berry (1968)” (BERNARDES, N. 1982), quando ele veio ao Brasil aplicar um curso

¹¹ Breve biografia de Brian J Berry disponível no site da University of Texas in Dallas. Acessado em nov/2009 (www.utdallas.edu/news/archive/2005/berry-lud.html).

sobre o uso de técnicas quantitativas e “atuou como consultor junto ao extinto Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU” (ABREU, 1994, p. 121).

Há duas citações a Berry também na década de 1980, Cardoso (1982) e Faissol (1987), no entanto, pelo título dos trabalhos, parecem ser uma referência ao que foi produzido, como um resgate histórico. Nada comparado à década anterior, quando as citações são de embasamento teórico-metodológico no desenvolvimento das pesquisas que estavam alinhadas com as necessidades do IBGE e com as mudanças nas cidades e no urbano brasileiros.

Em continuidade, passemos a David Harvey que tem quatro ‘ligações’ e foi citado 17 vezes. As suas citações estão mais bem distribuídas, sem ser eminente na rede de um só autor da RBG. Os trabalhos citados de Harvey foram publicados entre 1969 e 1978, contudo é importante salientar a mudança de corrente de pensamento do autor nesse período. Nos anos 1960, Harvey trabalhou, principalmente, com problemas relacionados à filosofia e metodologia da geografia. O livro *Explanation in Geography* (1969) versa sobre a epistemologia da geografia, sob o paradigma da chamada geografia quantitativa. Essa etapa positivista foi substituída por uma marxista e dualista, influenciado pelo contexto de crise da sociedade capitalista, que o leva a procurar no socialismo novos caminhos, novas alternativas, tanto científicas como sócio-políticas para os estudos geográficos, coincidindo com seu traslado a *John Hopkins University*, onde concentrou seu interesse nos processos de urbanização e empobrecimento de algumas cidades norte-americanas. Assim, alterou radicalmente o foco de sua atenção para a problemática urbana a partir de uma perspectiva materialista-dialética. Sua adesão a geografia crítica é confirmada no livro *Social Justice and the Geography* (1973), em que confronta os paradigmas liberal e marxista na análise dos problemas urbanos.

As duas fases de Harvey também serão refletidas pela geografia urbana do IBGE. Ao analisar os trabalhos citados percebe-se uma diferença entre as citações feitas por Corrêa, Davidovich e Ribeiro e as feitas por Faissol. Enquanto Faissol cita os trabalhos de Harvey entre 1969-72, da sua fase neopositivista, Corrêa, Davidovich e Ribeiro citam, principalmente, o livro *Social Justice and the Geography* (1973). Os artigos de Faissol que citam Harvey são do início da década de 70, já os artigos de Corrêa e Davidovich são do final da década de 70 e início da década de 1980, enquanto Ribeiro o cita no artigo de 1995. Essas associações apontam para qual corrente teórica de Harvey os autores da RBG se encaminharam.

Há uma proximidade grande entre o ano de publicação dos trabalhos de Harvey e o ano de publicação dos artigos da RBG que o citam, o que pode indicar que os pesquisadores brasileiros acompanhavam a produção desse autor, e que ele tinha influência sobre a produção em geografia urbana.

Por último, mas não menos importante, o quarto autor que mais recebeu citações, Pedro Pinchas Geiger, também tem quatro ligações. Por ser pesquisador do IBGE, essas ligações tem um significado diferente se comparado com outros autores citados, pois indica a centralidade de Geiger dentro do órgão, onde seus pares reconhecem sua produção.

Na geografia urbana da RBG, a obra de Geiger mais citada é o livro *Evolução da rede urbana* (1963), sobre este livro Almeida comenta,

é considerado a primeira obra completa sobre o processo de organização urbana do Brasil, classificando cidades, definindo metrópoles nacionais e delimitando hierarquicamente suas respectivas redes, correlacionando explicitamente as relações entre industrialização e urbanização, que começavam a se delinear no Brasil no final dos anos 50 e início dos 60 (ALMEIDA, 2000, p. 95).

É interessante observar que o livro depois da sua publicação é citado em todas as décadas, mas principalmente na década de 1980. Talvez por ser uma importante contribuição para o estudo da rede urbana brasileira, tornou-se referência para os estudiosos da temática.

Segue em seqüência a rede dos autores da RBG que mais publicaram com comentários sobre as citações feitas. Também há comentários a respeito de alguns dados sobre a produção de cada um deles, suas áreas de atuação, temas selecionados, períodos de maior publicação com a finalidade de conhecer um pouco mais a produção de cada um deles.

3.4.2. Autores que mais publicaram na RBG

3.4.2.1 Fany Davidovich

A autora ingressou no IBGE no início dos anos 40. Seu primeiro trabalho voltado para a temática urbana publicado é *Aspectos geográficos de um centro industrial: Jundiaí em 1962* (RBG, v. 28, n.4, 1966). Um de seus artigos mais citados por ela mesma foi *Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil*, escrito em parceria com Olga Buarque de Lima (RBG, v. 37, n.1, 1975).

Conforme minuciosa pesquisa realizada por ALMEIDA (2000), em que apresenta a biografia dos geógrafos do IBGE,

Fany ingressou no IBGE em 1943 e afastou-se em 1945 ao casar-se, retornou em 1960 e aposentou-se pela compulsória em 1992, mas continua a produzir como consultora em diversas agências de governo (ALMEIDA, 2000, p. 187).

A produção de Fany Davidovich destaca-a como a autora que mais publicou artigos na RBG, apresentando o total de 16 artigos, a partir dos quais catalogamos 163 referências bibliográficas. Uma breve análise sobre sua produção mostra que a autora concentrou 50% dos artigos com temas sobre o processo de urbanização.

Eles foram publicados entre as décadas de 1970 e 1980, com uma bibliografia, em sua maioria, composta de obras do mesmo período. A observação sobre a bibliografia utilizada pela autora indica a pouca utilização dos clássicos da ciência geográfica, caracterizando os primeiros artigos como relatórios técnicos, com escassas referências, o que até pode ser explicado pela pouca tradição na geografia brasileira em consultar os clássicos da disciplina. Os artigos publicados na década de 1980 já contam com uma bibliografia mais extensa e mais diversa. A auto-referência é algo marcante nos artigos da autora (1975, 1976, 1978 e 1984), há 28 auto-citações, ou seja, Davidovich como primeira autora, o que é comum segundo apontou Bunge (1961), que realizou um dos primeiros trabalhos sobre a estrutura da pesquisa em Geografia através das referências bibliográficas.

Em sua rede de autores percebe-se a grande influência de Geiger (Figura 4). É importante ressaltar que computamos apenas o primeiro autor das citações bibliográficas. Dessa forma, o que se observa é que a metade do número de citações bibliográficas de Geiger citada por Davidovich é composta de publicações de ambos. São os artigos: *Urban Growth* (1971); *Reflexões sobre a evolução da estrutura espacial do Brasil* (1974); *Spatial strategies of the state in the political-economic development of Brazil* (s. i.).

Uma análise mais minuciosa da bibliografia de Davidovich aponta para uma base teórica centrada principalmente em Santos (1979, 1982 e 1984) e Castells (1973 e 1983). Esses autores aparecem em quase todos os artigos publicados por ela.

O uso das obras de Milton Santos, em geral, tem datas próximas às publicações do autor, indicando uma aproximação com o que era produzindo internamente no país, enquanto as obras de Castells citadas aparecem dois ou três anos após a data de publicação. Da mesma forma, as obras de Lefèbvre (1972, 1974 e 1976), Harvey (1973) e Berry (1969, 1970 e 1973) aparecem citadas principalmente nos artigos do final da década de 70 e durante a década de 80, indicando certo espaço de tempo, possivelmente devido à restrição ao acesso às publicações internacionais.

3.4.2.2 Roberto Lobato de Azevedo Corrêa

A participação de Corrêa na produção de artigos para a Revista Brasileira de Geografia pode ser caracterizada como ampla e diversificada. É um dos principais nomes da geografia urbana brasileira e da geografia como um todo. Roberto Lobato Corrêa iniciou sua carreira no IBGE em 1959 e aposentou-se em 1993, atualmente professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua principalmente nos seguintes temas: Rede, Espaço, Região.

Foram 15 artigos publicados na RBG, destes dois foram excluídos como fonte de referências bibliográficas por se tratarem de artigos de revisão da disciplina, um sobre o tema de redes urbanas *Os estudos de redes urbanas no Brasil* (RBG, v. 29, n. 4, 1967) e outro *Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira* (RBG, v. 51, n.3, 1989) sobre as diferentes abordagens dos estudiosos ao tema. Essa preferência temática é notada também pela concentração de artigos da RBG no tema 'Área de influência / Rede urbana / Cidade – região /

Funções Urbanas' com 12 artigos, mais dois de 'Proposições Teóricas' e um sobre 'Organização Interna da Cidade'.

Corrêa escreveu na área de urbana na RBG por 30 anos, considerando seu primeiro artigo *Contribuição ao estudo da área de influência de Aracaju* (RBG, v. 27, n. 2, 1965) e o último *Identificação dos centros de gestão no território no Brasil* (RBG, v. 57, n. 1, 1995). Foi o autor com mais referências bibliográficas, em que o número de autores citados corresponde a 31% do total, indicando uma rica base de referências, o que demonstra uma boa carga de leitura. Suas fontes eram principalmente livros e periódicos especializados, entre eles o mais citado é a própria Revista Brasileira de Geografia, os Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros e o Boletim Carioca de Geografia. Destaca-se também o número de artigos lidos em periódicos estrangeiros, os mais citados são Economic Geography, Geographical Review e Urban Geography.

Para analisar a atualidade das citações estabeleceu-se o critério de dez anos de diferença entre o ano do artigo e o ano de publicação da citação. O que se constatou foi que 1/3 das citações tinham mais de dez anos, o que indica que Corrêa citava obras atuais à publicação dos seus artigos, mas sem deixar de rever o que já tinha sido publicado sobre o assunto.

Prosseguindo nessa análise da produção de Corrêa, a sua rede (Figura 5) é composta por 153 autores distribuídos aleatoriamente a partir do nó central. As ligações mais densas, com traço mais forte, são com Santos, M. (14), seguido por Berry, B. (7); George, P. (5); Moreira, R. (5); Harvey, D. (4); Julliard, E. (4); Labasse, J. (4) e Smith, C. (4); restringiu-se a relação nesses oito autores para tornar mais prática a análise considerando a quantidade total de autores citados por Corrêa.

Sem o propósito de exame aprofundado das razões das citações, a análise destas deteve-se na correlação de dados superficiais.

As obras de Santos, M. (1956, 1961, 1970, 1977, 1978, 1979, 1982, 1985, 1988 e 1993) citadas são livros e artigos que em geral abordam a temática sobre o espaço urbano e foram utilizadas, principalmente, em artigos de Corrêa sobre redes no final dos anos 80, em uma fase mais 'crítica' da geografia e quando as idéias de Milton Santos tiveram bastante repercussão no Brasil. Outro autor mais citado é Berry, B. (1958, 1965, 1967, 1971, 1971a, 1975), com a maioria das citações é de artigos em inglês que abordam os temas hierarquia urbana e áreas de influência e apresentam metodologias que foram muito utilizadas durante a década de 1970, fase da geografia quantitativa. Foi nesse período que Corrêa defendeu sua tese de mestrado orientada por Brian Berry *Variations in Central Place System: an analysis of the effects of population densities and income levels* em 1974.

Outros autores citados por Corrêa, cada qual com sua importância, acompanharam as diferentes fases desse pesquisador. "A principal característica da trajetória profissional de Roberto Lobato Corrêa na Geografia Urbana brasileira foi sua total inserção nas quatro correntes metodológicas por que passou a Geografia Urbana no IBGE" (ALMEIDA, 2000, p. 186). Ainda de acordo com Almeida ele orientou a maioria dos pesquisadores que desenvolveram teses e trabalhos internos sobre a estrutura interna das cidades, principalmente no Rio de Janeiro (ALMEIDA, 2000, p. 189).

3.4.2.3 Speridião Faissol

Eminente geógrafo brasileiro, Faissol também desempenhou sua profissão no IBGE. Foi estagiário do Serviço Nacional de Recenseamento do Censo de 1940, depois se tornou pesquisador do órgão. Por intermédio do Professor Preston James vai para Syracuse (EUA) e se doutora em 1956. Assumiu a direção do Departamento de Geografia até 1960, depois esteve à frente de outras funções no órgão até a sua aposentadoria em 1982. Após sua aposentadoria, lecionou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em 1997 faleceu repentinamente.

Na geografia urbana da RBG, Faissol produziu oito artigos que versam sobre os processos de urbanização brasileira, a escala de análise é sempre a nacional. “O planejamento – imerso nas discussões prioritárias do urbano e do regional – é justamente o tema que mais vai estar presente na produção científica de Faissol” (REIS JUNIOR, 2004, p.62). Possui cinco artigos no tema ‘Área de influência / Rede urbana / Cidade – região / Funções Urbanas’, um em ‘Proposições Teórica e Metodológicas’, outro em ‘Políticas Públicas e Planejamento’ e mais um outro em ‘Outros temas’, que é o artigo *O processo de difusão no sistema urbano brasileiro: análise do padrão de distribuição espacial de centros urbanos e seu ajustamento a distribuição de probabilidades* (RBG, v. 35, n.3, 1973).

Os artigos de Faissol na geografia urbana, foram publicados em sua maioria na década de 1970. É considerada sua fase ‘urbana’ que segundo Almeida (2000).

caracterizavam-se pela tentativa de absorção dos métodos quantitativos, que foram mais explorados no contexto dos trabalhos classificatórios de centros urbanos, ao correlacionar tamanho populacional com características funcionais, gerando o fator *tamanho funcional*, muito citado nos trabalhos do período (ALMEIDA, 2000, p. 187).

Esses fatos explicam a matriz de pensamento de Faissol (Figura 6), onde se destaca a influência de Berry, B. (21 citações). É grande a centralidade de Berry na produção de Faissol, cuja obra mais citada é o artigo *Hierarchical diffusion: the basis of development filtering and spread in a system of growth centers* (1972). A influência de Berry coincide com o período quando Faissol coordenou o Grupo de Áreas Metropolitanas (GAM) e os processos de industrialização e urbanização no Brasil se consolidavam.

Outra característica da rede de autores de Faissol é a baixa participação de autores brasileiros. Acontece o mesmo quando se verifica as fontes bibliográficas, que em geral são artigos de livros ou periódicos estrangeiros. Os periódicos nacionais que aparecem – Revista Brasileira de Geografia e Boletim Geográfico – fazem referências aos artigos do próprio autor, são auto-referências.

Os outros autores da rede de Faissol mais citados são Harvey, D. (6); Thompson, W. (5); Friedmann, J. (5); Dacey, M. F. (4) e Zipf, G. K. (3). Como se percebe, todos são estrangeiros, indicando uma maior interação com o que era produzido fora do Brasil. Esses autores publicaram suas idéias, principalmente na forma de artigos, sobre os métodos quantitativos. Isso indica que no âmbito da geografia urbana na RBG, Faissol deteve-se interessado nos desenvolvimento e aplicação de métodos matemático-estatísticos, não apresentando uma diversificação de temas nessa disciplina.

É reconhecidamente o nome que liderou um movimento intelectual de introdução dos métodos quantitativos e foi por sua influência que ocorre “a mudança de orientação na matriz de pensamento geográfica até então vigente no pensamento geográfico do IBGE” (nota RBG, 1994), referindo-se ao fim da hegemonia da Geografia francesa na produção do Órgão.

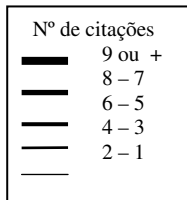
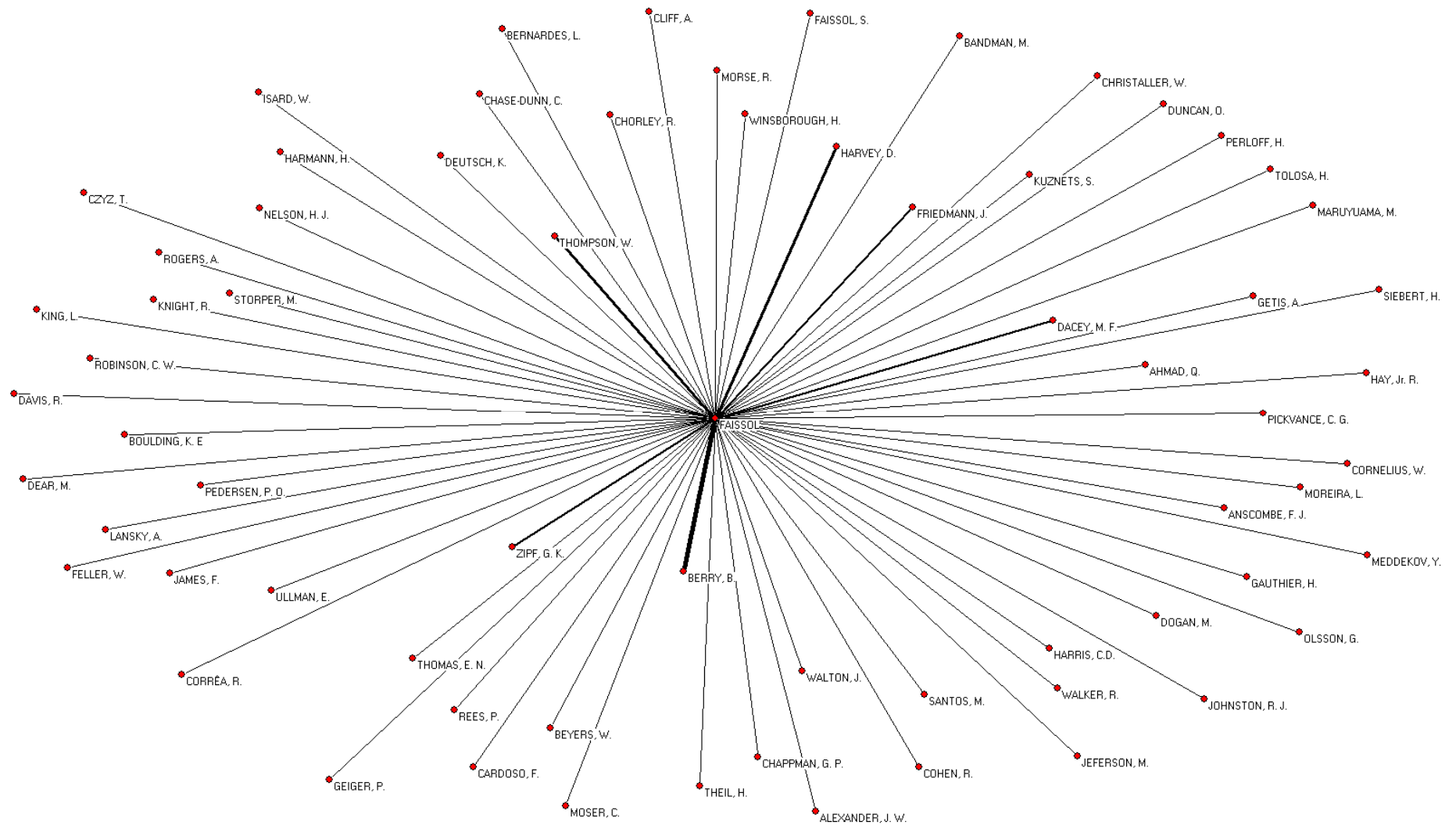


Figura 6: Rede de Autores de FAISSOL



3.4.2.4 Pedro Pinchas Geiger

As principais áreas de investigação do geógrafo Pedro Pinchas Geiger foram urbanização e industrialização. Contemporâneo de Faissol, foi pesquisador do IBGE de 1942 a 1984. Atualmente, integra como professor convidado o Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Tornou-se conhecido no meio escolar por sua proposta de divisão regional do Brasil, chamada 'Divisão Geoeconômica'.

Construir a rede de autores foi uma tarefa difícil, pois Geiger não tinha a preocupação de colocar a bibliografia utilizada ao final de cada artigo. A forma encontrada de montar sua rede foi colher as citações no interior de cada artigo, mesmo assim houve problemas por que muitas das citações estavam incompletas, ou só o autor e o ano ou só o nome da obra. Por exemplo, o *artigo Cidades no Nordeste. Aplicação de "factor analysis" no estudo de cidades nordestinas* (RBG, 1970, v. 32, n.1) não possui nenhuma referência bibliográfica. Muitas vezes ele citou apenas o autor, o que não foi considerado como uma citação já que não faz as referências devidas, por isso há apenas 20 referências bibliográficas e mesmo assim nem todas estão completas. Esse é o principal motivo por que a rede de autores de Geiger é tão pequena. De qualquer forma, sua rede de autores foi montada.

O autor que aparece com mais citações é George, P. (3), todos os outros autores foram citados apenas uma vez. Os seus cinco artigos de geografia urbana publicados na RBG não se concentram em nenhum período. O primeiro artigo foi publicado em 1956, *Urbanização e industrialização na orla oriental da Baía de Guanabara* (RBG, 1956, v. 18, n.4), dois outros na década de 1960 e mais dois na década de 1970. É importante lembrar que consideramos apenas o primeiro autor ou

o único autor do artigo, pois Geiger produziu outros três artigos em parceria, mas não foi o primeiro autor. Entre os cinco artigos, dois são proposições teórico-metodológicas *Aspectos do fato urbano no Brasil* (RBG, 1961, v.23, n.2) e *Diretrizes e prioridades em pesquisas urbanas* (RBG, 1973, v. 35, n.1).

O poder da sua produção no contexto dos estudos urbanos foi reconhecido na avaliação de Nice Lecocq Müller (1968) durante o Simpósio de Geografia Urbana do IPGH, realizado em Buenos Aires em 1966, que listou 10 trabalhos de Geiger realizados entre 1952 e 1963.

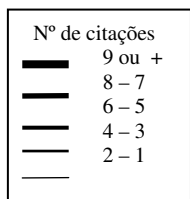
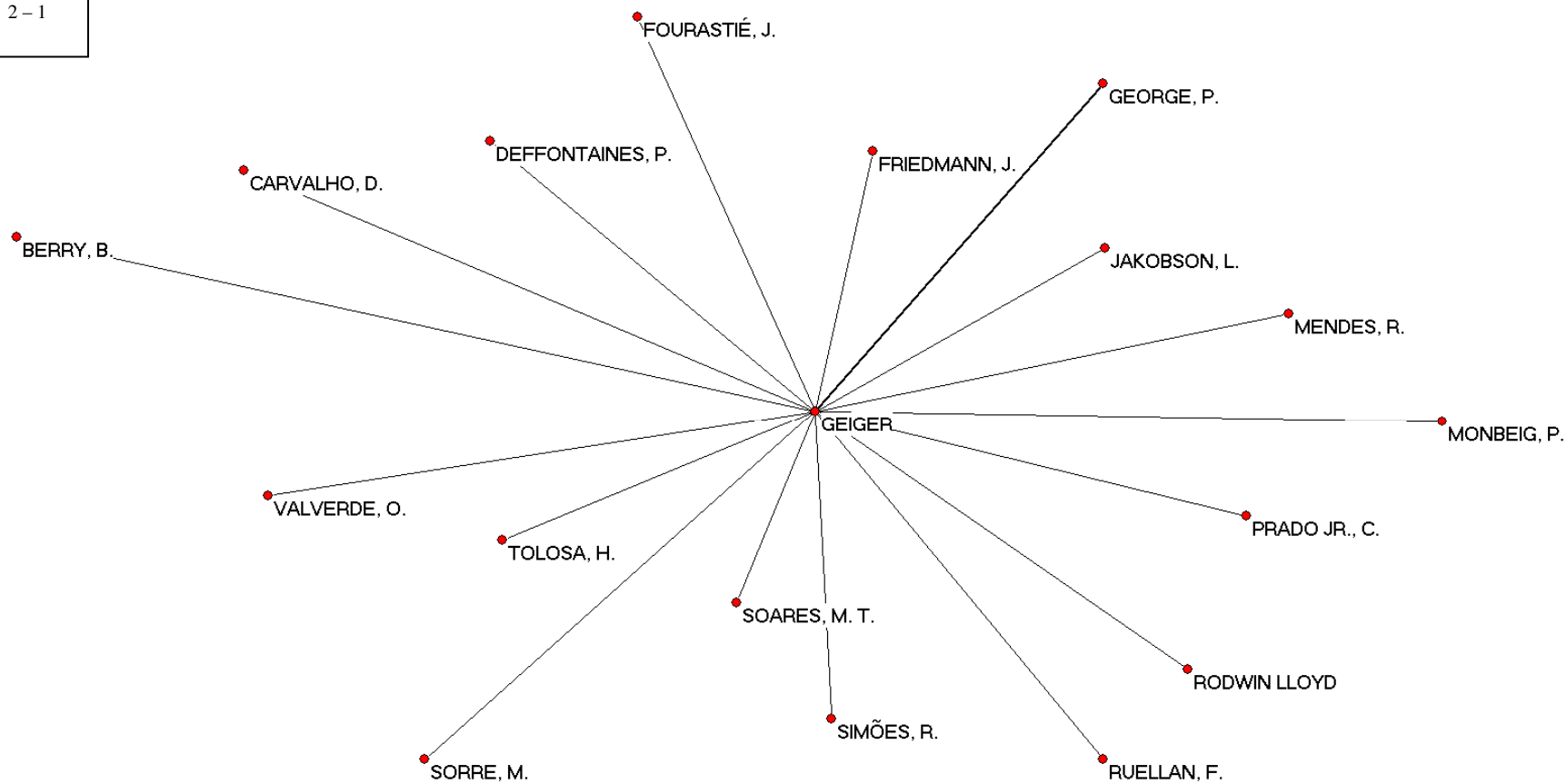


Figura 7: Rede de Autores de GEIGER



3.4.2.5 Maria Francisca T. C. Cardoso

A geógrafa Maria Francisca escreveu quatro artigos na RBG no campo da geografia urbana, destes o primeiro artigo é caracterizado como uma monografia urbana *Aspectos geográficos da cidade de Cataguases* (RBG, v. 7, n. 4, 1995). Entre as citações desse artigo, composta basicamente de obras de caráter histórico, destacam-se as referências a Pierre Monbeig (O Estudo geográfico das Cidades) e Francis Ruellan (Notas de aula da F.N.F. sobre o papel das cidades), indicando qual era sua base teórica para a produção do artigo.

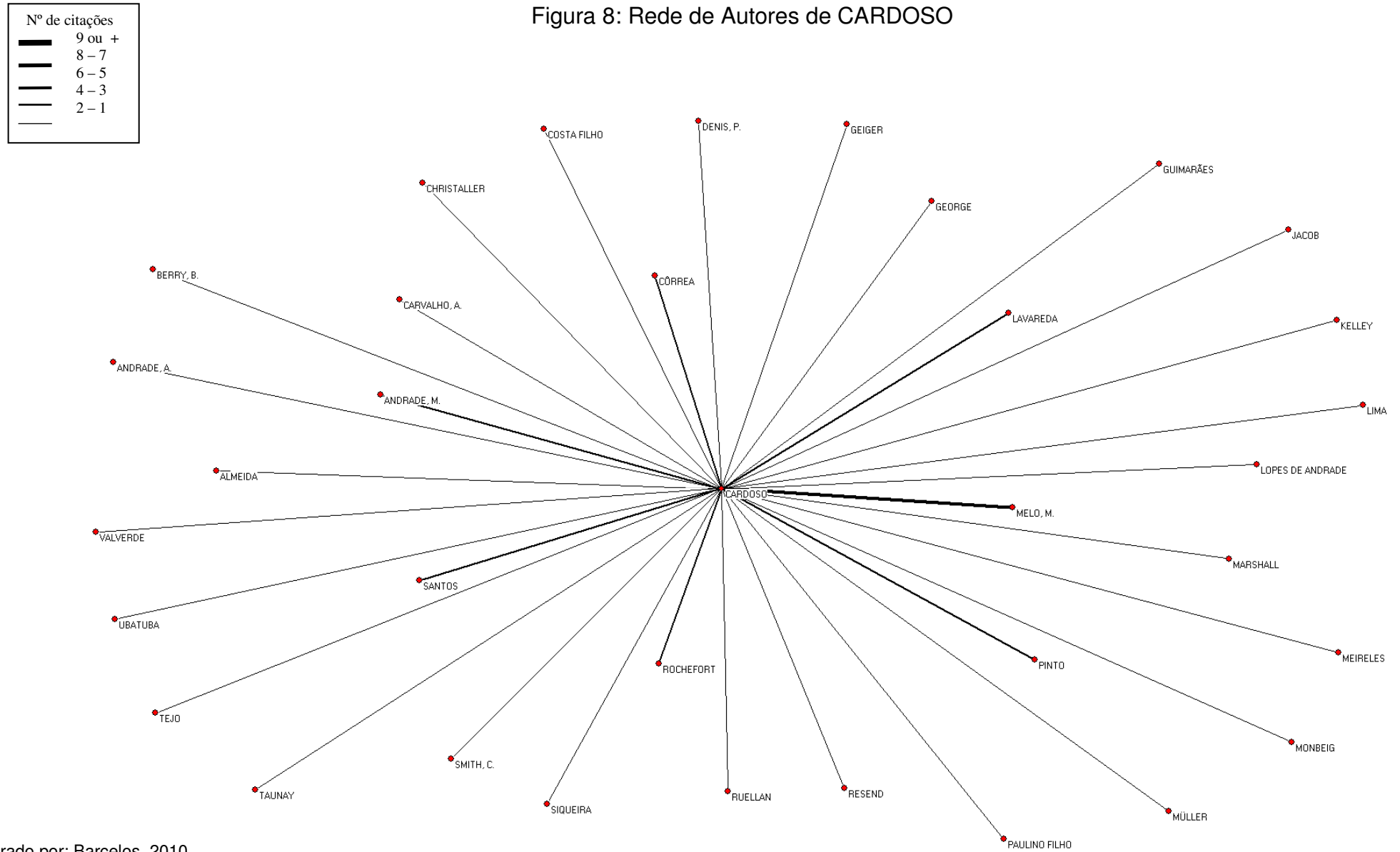
Já os outros três artigos se enquadram no tema 'Área de influência / Rede urbana / Cidade – região / Funções Urbanas' os artigos sobre função urbana – *Campina Grande e sua função como capital regional* (RBG, v. 25, n.4, 1963) – e área de influência - *Caruaru: a cidade e sua área de influência* (RBG, v. 27, n.4, 1965) – foram escritos na década de 1960, este último sob influência da matriz francesa, citando Pierre George (s.i.) e Michel Rochefort (s.i.).

Apesar das referências aos autores estrangeiros como se pode perceber, a rede de autores de Cardoso é composta predominantemente por autores brasileiros. O autor mais citado é Melo, M. (4), por conta de seus artigos e guia de excursão que abordavam o Estado de Pernambuco e o Nordeste. Depois aparecem Corrêa, R. (3) e Milton, S. (3), que se concentram na bibliografia do artigo *Rede de localidades centrais: uma tipologia aplicada ao Brasil* (RBG, v. 44, n. 4, 1982), publicado em parceria com Lílían Maria Peçanha de Azevedo.

Ela foi da geração que ingressou no IBGE na década de 50, com foco nos estudos urbanos,

Maria Francisca Cardoso trabalhou também na área de divulgação de assuntos geográficos e orientou a estrutura de cursos de aperfeiçoamento durante o início dos anos 80, retornou à pesquisa geográfica, trabalhando em análise regional e aposentou-se em 1991 (ALMEIDA, 2000, p. 185).

Figura 8: Rede de Autores de CARDOSO



3.4.2.6 Miguel Angelo Campos Ribeiro

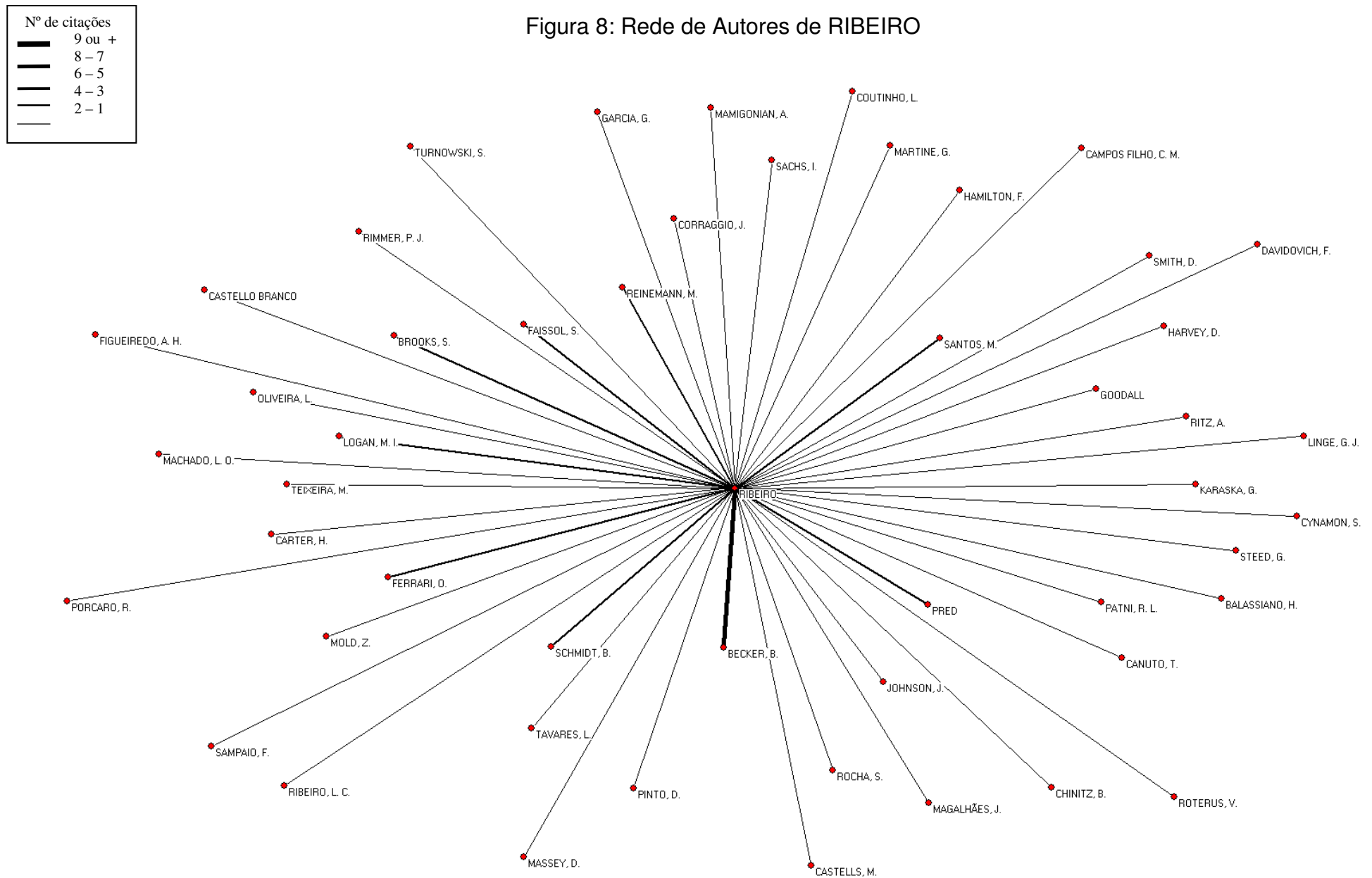
A participação de Ribeiro na geografia urbana da RBG é um pouco posterior aos demais. Seu primeiro artigo nessa área foi publicado em 1980 - *Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais na área metropolitana do Recife*, (RBG, v. 42, n. 2, 1980), que foi escrito em parceria com Roberto Schmidt de Almeida. Eles trabalharam juntos entre 1976 e 1994 e publicaram 11 trabalhos diferentes.

Assim como o primeiro, os outros dois artigos tratam da escala intra-urbana, são eles *Principais linhas de abordagem e estudos empíricos a nível intra-urbano: uma resenha em torno da localização industrial* (RBG, v. 44, n. 3, 1982) e *Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais na área metropolitana de Salvador* (RBG, v. 44, n. 4, 1982). A maior parte das citações desses três artigos tem como fonte periódicos nacionais e estrangeiros. O autor equilibra bem a quantidade de autores brasileiros e estrangeiros como um todo, mas nota-se que nos dois primeiros artigos há muitas referências em inglês, o que pode indicar falta de bibliografia nacional sobre o assunto. Já nos dois últimos artigos há mais referências em português. Em todos os artigos há citação da Revista Brasileira de Geografia, evidenciando a leitura do que já havia sido produzido internamente no IBGE. As citações são atualizadas no sentido de não terem uma idade muito distante a do artigo publicado na RBG, na sua maioria com menos de dez anos de diferença.

O grande destaque nas citações de Ribeiro é Bertha Becker (Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro), com as citações a ela concentradas no último artigo, *A dimensão urbana da questão ambiental na Amazônia* (RBG, v. 57, n.

3, 1995), o que não surpreende já que Becker é uma das maiores conhecedoras da região, realizando pesquisas sobre esse tema desde a década de 70. Esse último artigo de Ribeiro se distancia dos demais não apenas pela temática, mas pela abordagem com uma entonação mais crítica e menos sistemática.

Foi pesquisador do IBGE de 1970 a 1999, atualmente leciona como professor adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



CONCLUSÕES

A grande complexidade das transformações na produção do espaço urbano promove gradualmente a necessidade de um conhecimento aprofundado e talvez seja esse um dos motivos porque os geógrafos têm se interessado cada vez mais pela temática urbana.

O objetivo principal da dissertação foi o de identificar e analisar a produção bibliográfica no âmbito de um periódico geográfico a fim de contribuir para a compreensão da evolução do pensamento geográfico no Brasil. Optou-se por restringir a pesquisa ao campo da Geografia Urbana e escolhemos como objeto a Revista Brasileira de Geografia (RBG), pois nela a temática urbana foi foco de diversos pesquisadores brasileiros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), recebendo contribuições importantes daqueles que se dedicavam com maior ênfase e produziam sistematicamente sobre o assunto. Além disso, a crescente importância da temática urbana foi constatada pelo número de artigos sobre ela, que entre os anos de 1940 a 1955 somavam na RBG 14 artigos, ao passo que entre 1981 e 1995 esse número aumentou para 62 artigos. Estes artigos foram identificados no índice do periódico a partir do título.

Observou-se que a linha de pensamento do IBGE estava refletida na produção da RBG. Esta, ao longo dos 56 anos de publicação analisados, acompanhou as mudanças pelas quais o órgão e a geografia passaram. Foi possível identificar nos artigos as correntes da geografia: Tradicional, Teórico-quantitativa e Crítica ou Marxista, mostrando uma estreita relação entre os geógrafos do IBGE e a cátedra. Ao mesmo tempo a RBG também refletia essa relação ao ter sua publicação aberta, sem exclusividade para os pesquisadores do IBGE. Como se percebe, a produção geográfica do IBGE excedeu em muito ao papel de um órgão estatal, estabelecendo

conexões com a academia e participando ativamente desde a sua criação na elaboração de metodologias em diversas linhas de pesquisa, contribuindo para a construção e definição da Geografia nacional.

Entre os anos de 1939 e 1995 o número de estudos urbanos desempenhou um papel significativo como temática representando nas duas últimas décadas cerca de $\frac{1}{4}$ do total de artigos publicados. Com esse periódico como instrumento para a análise da produção foi possível reconstruir a trajetória percorrida sobre o entendimento do urbano e da cidade, que foi apresentada do capítulo 1. Adicionalmente, a identificação dos autores e temas que se destacaram na produção geográfica permitiu construir um quadro que refletiu as tendências ou orientações teóricas abordadas em cada época e, conseqüentemente, a evolução do pensamento geográfico. Demonstrando que os temas abordados nesse periódico não se distanciavam dos temas da geografia urbana em geral, e em alguns períodos a RBG expressou as novas tendências da geografia precocemente. Não se pretendeu avaliar detalhadamente o desenvolvimento da geografia no IBGE, mas identificar e caracterizar no âmbito da RBG a distribuição dos artigos e autores em um quadro de temas e períodos pré-determinados.

No capítulo 2, apresentaram-se os temas que receberam mais atenção de acordo com os períodos destacados na intenção de distinguir as mudanças que ocorreram na Geografia urbana ao longo do recorte do período de existência da RBG. Observou-se que o tema *Área de influência / Rede urbana / Cidade-região / Funções Urbanas* foi mais privilegiado com maior número de artigos. Identificou-se também que o período de maior produção sobre a temática urbana foi entre os anos de 1981 e 1995. Isto mostrou como os estudos sobre a cidade e o urbano foram enriquecidos e atualmente apresentam abordagens cada vez mais diversas, o que

torna a Geografia Urbana essencial tanto para a ciência geográfica quanto para a sociedade.

Para responder o questionamento 'Quem produziu artigos sobre a cidade e o urbano na RBG?' identificamos os autores de todos os artigos. Para efeito de quantificação, contabilizou-se o único autor e/ou o primeiro autor de cada artigo. Observamos que os nomes que surgiram são / foram de pesquisadores de renome e/ou autores de livros em geografia urbana. Na RBG, os autores que mais publicaram foram Fany Davidovich e Roberto Lobato Corrêa, dois pesquisadores do IBGE, o segundo é atualmente professor adjunto e autor de livros. Nesse capítulo destacou-se a participação de alguns autores de acordo com o número de artigos publicados. Apesar das limitações desse tipo de recorte, pois alguns nomes relevantes na História do Pensamento Geográfico não aparecem, visto que não publicaram ou publicaram apenas um ou dois artigos no periódico, ainda assim considera-se que a RBG reflete no conjunto de artigos publicados a produção em geografia urbana no Brasil.

Esses caminhos foram percorridos a fim de identificar as influências na produção na Revista Brasileira de Geografia no âmbito da geografia urbana. Através da análise das referências bibliográfica dos autores da RBG que mais publicaram foi possível construir uma matriz e vários grafos para constatar a existência de uma rede de pensamento, enquanto rede social, através do método de análise das citações. A grande dificuldade para chegar aos resultados foi, principalmente, técnica, pois não existe sistema de índice de citação no Brasil, como o ISI – *Web of Science* -, demandando a digitação e catalogação de todas as referências bibliográficas, o que foi um fator considerado na escolha do número de autores da RBG. Assim, optou-se por trabalhar apenas com os seis autores que mais

publicaram na RBG, o que gerou um montante de 681 citações bibliográficas. Essas citações corresponderam ao conjunto autor/obra, de forma que foram contabilizados 451 autores, número inferior ao número de citações, considerando que um mesmo autor pode ter publicado mais de uma obra. Em média, cada autor da RBG fazia oito citações por artigo.

A proposta de verificar no cruzamento das referências bibliográficas a existência ou não de uma rede de pensamento na geografia urbana da RBG resultou na construção de um banco de dados com as referências bibliográficas de cada artigo de cada autor da RBG. Por se tratar de um conjunto extenso de dados, estes constam nos anexos B, D, E, F e G. A partir da matriz construída foram elaborados os grafos. No caso desta pesquisa, as linhas da matriz são os indivíduos citados e as colunas consistem dos indivíduos 'citantes'. Cada célula da matriz, em seguida, descreve o resultado do número de citações. A matriz possui ao todo 46 autores e 267 citações. Entre as citações feitas constam 21 autores brasileiros que juntos acumulam 123 citações, o que corresponde aproximadamente a 45% do total de referências feitas pelos autores da RBG. Considerando esses percentuais como amostragem da produção nacional, isso pode significar que a produção do periódico não pode ser caracterizada como dependente das influências estrangeiras (teorias, métodos etc.) e que os autores brasileiros leram seus pares nacionais, e possivelmente compartilharam sua produção.

Em ordem decrescente, os autores mais citados foram: Berry, Brian J. L. (33); Santos, M. (29); Harvey, D. (17); Geiger, P. P. (15); Becker, B. K. (14) e Castells, M. (12). Apesar do número de citações não ser um critério totalmente ideal, ele é útil para em um grafo demonstrar a intensidade da ligação entre os autores, pois considerando que as citações podem ser uma forma do autor descrever as suas

relações sociais, no grafo é possível identificar quem são os nós - quais os autores que foram mais citados -, e como são as linhas, que indicam as relações entre os autores. Isso possibilitou analisar a matriz de autores também considerando o número de ligações de cada autor citado. Quanto mais autores diferentes fizeram a mesma citação, maior foi o número de ligações. Esse de fato é o critério que permitiu avaliar a existência ou não de uma rede de pensamento, pois possibilitou verificar se as citações estão sendo compartilhadas, se há referências semelhantes. Dessa forma, considerou-se que quatro fosse o número mínimo de ligações, um número a mais que a metade de autores da RBG. Por esse critério destacam-se: Santos, M. com seis (6) ligações; Berry, B. com cinco (5); e Geiger, P. / Harvey, D. / Monbeing, P. com quatro (4) ligações.

Não se teve a pretensão de avaliar os enunciados científicos dos autores citados, mas apenas evidenciar as relações entre os autores com base na matriz e grafos elaborados. Nesse sentido, compreender as articulações das citações e as estruturas discursivas é fundamental, especialmente para o resgate histórico da construção do saber científico do periódico escolhido. A Revista Brasileira de Geografia foi o periódico que permitiu um estudo bibliométrico através da análise dos artigos publicados. A leitura de bibliografia especializada pertinente à temática do uso de citações como método de análise da produção acadêmica permitiu estabelecer os parâmetros desse estudo.

Considerando o universo de referências bibliográficas existentes e o que foi utilizado para elaborar a matriz (as referências bibliográficas de seis autores), os resultados apresentados mostram uma coerência entre as matrizes teóricas encontradas e as correntes de pensamento da geografia.

Pelo estudo apresentado as matrizes teóricas da geografia urbana da Revista Brasileira de Geografia são Milton Santos, Brian Berry, David Harvey e Pedro Geiger. São pesquisadores de vanguarda nas referências da produção geográfica nacional e esse fato repetiu-se na disciplina de geografia urbana e na RBG. Portanto, pode-se afirmar que existia uma rede de pensamento com intercâmbio de idéias, métodos e proposições entre os autores da RBG. Segundo a análise de redes sociais, essa rede caracteriza-se como uma rede pequena, restrita a poucos autores em comum. A análise da rede individual permitiu conhecer as influências recebidas, as linhas teóricas e metodológicas privilegiadas, permitindo conhecer um pouco das trajetórias de pesquisa que os autores selecionados percorreram na geografia urbana da RBG.

Por este ser um trabalho acadêmico com tema bem delimitado, não foi possível responder muitas questões sobre o tema proposto. Permanecem outras questões que não fizeram parte do objetivo dessa pesquisa como, por exemplo, questões relacionadas às teorias e idéias que fundamentam cada autor citado, como elas aparecem na RBG? Por que alguns autores ‘famosos’ não aparecem na matriz de citações? Essas perguntas ficam como propostas para futuras pesquisas, além de outras como ampliar a escala de abrangência para verificar se essas matrizes permanecem, ou aprofundar a análise em apenas um autor, esmiuçando cada artigo elaborado e citação feita. Há ainda outros campos da geografia para aplicar essa metodologia e realizar comparações. Existe muito a se conhecer do que já foi produzido para fortalecer o entendimento do que precisa ser melhorado, atualizado ou renovado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Políticas Públicas e Estrutura Interna das Cidades: Uma Abordagem Preliminar. In: **Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos (Sessões Dirigidas)**. Fortaleza: AGB, 1978, pp. 13-21.

_____. O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: Evolução e Avaliação. In: **Os caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, pp. 199-322. Também publicado em: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1_4, p. 21-121, 1994.

ALMEIDA, Roberto Schmidt de. **A Geografia e os geógrafos do IBGE no período de 1938-1998**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2000.

ALVES, Flamarion Dutra; FERREIRA, Enéas Rente. Características Teórico-metodológicas da Geografia Agrária Clássica: uma produção nas revistas científicas brasileiras. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12º, 2009, Montevidéu. **Anais eletrônicos...**Montevidéu: Universidad de la República, 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/>. Acesso em: 29 de abril de 2009.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BARCELOS, Sâmea S. de M. A geografia urbana brasileira: uma análise introdutória, de 1940 a 1995. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12º, 2009, Montevidéu. **Anais eletrônicos...**Montevidéu: Universidad de la República, 2009. Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/>.

BERNARDES, Lysia M.C. e SOARES, Maria Therezinha de Segadas. **Aspectos da Geografia Carioca**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia/IBGE, 1962.

BERNARDES, Lysia M.C. e SOARES, Maria Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro, cidade e região**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1987.

BERNARDES, Nilo. A influência estrangeira no desenvolvimento da Geografia no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 519-527, 1982.

BRAMBILLA, Sônia D. Santos et all. Mapeamento de um artigo produzido na UFRGS: razões das citações recebidas. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia**, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2006.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Col. Ciências Sociais, v.20).

BUNGE, Willian. The struncture of contemporary american geographic research. **The Professional Geographer**, vol. XIII, nº 3, may 1961, pp. 19-23.

CAMARGO, José Carlos Godoy. Uma análise da produção biogeográfica no âmbito de periódicos geográficos selecionados. Rio Claro: **Estudos Geográficos**, 2 (1): 87-106, junho, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **Os caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994a.

CARLOS, Ana Fani. Repensar a Geografia Urbana Brasileira: O Balanço de um Simpósio. In: **Os caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994b, pp. 9-15.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 10ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 1999.

COMPAGNON, Antoine. O trabalho da citação. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. In: KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CORRÊA, Roberto Lobato. Os estudos de redes urbanas no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 93-116, 1967.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia Urbana no Brasil: Uma Avaliação. In: **Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos** (Sessões Dirigidas). Fortaleza: AGB, 1978, pp. 9-12.

_____. Hinterlândias, Hierarquias e Redes: Uma Avaliação da Produção Geográfica Brasileira. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n.3, p. 113-137, jul./set., 1989. Publicado também em: **Os caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, pp. 323-359.

_____. **Redes Geográficas e Teoria dos Grafos**. Textos LAGET, março de 1999.

_____. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DEFFONTAINES, Pierre. Geografia Humana do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 1, (n. 1, p. 19-67, jan./mar.), (n. 2, p. 20-56, abr./jun.), (n. 3, p. 16-59, jul./set.), 1939.

_____. Como se constitui no Brasil a rede de cidades. **Boletim Geográfico [do] IBGE**, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 41-148, 1944.

FOSTER, Jamie; MUELLERLEILE, Cris; OLDS, Kris e PECK, Jamie. Circulating economic geographies: citation patterns and citation behavior in economic geography, 1982-2006. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 2007, vol.32(3), pp.295-312.

FRANCHETTI, Paulo. Clássico para quem? **Revista E**. São Paulo: SESC São Paulo, nº113, outubro de 2006. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br>>. Acessado em 16 de fevereiro de 2010.

FREDRICH, Olga Maria B. de Lima. Algumas Reflexões sobre a Geografia Urbana no Brasil. In: **Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos** (Sessões Dirigidas). Fortaleza: AGB, 1978, pp. 23-29.

GARCIA, J.C.V.; OLIVEIRA, J. C. e MOTOYAMA, S. O Desenvolvimento da História da Ciência no Brasil. In: FERRI, M. G e MOTOYAMA, S. (Coord.). **História das Ciências no Brasil**. EPU/EDUSP/CNPq: São Paulo, 3º vol. Cap. 9, pp. 381-408, 1981.

GEIGER, Pedro P. Industrialização e urbanização no Brasil, conhecimento e atuação da geografia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 50, nº especial, t. 2, p. 59- 84, 1988.

GEO-SUL, Entrevista com o professor Roberto Lobato Corrêa. **GEO-SUL**, Revista do Departamento de Geociências da UFSC, nº 12/13, ano VI, vs. págs., 2º semestre de 1991 e 1º semestre de 1992.

GEO-SUL. Entrevista com o professor Maurício de Almeida Abreu. **GEO-SUL**, Revista do Departamento de Geociências da UFSC. Florianópolis, v. 21, n. 41, p.193 - 210, jan./jun. 2006.

GUIDUGLI, Odeibler S. Produtos dos estudos em Geografia Urbana: uma análise de artigos da Revista Brasileira de Geografia. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA, 3º, 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

HANNEMAN, R. A. **Introducción a los métodos del análisis de redes sociales**. Riverside: Universidad de California, 2001. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es/webredes/> Acesso em: 20 fev. 2010.

HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980. 291 p.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem 2005 IN: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 309-352.

MONBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. **Boletim Geográfico [do] IBGE**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 7-29, 1943.

MORAES, Antonio C. R. de. **Geografia - Pequena História Crítica**. 20ª Ed. São Paulo: AnnaBlume, 2005.

MÜLLER, Nice Lecocq. Taubaté - Estudo de Geografia urbana. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 71 - 110, jan./mar. 1965.

_____. Evolução e estado atual dos estudos de Geografia Urbana no Brasil. IN: **Anais do Simpósio de Geografia Urbana**, Buenos Aires, junho de 1966. Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1968.

NORONHA, Daisy Pires. Análise das citações das dissertações de mestrado e teses de doutorado em saúde pública (1990-1994): estudo exploratório. **Ciência da Informação**, Brasília, v.27, n.1, p.66-75, jan./abr. 1998. Disponível em: <www.ibict.br/cionline/>. Acesso em: 22 de dezembro de 2008.

OPPENHEIM, C.; RENN, S. P. Highly cited papers and the reasons why they continue to be cited. *Journal of the American Society for Information Science*, Maryland, v. 29, p. 225-231, 1978. Apud AHMED, T.; JOHNSON, B.; OPPENHEIM, C.; PECK, C. Highly cited old papers and the reasons why they continue to be cited. Part II: the 1953 Watson and Crick article on the structure of DNA. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 61, n.2, p.147-156, 2004.

Revista Brasileira de Geografia. Nota Speridião Faissol. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 56, n.1_4, 1994.

REIS JUNIOR, Dante Flávio da Costa. Pensamento Geográfico Brasileiro: os predicados de Speridião Faissol (1923-1995). **Geo Uerj**, RJ, n. 15-16, p. 59 -72, 1º e 2º semestres de 2004.

SANCHO, Rosa. Indicadores bibliométricos utilizados em la evaluacion de la ciência y la tecnologia. *Revision Bibliográfica*. **Rev. Esp. Doc. Cient.**, v.13, n.3-4, p. 842-865. 1990.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XIX**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Cidade, corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re) produção do espaço urbano**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

SOARES, P. R. Cidades médias e aglomerações urbanas: a nova organização do espaço regional no Sul do Brasil. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.;

SOBARZO, O. (Orgs.). **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. (Série Geografia em Movimento).

TARGINO, Maria das Graças e GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Ciência brasileira na base de dados do Institute for Scientific Information (ISI). **Ci. Inf.** Brasília, v. 29, n. 1, abril, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000100011&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 de julho de 2009.

UGARTE, D. de. **Analizando redes sociais**. 2004. Disponível em: <http://www.lasindias.com/curso_redes/curso_redes_1.html> Acesso em: 18 fev. 2010.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Dois séculos de pensamento sobre a cidade**. Ilhéus: Editus, 1999, 596 p.

YEUNG, Henry Wai-chung. Deciphering citations. **Environment and Planning A**, 34 (12), p. 2093-210, 2002.

WRIGLEY, N. e MATTHEWS, S. Citation-classic and citation levels in geography. **Area** 18, 185-94, 1986.

APÊNDICE A – Quadros dos autores segundo os temas e por período**AUTORES SEGUNDO O TEMA 'MONOGRAFIAS URBANAS'**

PERÍODO	AUTOR/ANO
1940 - 1955	Azevedo (1941), Cardoso,M. (1955), Correa Filho (1940), Correa Filho (1947), Guerra (1951), Silva, C.F. (1949), Valverde (1944).
1956 - 1970	Dias (1958), Müller (1965), Pinto,M. (1965).
1971 - 1980	-
1981 - 1995	-

Fonte: RBG, 1939-1995.

AUTORES SEGUNDO O TEMA 'ÁREA DE INFLUÊNCIA / REDE URBANA / CIDADE - REGIÃO / FUNÇÕES URBANAS'

PERÍODO	AUTOR/ANO
1940 - 1955	-
1956 - 1970	Cardoso, M. (1963), Cardoso,M. (1965), Corrêa (1965), Corrêa (1967), Corrêa (1968), Corrêa (1969), Davidovich (1966), Diniz (1969), Faissol (1970), Freire (1965), Geiger (1970), Keller (1969), Martins et al. (1970), Santos (1956), Santos (1967).
1971 - 1980	Davidovich (1971), Davidovich (1978a), Faissol (1972b), Faissol (1973b), Faissol (1974), Faissol, Galvão e Geiger (1975), Lindgren, Barbosa e Petterle (1976), Magnanini (1971), Marchand et al. (1976), Pedrosa e Porcaro (1973), Rocha (1974), Rodrigues (1971), Rua (1973), Souza,M.S. (1977), Teixeira (1972), Teixeira (1975)
1981 - 1995	Almeida e Ribeiro (1989), Cardoso e Azevedo (1982), Coelho (1990), Coelho (1992), Corrêa (1987), Corrêa (1988a), Corrêa (1988b), Corrêa (1989a), Corrêa (1989b), Corrêa (1989c), Corrêa (1994), Corrêa (1995), Duarte (1981), Fredrich e Davidovich (1982), Matznetter (1981), Rosendahl (1995), Silva e Souza (1991)

Fonte: RBG, 1939-1995.

AUTORES SEGUNDO O TEMA 'ORGANIZAÇÃO INTERNA DA CIDADE'	
PERÍODO	AUTOR/ANO
1940 - 1955	Backheuser (1944)
1956 - 1970	Alonso (1960), Bernardes (1961), Castro (1965), Galvão et al. (1969), Geiger (1960), Soares (1965)
1971 - 1980	Corrêa (1976), Davidovich e Lima (1975), Davidovich e Lima (1976), Duarte,H. (1974), Paviani (1980), Ribeiro e Almeida (1980), Velter, Massena e Rodrigues (1979)
1981 - 1995	Almeida (1982), Bezerra e Cruz (1982), Cardoso,E. (1989), Fridman (1994), Furlanetto, Cruz e Almeida (1987), Kossman e Ribeiro (1984), Lima (1981), Massena (1983), O'Neill (1986), Paviani, Campos e Farret (1990), Pinto et all (1981), Ribeiro (1982a), Ribeiro (1982b), Silva,C. (1995), Silva,E. (1981), Strohaecker (1988), Strohaecker (1995), Trindade Jr. (1994), Velter (1981),

Fonte: RBG, 1939-1995.

AUTORES SEGUNDO O TEMA 'PROCESSO DE URBANIZAÇÃO'	
PERÍODO	AUTOR/ANO
1940 - 1955	Silva, M. (1945)
1956 - 1970	Botelho (1965), Geiger e outros (1956), Soares (1962)
1971 - 1980	Baer e Geiger (1976), Becker (1978), Davidovich (1978b), Davidovich (1980), Miranda (1980)
1981 - 1995	Bezerra, Cruz e Bahiana (1983), Davidovich e Cardoso (1982), Davidovich (1986), Davidovich (1987a), Davidovich (1987b), Davidovich (1989), Salvatori, Habiaga e Thormann (1989), Silva,B. e Silva,S. (1990), Souza,M. (1994)

Fonte: RBG, 1939-1995.

AUTORES SEGUNDO O TEMA 'PROPOSIÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS'	
PERÍODO	AUTOR/ANO
1940 - 1955	Cavalcanti (1940), Cavalcanti (1941a), Cavalcanti (1941b), Cavalcanti (1942), Silva,M. (1946)
1956 - 1970	Geiger e Davidovich (1961)
1971 - 1980	Corrêa (1979), Corrêa e Loykasek (1972), Davidovich (1977), Davidovich et all (1976), Duarte et all (1976a), Duarte et all (1976b), Faissol (1972a), Garbayo (1976), Geiger (1973),
1981 - 1995	Abreu (1994), Davidovich (1981), Davidovich (1983), Hicks Jr. e Seelenberger (1981), Silva,S. (1994), Souza,M. (1989)

Fonte: RBG, 1939-1995.

AUTORES SEGUNDO O TEMA 'POLÍTICAS PÚBLICAS E PLENAJEMENTO'

PERÍODO	AUTOR/ANO
1940 - 1955	
1956 - 1970	
1971 - 1980	
1981 - 1995	Abreu (1981), Faissol, Moreira e Ferreira (1987), Velter et all (1981)

Fonte: RBG, 1939-1995.

AUTORES SEGUNDO O TEMA 'OUTROS TEMAS'

PERÍODO	AUTOR/ANO
1940 - 1955	
1956 - 1970	Mesquita (1959)
1971 - 1980	Dangerbuch (1971), Faissol (1973a), Freire et al. (1977), Oliveira (1979), Porcaro (1977), Tolosa (1974)
1981 - 1995	Jesus (1992), Machado (1994), Massena (1986), Ribeiro (1995), Schaffer (1994), Santos,S., Silva,C. e Câmara (1992), Silva,C., Rodrigues e Câmara (1990), Soares (1989),

Fonte: RBG, 1939-1995.

ANEXO A – AUTORES SELECIONADOS POR NÚMEROS DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA.

ABREU, Maurício de Almeida. Contribuição ao estudo do papel do Estado na evolução da estrutura urbana. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 577 - 586, out./dez. 1981.

ABREU, Maurício de Almeida. Estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 1-4, n. 56, p. 21 - 122, jan./dez. 1994.

ALMEIDA, Roberto Schmidt de . Aspectos espaciais da ação recente dos incorporadores imobiliários no Município do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 297 - 316, abr./jun. 1982.

ALMEIDA, Roberto Schmidt de.; RIBEIRO, Miguel Angelo C. Os sistemas de transporte da região Norte: evolução e reorganização das redes. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 33 - 98, abr./jun. 1989.

ALONSO, Delnida Martinez. Alguns aspectos geográficos do município de Itaguaí. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 61 - 112, jul./set. 1960.

AZEVEDO, Aroldo de. Goiânia - uma cidade criada. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 3 -19, jan./mar. 1941.

BACKHEUSER, Everardo. Comércio ambulante e ocupações de rua no Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 6. n. 1, p. 3 - 34, jan./mar. 1944.

BAER, Werner; GEIGER, Pedro P. Industrialização, urbanização e a persistência das desigualdades regionais do Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 3 - 99, abr./jun. 1976.

BECKER, Bertha K. Uma hipótese sobre a origem do fenômeno urbano numa fronteira de recursos do Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 111 - 122, jan./mar. 1978.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Expansão do espaço urbano no Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 23, n.3, p. 42 -73, jul./set. 1961.

BEZERRA, Vera Maria d'Ávila C.; CRUZ, Jana Maria; BAHIANA, Luiz Cavalcanti da Cunha. Periferização urbana no Brasil: um projeto de estudo nas áreas metropolitanas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 51 - 92, jan./mar. 1983.

BEZERRA, Vera Maria d'Ávila C.; CRUZ, Jana Maria. Imigração e favela: o caso do Rio de Janeiro em 1970. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 357 - 368, abr./jun. 1982.

BOTELHO, Maria Emília Teixeira de Castro . Ritmos de crescimento urbano no Nordeste. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 157 - 164, jul./set. 1965.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart. O capital imobiliário e a produção de espaços diferenciados no Rio de Janeiro: o Grajaú. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 89 - 102, jan./mar. 1989.

CARDOSO, Maria Francisca T. C. Aspectos geográficos da cidade de Cataguases. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 37-62, out./dez. 1955.

CARDOSO, Maria Francisca T. C. Campina Grande e sua função como capital regional. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p.3 -39, out./dez. 1963.

CARDOSO, Maria Francisca T. C. Caruaru: a cidade e sua área de influência. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 51 -78, out./dez. 1965.

CARDOSO, Maria Francisca T. C.; AZEVEDO, Lílian Maria Peçanha de. Rede de localidades centrais: uma tipologia aplicada ao Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 4, p. 639 - 676, out./dez. 1982.

CASTRO, Therezinha. Evolução política e crescimento da cidade do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 33 - 50, out./dez. 1965.

CAVALCANTI, Jerônimo. A geografia e sua influência sobre o urbanismo. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 521-541, out. 1940.

CAVALCANTI, Jerônimo. Geografia Urbana e sua influência sobre o saneamento das cidades. **RBG**, Rio de Janeiro, v.3 , n. 1, p. 20-53, jan./mar. 1941(a).

CAVALCANTI, Jeronimo. Geografia Urbana e sua influência sobre o tráfego. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 3-40, jul./set.1941(b).

CAVALCANTI, Jeronimo. Geografia Urbana e sua influência sobre o urbanismo superficial e subterrâneo. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-96, jan./mar. 1942.

COELHO, Maria do Socorro Alves. Análise das redes urbanas nordestinas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 59 - 74, abr./jun. 1990.

COELHO, Maria do Socorro Alves . O sistema urbano nordestino: estruturação através do tempo. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 75 - 94, jan./mar. 1992.

CORRÊA, Roberto Lobato. Contribuição ao estudo da área de influência de Aracaju. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 47 -72, abr./jun. 1965.

CORRÊA, Roberto Lobato. Os estudos de redes urbanas no Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 93 - 116, out./dez. 1967.

CORRÊA, Roberto Lobato. Contribuição ao estudo do papel dirigente das metrópoles brasileiras. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 56 - 87, abr./jun. 1968.

CORRÊA, Roberto Lobato. Estudo das relações entre cidade e região. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 43 -56, jan./mar. 1969.

CORRÊA, Roberto Lobato. Localização inicial do imigrante na cidade: o caso do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 116 - 121, jul./set. 1976.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processo espaciais e a cidade. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, p. 100 - 110, jul./set. 1979.

CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da Rede urbana da Amazônia. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 3, p. 39 - 68, jul./set. 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato. A Rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 50, n.1, p. 61- 84, jan./mar. 1988(a).

CORRÊA, Roberto Lobato. O estudo da rede urbana: uma proposição metodológica. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 107 -124, abr./jun. 1988 (b).

CORRÊA, Roberto Lobato. Concentração bancária e os centros de gestão do território. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 17 - 32, abr./jun. 1989(a).

CORRÊA, Roberto Lobato. Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 3, p. 113 - 138, jul./set. 1989 (b).

CORRÊA, Roberto Lobato. Os centros de gestão e seu estudo. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p. 109 - 120, out./dez. 1989 (c).

CORRÊA, Roberto Lobato. Origens e tendências da rede urbana: algumas notas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 1-4, n. 56, p. 293 - 300, jan./dez. 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. Identificação dos centros de gestão no território no Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 83 - 102, jan./mar. 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato, LOYKASEK, Vanda Silvia. Uma definição estatística de hierarquia urbana. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 154 - 171, jul./set. 1972.

CORREA FILHO, Virgílio. Caxambú. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 319 - 348, jul. 1940.

CORREA FILHO, Virgílio. Lambari. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 47-79, out./dez. 1947.

DANGENBUCH, Juergen Richard. O sistema viário da aglomeração paulistana - apreciação geográfica da situação atual. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 3 - 38, abr./jun. 1971.

DAVIDOVICH, Fany. Aspectos geográficos de uma centro industrial: Jundiaí em 1962. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, p. 35 -80, out./dez. 1966.

DAVIDOVICH, Fany. Formas de projeção espacial das cidades na área de influencia de Fortaleza. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 39 - 102, abr./jun. 1971.

DAVIDOVICH, Fany. Reflexões sobre necessidades teóricas para estudos geográficos de problemas de urbanização brasileira. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 87 - 91, jul./set. 1977.

DAVIDOVICH, Fany. Escalas de urbanização: uma perspectiva geográfica do sistema urbano brasileiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 51 - 82, jan./mar. 1978a

DAVIDOVICH, Fany. Funções urbanas no Nordeste. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 142 - 191, abr./jun. 1978b.

DAVIDOVICH, Fany. Uma análise geográfica da urbanização brasileira: serviços de infra-estrutura nos principais centros urbanos do país. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 435 - 476, jul./set. 1980.

DAVIDOVICH, Fany. A migração como indicador para o estudo de aglomerações urbanas no Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 65 - 86, jan./mar. 1981.

DAVIDOVICH, Fany. Focalizando conceituações no urbano.. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 137 - 148, jan./mar. 1983.

DAVIDOVICH, Fany. Um foco sobre o processo de urbanização no Estado do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 333- 371, jul./set. 1986.

DAVIDOVICH, Fany. Elementos da urbanização no Sudeste do Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 139 - 157, abr./jun. 1987 (a).

DAVIDOVICH, Fany. Transformações no quadro urbano brasileiro: período de 1970 e 1980. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, p. 7 - 24, out/dez. 1987 (b).

DAVIDOVICH, Fany. Tendência da urbanização no Brasil, uma análise espacial. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 73 - 88, jan./mar. 1989.

DAVIDOVICH, Fany; CARDOSO, Maria Francisca T. Cavalcanti. Resultados preliminares de um estudo geográfico sobre aglomerações urbanas no Brasil: análise no nível de instrução. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 1, p. 89 - 136, jan./mar. 1982.

DAVIDOVICH, Fany; GALVÃO, Marília; LIMA, Olga M. B; GEIGER, Pedro P. Considerações sobre perspectivas geográficas do meio ambiente urbano. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p. 3 - 21, out./dez. 1976.

DAVIDOVICH, Fany; LIMA, Olga M. B. Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 50 - 84, jan./mar. 1975.

DAVIDOVICH, Fany; LIMA, Olga M. B. Análise de aglomerações urbanas no Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p. 106 - 130, out./dez. 1976.

DIAS, Catharina Vergolino . Marabá - centro comercial da castanha. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 45 - 74 out./dez. 1958.

DINIZ, José Alexandre Felizola. A zona de influência de Aracaju. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 103 - 150, jul./set. 1969.

DUARTE, Aluizio Capdeville; GARBAYO, Cléa Sarmento; STRAUCH, Loudes Magalhães de Mattos; ALMEIDA, Maria Thereza Bessa de; STRAUCH, Ney; CORREA, Roberto Lobato. Proposição Metodológica para a revisão da divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 100 - 129, abr./jun. 1976a.

DUARTE, Aluizio Capdeville; GARBAYO, Cléa Sarmento; STRAUCH, Ney; CORREA, Roberto Lobato. Avaliação da metodologia proposta para a revisão da divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 3 - 30, jul./set. 1976b.

DUARTE, Haidine da Silva Barros. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 53 - 98, jan./mar. 1974.

DUARTE, Haidine da Silva Barros. Estrutura urbana do Estado do Rio de Janeiro - uma análise no tempo. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 477 - 560, out./dez. 1981.

FAISSOL, Speridião. As grandes cidades brasileiras: dimensões básicas de diferenciação e relações com o desenvolvimento econômico. Um estudo de análise fatorial. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, p. 87 - 130, out./dez. 1970.

FAISSOL, Speridião. A estrutura urbana brasileira: uma visão do processo brasileiro de desenvolvimento econômico. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 19 - 123, jul./set. 1972 (a).

FAISSOL, Speridião. Análise fatorial: problemas e aplicações na geografia, especialmente nos estudos urbanos. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, p. 77 - 100, out./dez. 1972 (b).

FAISSOL, Speridião. O processo de difusão no sistema urbano brasileiro: análise do padrão de distribuição espacial de centros urbanos e seu ajustamento a distribuição de probabilidades. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 3 - 106, jul./set. 1973 (a).

FAISSOL, Speridião. O sistema urbano brasileiro: uma análise e interpretação para fins de planejamento. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 3 - 34, out./dez. 1973 (b) .

FAISSOL, Speridião. A organização espacial do sistema urbano brasileiro: relação entre a estrutura das cidades e as relações entre elas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 75 - 90, jul./set. 1974.

FAISSOL, Speridião; GALVÃO, Marília; GEIGER, Pedro P. Estudos urbanos-regionais na área de influência do Recife. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 3 - 49, jan./mar. 1975.

FAISSOL, Speridião; MOREIRA, Lana Lima; FERREIRA, Marilourdes Lopes. Processo de urbanização brasileiro: uma contribuição à formulação de uma política de desenvolvimento urbano/regional. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 57 - 116, abr./jun. 1987.

FREDRICH, Olga M. Buarque de L.; DAVIDOVICH, Fany. A configuração espacial do sistema urbano brasileiro como expressão no território da divisão social do trabalho. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 4, p. 541 - 590, out./dez. 1982.

FREIRE, Jessé Pinto. Origens e evolução do comércio carioca. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 79 -88, out./dez. 1965.

FREIRE, Lucy A. R.; SANT'ANNA, Marina; TEIXEIRA, Marlene P.V.; CORRÊA, Roberto Lobato. O sistema urbano brasileiro: uma análise através dos fluxos aéreos de passageiros. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 92 - 111, jul./set. 1977.

FRIDMAN, Fania. A propriedade santa: o patrimônio territorial da ordem de São Bento na cidade do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 1-4, n. 56, p. 203 - 218, jan./dez. 1994.

FURNALETTO, Diva Maria; CRUZ, Jana Maria; ALMEIDA, Roberto Schmidt de. Promoção imobiliária e espaço residencial da classe média na periferia metropolitana do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 27 - 56, abr./jun. 1987.

GALVÃO, Marília V.; FAISSOL, Speridião; LIMA, Olga M. B; ALMEIDA, Elisa M. J. M. Áreas de pesquisa para determinação de áreas metropolitanas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 53 - 128 out./dez. 1969.

GARBAYO, Cléa Sarmiento. Mensuração de desenvolvimento urbano: a técnica de escalograma. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p. 131 - 135, out./dez. 1976.

GEIGER, Pedro Pinchas. Ensaio para a estrutura urbana do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 3 -46, jan./mar. 1960.

GEIGER, Pedro Pinchas. Cidades no Nordeste. Aplicação de "factor analysis" no estudo de cidades nordestinas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, p. 131 - 172, out./dez. 1970.

GEIGER, Pedro Pinchas. Diretrizes e prioridades em pesquisas urbanas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 87 - 104, jan./mar. 1973.

GEIGER, Pedro; DAVIDOVICH, Fany. Aspectos do fato urbano no Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 3 - 102, abr./jun. 1961.

GEIGER, Pedro Pinchas. e outros. Urbanização e industrialização na orla oriental da Baía de Guanabara. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 04, p. 47- 74, out./dez. 1956.

GUERRA, Antonio Teixeira. Alguns aspectos geográficos da cidade de Ri Branco e do núcleo colonial Seringal Empresa. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 33 - 64, out./dez. 1951.

HICKS JR, James F.; SEELENBERGER, Sergio. Metodologia para a identificação de sistemas, problemas e diretries de transporte metropolitano: uma aplicação na Região Mertopolitana do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 561 - 576, out./dez. 1981.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Rio de Janeiro, 1964 - 1989. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 95 - 120, jan./mar. 1992.

KELLER, Elza Coelho de Souza. As funções regionais e a zona de influência de Campinas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 3 - 39, abr./jun. 1969.

KOSSMAN, Hortense Teixeira; RIBEIRO, Miguel Angelo C. Análise espacial das cadeias de lojas do comércio varejista. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, p. 197 - 220, jan./mar. 1984.

LIMA, Maria Helena Beozzo. Condições de habitação da população de baixa renda da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 605 - 630, out./dez. 1981.

LINDGREN, C. Ernesto S. ; BARBOSA, Elane F.; PETTERLE, Roberto T. Hierarquia de centros na cidade do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 83 - 123, jan./mar. 1976.

MACHADO, Mônica S. A territorialidade pentecostal: um estudo de caso em Niterói. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 1-4, n. 56, p. 135 - 164, jan./dez. 1994.

MAGNANINI, Ruth Lopes da Cruz. As cidade de Santa Catarina: Base econômica e classificação funcional. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 85 - 122, jan./mar. 1971.

MARCHAND, Bernard; GEIGER, Pedro P; STRAUCH, Loudes M. de M.; O'NEILL, Maria Mônica V. C.; COELHO, Maria do Socorro A. Subsídios para o estudo do sistema urbano do nordeste: evolução da acessibilidade dos centro urbanos entre 1930 e 1974. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p. 70 - 105, out./dez. 1976.

MARTINS, Fany H; BREMAEKER,François E. J; RUA, João; RIBEIRO, Luís Antonio M; CORRÊA, Roberto L. Cidade e região no sudoeste paranaense. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 3 - 155, abr./jun. 1970.

MASSENA, Rosa Maria Ramalho. O impacto do metrô sobre a alocação dos recursos públicos em infra-estrutura urbana no Estado do Rio de Janeiro após a fusão. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 111 - 122, jan./mar. 1983.

MASSENA, Rosa Maria Ramalho. A distribuição espacial da criminalidade violenta na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 285 - 332, jul./set. 1986.

MATZNETTER, Josef. Os sistema urbano no norte e nordeste do Brasil e a influência de novas estradas. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 99 - 122, jan./mar. 1981.

MESQUITA, Myriam G. C., Aspectos geográficos do abastecimento do Distrito Federal. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 45 -89, abr./jun. 1959.

MIRANDA, Maria Helena Palhares. Crescimento periférico da cidade do Rio de Janeiro: padrões espaciais da ocupação residencial. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 254 - 309, abr./jun. 1980.

MÜLLER, Nice Lecocq . Taubaté - Estudo de Geografia urbana. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 71 - 110, jan./mar. 1965.

OLIVEIRA, Jane Maria Pereira Souto. Condições de vida da população de baixa renda nas áreas metropolitanas do Rio de Janeiro e Porto Alegre. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, p. 3 - 58, out./dez. 1979.

O'NEILL, Maria Monica V. C. Condomínios Exclusivos:um estudo de caso. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 63 - 82, jan./mar. 1986.

PAVIANI, Aldo. Brasília anos 80: uma visão geográfica da organização urbana. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 897 - 909, out./dez. 1980.

PAVIANI, Aldo; CAMPOS, Neio; FARRET, Ricardo. Mobilidade residencial em cidade planejada: Brasília - DF. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 2, p. 5 - 20, abr./jun. 1990.

PEDROSA, Armindo Alves; PORCARO, Rosa Maria. O uso da análise fatorial na caracterização geral na área de influência de Presidente Prudente. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 113 - 136, out./dez. 1973.

PINTO, Dulce Maria Alcides; CRUZ, Jana Maria; AZEVEDO, Lilian Maria Peçanha de; MATTOS, Lúcia Maria de; BARCELLOS, Marietta Mandarin; RIBEIRO, Miguel Angelo; SCHMIDT, Roberto. A ação dos agentes modeladores no uso do solo urbano. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 123 - 132, jan./mar. 1981.

PINTO, Maria Novaes. A cidade do Rio de Janeiro: evolução física e humana. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 3-46, abr./jun. 1965.

PORCARO, Rosa Maria. Industrialização e tamanho urbano. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 46 - 86, jan./mar. 1977.

RIBEIRO, Miguel Angelo C.; ALMEIDA, Roberto Schmidt. Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais na área metropolitana do Recife. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 203 - 264, abr./jun. 1980.

RIBEIRO, Miguel Angelo C. Principais linhas de abordagem e estudos empíricos a nível intra-urbano: uma resenha em torno da localização industrial. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 415 - 444, abr./jun. 1982 (a).

RIBEIRO, Miguel Angelo C. Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais na área metropolitana de Salvador. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 4, p. 591 - 638, out./dez. 1982 (b).

RIBEIRO, Miguel Angelo C. A dimensão urbana da questão ambiental na Amazônia. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 57, p. 95 - 104, jul./set. 1995.

ROCHA, Roberto Vasconcelos M. Subsídios à regionalização e classificação funcional das cidades: Estudo de caso - Estado de São Paulo. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p. 30 - 74, jul./set. 1974.

RODRIGUES, Elza Freire. As funções regionais e a zona de influência de São Luís. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 33 n. 4, p. 67 - 98, out./dez. 1971.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço sagrado: o exemplo de Porto das Caixas, Baixada Fluminense. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 53 - 72, jan./mar. 1995.

RUA, João. A organização urbana do Espírito Santo analisada através da circulação de ônibus intermunicipais. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 103 - 124, abr./jun. 1973.

SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia Angelica G. P.; THORMANN, Maria do Carmo. Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 1, p. 27 - 72, jan./mar. 1989.

SANTOS, Milton. A cidade de Jequié e sua região. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 71-112, jan./mar. 1956.

SANTOS, Milton. Crescimento nacional e a nova rede urbana: o exemplo do Brasil. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 78 - 92, out./dez. 1967.

SANTOS, Stael S. M.; SILVA, Ciléia S. da; CÂMARA, Nelly L. Saneamento básico e problemas ambientais na Região Metropolitana de Belém. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 25 - 74, jan./mar. 1992.

SCHAFFER, Neiva Otero. Comércio de rua fronteira: nova dimensão de uma prática tradicional. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 1-4, n. 56, p. 219 - 238, jan./dez. 1994.

SILVA, Barbara C. N.; SILVA, Sylvio Bandeira M. As cidades da Bahia no ano 2000. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 189 - 198, jan./mar. 1990.

SILVA, Carlos Alberto F. da. A segregação residencial carioca sob a égide do capital incorporador. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 5 - 28, abr./jun. 1995.

SILVA, Carlos Frederico dos Santos. Atibaia. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 75-10, out./dez. 1949.

SILVA, Ciléia Souza da; RODRIGUES, José Carlos V.; CÂMARA, Nelly L. Saneamento básico e problemas ambientais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 5 - 102, jan./mar. 1990.

SILVA, Elizabeth Di Gesu Vianna. O metropolitano e a renovação urbana do Catete. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 359 -382, jul./set. 1981.

SILVA, Moacir M. F. Como se distribui a iluminação pública do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 3-28, out./dez. 1945.

SILVA, Moacir M. F. Tentativa de classificação das cidades brasileiras. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 3-36, jul./set. 1946.

SILVA, Sylvio B. M. Papel das cidades no processo de crescimento econômico: uma reavaliação. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 1-4, n. 56, p. 239 - 254, jan./dez. 1994.

SILVA, Sylvio Bandeira M; SOUZA, Jaimeval Caetano. Análise da hierarquia urbana do estado da Bahia. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, p. 51 - 80, jan./mar. 1991.

SOARES, Maria Theresinha de Segadas. Nova Iguaçu - Absorção de uma célula urbana pelo Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 3 - 104, abr./jun. 1962.

SOARES, Maria Theresinha de Segadas. Fisionomia e estrutura do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 3 - 61, jul./set. 1965.

SOARES, Maria Theresinha de Segadas. Movimentos sociais urbanos: as associações de moradores de favelas do município do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p. 97 - 108, out./dez. 1989.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 139 - 172, abr./jun. 1989.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. Urbanização e desenvolvimento discutindo o urbano e a urbanização como fatores e símbolos de desenvolvimento à luz da experiência recente. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 1-4, n. 56, p. 255 - 292, jan./dez. 1994.

SOUZA, Maria Salete. Contribuição ao estudo da hierarquia urbana no Ceará. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, p. 54 - 86, jul./set. 1977.

STROHAECKER, Tânia Marques. A zona periférica ao centro: uma revisão bibliográfica. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 4, p. 171 - 183, out./dez. 1988.

STROHAECKER, Tânia Marques. O mercado de terras de Porto Alegre: atuação das companhias de loteamento (1890-1945). **RBG**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 101 - 124, abr./jun. 1995.

TEIXEIRA, Marlene P. V. A rede fluminense de localidades centrais. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 172 - 190, jul./set. 1972.

TEIXEIRA, Marlene P. V. Padrões de ligação e sistema urbano: uma análise aplicada aos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 16 - 55, jul./set. 1975.

TOLOSA, Hamilton C.. Diferenciais de produtividade industrial e estrutura urbana. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 37 - 56, abr./jun. 1974.

TRINDADE Jr., Saint-Clair C. da. A dinâmica urbana e o uso do solo em Belém: análise de processos espaciais em zona periférica do centro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 1-4, n. 56, p. 123 - 134, jan./dez. 1994.

VALVERDE, Orlando. Dois ensaios de Geografia Urbana: Pirapora e Lapa. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 67-84, out./dez. 1944.

VETTER, David Michael. A segregação residencial da população economicamente ativa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, segundo grupos de rendimento mensal. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 587 - 604, out./dez. 1981.

VETTER, David Michael; MASSENA, Rosa Maria Ramalho; PINTO, Dulce Maria Alcides; FREDRICHET, Olga Buarque de Lima. A proposição dos benefícios das ações do Estado em áreas urbanas: seus determinantes e análise através da ecologia fatorial. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 457 - 476, out./dez. 1981.

VETTER, David Michael; MASSENA, Rosa Maria R.; RODRIGUES, Elza F. Espaço, valor da terra e equidade de investimentos em infra-estrutura no município do Rio de Janeiro. **RBG**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1_2, p. 32 - 71, jan./jun. 1979.

ANEXOS B - REFERÊNCIAS DAVIDOVICH

ABLER, Adams Gould. **Spatial Organization**. Prentice Hall International Editions, 1972.

AB'SABER e BERNARDES. **Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo**. Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 1958.

ALEXANDER, Christopher. **A city is not a tree**. Identity in the Urban Environment. Penguin Books: London, 1972.

ALLMAN, J. ; COX, Kevin R.; RAINIER; ENHART, R.; RUSSWURM, Lorne H. The use of standardized values in regionalization: the exemple of a socio-economic spatial structure of Illinois, 1960. **The Professional Geographer**, Washington, D. C., v.16, n. 3, mai., 1964.

ALMEIDA, Warderly J. M. de. Variação do emprego no quadro urbano – setor serviços.

Pesquisa e Planejamento Econômico, 3 (3) : 747 – 73, Rio de Janeiro, out. 1973.

_____. Abastecimento de água à população urbana. IPEA/INPES, **Coleção Relatório de Pesquisa**, n. 37. Rio de Janeiro, 1977.

ANDRADE, L. A. Gama de; AZEVEDO, S. de. Lei do desenvolvimento urbano; análise política preliminar. **Espaço e Debates**, n. 4, p. 58-67, São Paulo, 1984.

ARAÚJO, A. Barbosa. **Oferta de infra-estrutura em grandes aglomerações urbanas**. I Colóquio Franco Brasileiro, Rio de Janeiro, 1979

AZEVEDO NETO, J. M.; MARTINS, J. A.; PUPPI, I.; B. Neto, F.; FRANCO, P. N. **Planejamento de sistemas de abastecimento de água**. Univ. do Paraná e Organização Pan-americana de Saúde, 1973.

BAER, Werner. **The Brazilian economy, its growth and development**. Grid Publish Inc.: Columbus Ohio, 1979.

BAER, Werner e GEIGER, P.P. Industrialização, urbanização e a persistência das desigualdades regionais do Brasil. **SUPED**: Rio de Janeiro 1976.

BARAT, J. E GEIGER, P. P. Estrutura econômica das áreas metropolitanas brasileiras. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, vol. 3, n. 3, out. 1973, IPEA.

BECKER, B. K. A crise do espaço e a região; a estratégia de centralização em questão. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 48, n.1, jan./mar. Rio de Janeiro, 1986.

_____. **Alta tecnologia, estado e poder territorial na redefinição da Amazônia brasileira**. Rio de Janeiro, Mimeo, 1986.

BERNARDES, Lysia. **Fortaleza, uma grande capital regional do Nordeste**. Conferência inédita, 1962.

_____. A vida urbana. **Capítulo em Recursos e necessidades do Nordeste**. Banco do Nordeste do Brasil, ETENE: Recife, 1964.

BERRY, Brian J. L. **Metropolitan area definition**: a reevaluation of concept and statistical practice. Working Paper, n. 28, 1969.

_____. **The human consequences of urbanization** – Divergent Paths in the Urban Experience of the Twentieth Century. The Macmillian Press Ltd.: 1973.

BERRY, B. e HORTON, F. **Geographic perspectives on urban systems**. Englewood Cliffs: New Jersey, 1970.

BOURNE, L. S. **Urban Systems: Strategies for regulation**. A Comparison of Policies in Britain, Sweden, Australia and Canada. Claredon Press: Oxford 1975

BOURS, A. Towards a Geography of Public Administration and Policymaking. Abstract to the **XXIII International Geographical Congress**: Moscou, 1976

BOYDEN, Stephen. Conceptual Basis of proposed international studies on large metropolitan areas. Mimeo. **Information Document**, n.3, International Working Group on Integrated Ecological Studies on Human Settlements, UNESCO, 1975.

BUARQUE DE LIMA, Olga Maria e CORREA, Roberto Lobato. Sistema Urbano. IN: **Geografia do Brasil – Região Sudeste**, vol. 3, IBGE, Rio de Janeiro, 1977, p. 569-663.

BUARQUE DE LIMA, Olga Maria e VETTER, D. M. A apropriação dos benefícios da ação do Estado em áreas urbanas. **Espaço e Debates**, São Paulo, v.1(4), p. 5 -38, dez., 1981.

CALANZAS, J. F.; FINGERMAN, L.; MARICATO, E. Formação e prática profissional do arquiteto; três experiências em participação comunitária. **Espaço e Debates**, (8), jan./abr., p. 79-85, São Paulo, 1983.

CAMPOS, Antonio Pedro de Souza. **A contribuição da geografia no planejamento educacional**. Tese de Doutorado da Universidade de São Paulo, 1972.

CARRIÓN, Fernando M. Forma de organización territorial metropolitana y crisis urbanas em Quito, Ecuador. Simpósio a Metrópole e a Crise: USP, 1985

_____. A pesquisa urbana no Equador. **Espaço e Debates**, n. 23, p.68-85, São Paulo, 1988.

CASIMIRO, L. M. Carleial; GONDIM, L. M. de Pontes. Mercado de trabalho, condições de vida e relações de poder na região metropolitana de Fortaleza. **Espaço e Debates**, n. 20, p. 26-51, São Paulo, 1987.

CASTELLS, Manuel. **La question urbaine**. F. Maspéro (ed): Paris, 1973

_____. Problemas de investigação em sociologia urbana. **Biblioteca de Textos Universitários**. Editorial Presença LTDA: Lisboa, 1975.

_____. **The city and the grass roots**. University of California Press: Berkeley , 1983.

CASTRO, Claudio Moura. **Investimento em educação no Brasil: um estudo socio-econômico de duas comunidades industriais**. Monografia n.12, IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1973.

CASTRO, M. G. e equipe. Proposição de programas de pesquisa – Posicionamento de grupos na sociedade quanto ao consumo, padrões urbanos e metropolitanos na região Nordeste e Estados de São Paulo de Rio de Janeiro. **Boletim Geográfico**, v. 8, n. 3, jan./mar., Rio de Janeiro, 1978.

CASTRO, M. G. e equipe. Acessibilidade à habitação, instalações e utilidades nas regiões metropolitanas: um estudo censitário dos grupos migrantes e naturais – Projeto de Pesquisa, **Departamento de Estudos da População**, IBGE, Rio de Janeiro, 1978.

CATULLO BRANCO. **Energia elétrica e capital estrangeiro no Brasil**. Ed. Alfa Omêga.

CELESTINO RODRIGUES, E. **Crise energética**. Ed. José Olímpio,

CORRÊA, Roberto Lobato. **Centralidade, subsídios à regionalização**. IBG, 1968.

_____. Contribuição ao estudo do papel dirigente das metrópoles brasileiras. **RBG**, v. 30, n.2, 1968.

_____. Rethinking central place theory. Brazilian Geographical Studies. Vol. 1, Latin American Regional Conference, **IGU**, Rio de Janeiro, 1982. p. 23-32.

_____. **Comunicação verbal sobre Cuiabá**. Rio de Janeiro, set. 1986.

CHAVES, L. F. Analisis descriptivo del padrón de asentamiento em Venezuela y sus câmbios bajo el impacto de la urbanización. **Revista Geográfica**, 1973. (Universidad de los Andes/Mérida – Venezuela).

CHINITZ, Benjamin. **Contrasts in agglomeration**: New York and Pittsburgh. s.n.t

CORRAGGIO, J. L. Social forms of space organization and their trends in Latin America
Antipode, v. 9, n.1, fev., 1977.

_____. Comunicação apresentada na conferência sobre reestruturação urbana; tendências e desafios. **Associação Internacional de Sociologia**, IUPERJ, 1-19, set., Rio de Janeiro, 1988.

COX, K. R. Conflict, power and politics in the city: a geographic view. **McGraw Hill Problems Series in Geography**. Ed. Taaffe, Series Editor, 1973.

CUNHA, L. Antonio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Ed. Francisco Alves S.A: Rio de Janeiro, 1975.

CUPERTINO, F. **População e saúde pública no Brasil**. Ed: Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1976.

_____. **Educação, um problema social** (uma radiografia do ensino no Brasil). Ed. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1978.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. São Paulo, 1941.

DAVIDOVICH, Fany Rachel. Relatório apresentado no Curso sobre Metodologia na Pesquisa nas Ciências Sociais, **ENCE**, abril-maio, Rio de Janeiro, 1973. Inédito.

_____. Indústria. In: **Região Sudeste – Geografia do Brasil**, IBGE: Rio de Janeiro, 1977.

_____. **Funções urbanas no Nordeste**. BNB-ETENE/Fundação IBGE: Fortaleza, 1977.

_____. Escalas de urbanização: uma perspectiva geográfica do sistema urbano brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 40, n.1, jan./mar. 1978.

_____. Urbanização brasileira: tendências, problema e desafios. **Espaço e Debates**, 4 (13), p. 12-29, São Paulo, 1984. Edição Especial.

_____. Elementos da urbanização no Sudeste do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 40, n.1, p. 51-82, jan./mar. Rio de Janeiro, 1987.

_____. Transformações no quadro urbano brasileiro: período de 1970-1980. **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 49, n.4, p. 7-23, out./dez., Rio de Janeiro, 1987.

_____. **Questões em torno da gestão do território**. Mimeo, 1988.

DAVIDOVICH, F. e GEIGER, P. P. Espaço e política no Brasil de hoje. **Revista de Administração Municipal**, 30(168), p. 18-25, Rio de Janeiro, 1983.

DAVIDOVICH, Fany Rachel e LIMA, Olga M. B. Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 37, n.1, jan./mar. 1975, p. 50-82.

_____. Análise de aglomerações urbanas no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 38, n.4, out./dez., 1976.

DUARTE, H. Silva. Estrutura urbana do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 43, n.4, out./dez., p. 477-560, Rio de Janeiro, 1978.

DUVIGNEAUD, P. **La synthese écologique**. Doin ed.:Paris, 1974.

FAISSOL, S. O sistema urbano brasileiro: uma análise e interpretação para fins de planejamento. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 35, n.4, out./dez., 19736.

FERREIRA, I. Barbosa. Expansão da fronteira agrícola e urbanização. **A Urbanização da Fronteira**, 2v., p. 3-26, IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 1987.

FRIENDEN, J. As finanças internacionais e o estado nos países avançados e nos menos desenvolvidos. **Revista de Economia Política**, 3 (4), p. 57-84, out./dez. São Paulo, 1983.

FRIEDMANN, J. **Integrations of the social system**: an approach to the study of economy growth. Reprinted from *Diógenes*, vol.33, 1961.

_____. **A general theory of polarized development**. University of California: Los Angeles, 1969

GARCIA, P. Benjamim. **Educação: modernização ou dependência**. Ed. Francisco Alves S.A: Rio de Janeiro, 1977.

GEIGER, Pedro Pinchas. **Regionalização e configuração do espaço**. Inédito, 1975.

_____. **Evolução da rede urbana**. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro, 1963.

GEIGER, P. P. e DAVIDOVICH, F. Urban Growth as a Factor of Regional Balance-inbalance. **Proceedings of the Commission on Regional Aspects of Development of the International Geographical Union**, v.1, Vitória, 1971.

_____. Reflexões sobre a evolução da estrutura espacial do Brasil sob efeito da industrialização. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 36, n. 3, jul./set., 1974.

_____. Spatial strategies of the state in the political-economic development of Brazil. In: SCOTT, Alan J.; STORPER, Michel, eds. **Production work territory; the geographical anatomy of industrial capitalism**. George Allen & Unwin: no prelo.

GEIGER, P. P. e MESQUITA, M. G. Estudos rurais da Baixada Fluminense. IBGE, **Conselho Nacional de Geografia**. Rio de Janeiro, 1956.

GIBSON, K.; HORWATH, R. Global capital and the restructuring crisis in Australia manufacturing. **Economic Geography**, 59 (2), London, 1983.

GUIMARAES NETO, Leonardo. **O emprego urbano no Nordeste – Situação Atual e Evolução Recente 1950/1970**. BNB, Fortaleza, 1976.

GUIMARÃES, L. S.; INNOCÊNCIO, N. R.; BRITO, S. O trabalho volante na agricultura. **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 46, n. 1, jan./mar., Rio de Janeiro, 1984.

HARLOE, Michael. **Introduction, in Captive Cities – Studies in the political economy of cities and regions**. Ed. Michael Harloe, John Wiley & Sons Ltd.: London, 1977. 218 p.

HARVEY, David. **Social justice and the city**. Edward Arnold: 1973.

_____. What kind of geography for what kind of public. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 1974.

_____. The urban process under capitalism: a framework for analysis. **Seminário Nacional sobre Pobreza Urbana e Desenvolvimento**. Recife, 1978. mimeo

HERNITZ, Scott. Geography and mediation of environmental disputes. **The Professional Geographer**, v. XXVII, n.4, nov. 1975.

HEWITT, Kenneth e HARE, F. Kenneth. Man and Environment, Conceptual Framework. Commission on College Geography, Resource Paper, n.20, **Association of American Geographers**, Washington, D. C., 1973.

HOSELITZ, Bert. **The role of cities in the economic growth of underdevelopment countries** – reprinted from Sociological Aspects of Economy Growth. The Free Press: 1960.

KAUTZKY, Karl. **La question agrarie**. V. Giard e E. Brière: Paris, 1900.

KELLER, Elza Coelho de Souza. Redes urbanas. Grande Região Sul, vol. IV, tomo II, **Geografia do Brasil**. IBG, 1968.

KELLER, Elza Coelho de Souza e MAGNANINI, R. L. C. População. In: Região Centro-oeste – **Geografia do Brasil**. IBGE: 1977.

KOWARICK, L. Estratégias do planejamento social no Brasil. **Cadernos CEBRAP**, n. 2, São Paulo, S/d.

KUWARICK, L. e CAMPANARIO, M. **São Paulo, metrópole do subdesenvolvimento industrializado**. Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. São Paulo, 1984.

LAMOUNIER, B. Educação in composição da população brasileira. **Cadernos CEBRAP**, n. 15, São Paulo, S/d.

LAVINAS, L. A agro-urbanização na fronteira. **A Urbanização da Fronteira**, v. 1, p. 93-108, IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 1987.

LEFÈBVRE, Henri. **La revolution urbana**. Alianza Editorial: Madrid, 1972.

_____. **La production de l'espace**. Anthropos: Paris, 1974.

_____. **Espacio y política**. Ediciones Península: Barcelona, 1976

LEHMEYER LOBO, E. M. **História do Rio de Janeiro**. Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais. Rio de Janeiro, 1978.

LESSA, C.; DAIN, S. Capitalismo associado, algumas referências para o tema Estado e Desenvolvimento. IN: **Desenvolvimento Capitalista no Brasil**. L.G. Beluzzo; R. Coutinho, org. Brasiliense: São Paulo, 1983. 1v, p. 214-28.

LEWIN, Helena. Qualificação educacional da força de trabalho no Brasil. In: **Encontro Brasileiro de Estudos Populacionais**, IBGE, Rio de Janeiro, 1976, p. 473-493.

LINO DE MATOS, Dirceu. Vinhedos e viticultores de São Roque e Jundiaí. **Estudo de Geografia Humana**. São Paulo, 1951.

LINS, C. J. Caldas. Desenvolvimento urbano no Nordeste; subsídios para uma política regional. IN: **Estudos Nordestinos sobre Crescimento Urbano**. Fundação Joaquim Nabuco: Recife, 1987. p. 142-65.

LOBO, E. M. Lachmeyer. **História do Rio de Janeiro (do capital comercial ao capital industrial e financeiro)**. 2v., Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais, Rio de Janeiro, 1978. p. 994

LOJKINE, J. **Le marxisme, l'Etat et la question urbaine**. Presses Universitaire de France: Paris, 1977

MAGALHÃES, João Paulo de Almeida. **Projeto Pro-rio** – problemas e potencialidades do Estado do Rio de Janeiro. ASTEL., Rio de Janeiro, 1983.

MALAN, P. e WELLS, J. Distribuição de renda e desenvolvimento econômico no Brasil. In: **A Controvérsia sobre a Distribuição de Renda e Desenvolvimento Econômico**. 2ª Ed. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1978

MAGNANI, Ruth Lopes da Cruz. População. In: IBGE. Diretoria Técnica. **Geografia do Brasil – Região Nordeste**. Rio de Janeiro, 5 v., il. v. 2, 1977.

MARTINS, L. A. A revolução de 1930 e seus significados políticos. In: -----
Seminário Internacional. FGV, CPDOC/UNB, Brasília, 1983. (**Temas Brasileiros**, 54).

MELLO e SOUZA, A. Financiamento da educação e acesso à escola no Brasil. In: **Pesquisa e Planejamento Econômico**. IPEA, Rio de Janeiro, 1979.

MINGIONE, E. Theoretical elements for a marxist analysis of urban development. In: **Captive cities, Studies in the Political Economy of Cities and Regions**. Ed. Michael Harloe, 1977

_____. Social factors and social stratification in industrialized cities; the new forms of polarization and social marginalization. In: Conferência sobre reestruturação urbana; tendências e desafios. **Associação Internacional de Sociologia**, IUPERJ, 1-19, set., Rio de Janeiro, 1988.

MONBEIG, Pierre. **Pionniers et planteurs de São Paulo**. A. Colins: Paris, 1952.

MORAES, A. C. R.; MESSIAS, W. **A valorização do espaço**. Hucitec: São Paulo, 1987.

MOREIRA DA ROCHA, R. V. Algumas considerações para a formulação de uma política urbano-industrial. In: **Desequilíbrios Regionais e Descentralização Industrial**. IPEA / INPES, série monográfica 16, P. Haddad, ed., Rio de Janeiro.

MOURA, A. Sobreira de. Política e direito; a emergência de contradições urbanas e legais. **Cadernos de Estudos Sociais**, vol. 1, n.1, jan./jun., p. 69-84, Recife, 1985.

MUNHOZ, F. A. Escola: a professora e sua classe. In: **A Ambigüidade de uma Ideologia**. Instituições e Reprodução Humana no Brasil. Estudos CEBRAP, n. 29, São Paulo, 1976.

OLIVEIRA, F. O estado e o urbano no Brasil. **Espaço e Debates**, 2(6), p. 36-54, São Paulo, 1982.

OLIVEIRA, F. e REIDHSTUL, H. P. Mudanças na divisão inter-regional do trabalho no Brasil. **Estudos CEBRAP** (4), abr./jun., São Paulo, 1973.

PASTORE, J. Emprego, renda e mobilidade social no Brasil. In: **Pesquisa e Planejamento Econômico**, 6 (3), IPEA, Rio de Janeiro, 1975.

PICKVANCE, C.G. **Urban Sociology – critical essays**. Tavistock Publications: 1976.

PINHEIRO PIMENTA, C. O. Os funcionários públicos nas constituições federais brasileiras. **Revista de Ciência Política**, 27(2), p. 13-34, maio/agosto, Rio de Janeiro, 1984.

PINTO, Adolpho A. **História da aviação pública de São Paulo**. São Paulo, 1903.

PORCARO, R. M. Industrialização e tamanho urbano. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 39, n. 1, jan./mar., 1977.

PRADO JUNIOR, Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. Ed. Brasiliense Ltda: São Paulo, 1953.

ROSSI, W. Gonçalves. Capitalismo e educação. **Coleção Educação Universitária**. Cortez C. Moraes: São Paulo, 1978.

RATTNER, H. Transnacionalização do capital e organização do espaço. **Espaço e Debates**, v.4, n. 13, p. 5-11. Rio de Janeiro, 1984.

REDFIELD, R. e SINGER, Milton B. The cultural role of cities. **Reprinted from Economic Development and Cultural Change**, vol. III, n. 1, 1954.

RIBEIRO, L. César de Queiroz. Formação do capital imobiliário e a produção do espaço construído no Rio de Janeiro -1870/1930. **Espaço e Debates**, 5 (15), p.5-32, São Paulo, 1985.

SAINT HILAIRE, A. **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)**. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1932.

SANSON, João Rogério. Alguns aspectos demográficos e econômicos da população economicamente ativa no Brasil – 1970. In: **Encontro Brasileiro de Estudos Populacionais**, IBGE, Rio de Janeiro, 1976, p. 362-369.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade**. Ed. Vozes: Petrópolis, 1979.

_____. **O Espaço dividido**. Ed. Francisco Alves S.A: Rio de Janeiro, 1979

_____. Apresentação: novo espaço, nova urbanização. **Espaço e Debates**. As mudanças da dinâmica urbano-regional e suas perspectivas. v.4, n.13, p. 1-4, São Paulo, 1984.

_____. Organização do espaço e organização social: o caso de Rondônia. **Boletim Carioca de Geografia**. Amazônia, problemas e impasses. Rio de Janeiro, 1982. p. 51-77.

_____. Novo espaço, nova urbanização. **Espaço e Debates**. As mudanças na dinâmica urbano-regional e suas perspectivas. 4(13), São Paulo, 1984. Edição Especial.

SCHACHAK, A. A cidade mundial e sua articulação no sistema econômico global. IN: **Abordagens Políticas da espacialidade**, B. Becker, R. Costa, C. B. Silveira, org. UFRJ: Rio de Janeiro, 1983. p. 75-97.

SCHMIDT, B. Viers. A politização do espaço urbano no Brasil. **Espaço e Debates**, 2(5), mar./jun., p. 5-30, São Paulo, 1982.

_____. **O estado e a política urbana no Brasil**. UFRGS, L e PM: Porto Alegre, 1983, p. 213.

SCOTT, A. J.; STORPER, M. Industrial change and territorial organization. IN: **Production, work, territory; the geographical anatomy of industrial capitalism**. Alan J. Scott, Michael Storper, Eds. George Allen and Unwin: London, 1986, p. 301-311.

SERRA, J. A reconcentração da renda: justificativas, explicações e dúvida (1973). In: **A Controvérsia sobre a Distribuição de Renda e Desenvolvimento**. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1978.

SERRA, J. e CARDOSO, F. H. As desventuras da dialética da dependência . **Estudos CEBRAP** n. 23, São Paulo, 1978.

SILVA, Fernando A. R. da. Incentivos fiscais, acumulação de capital e emprego de mão-de-obra.

Pesquisa e Planejamento Econômico, 4 (1) : 50-84, jan./mar., Rio de Janeiro 1974.

SILVA, Hilda da. Mudanças de População: um estudo de pequenas cidades nos Estados do Maranhão, Pernambuco e São Paulo no Brasil. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, 26:57-114, 1976.

SINGER, P. **Economia Política da urbanização**. Ed. Hucitec: São Paulo, 1973.

_____. Migraciones internas. Consideraciones teóricas sobre su estudio. In: **Las Migraciones internas en America Latina**. Ficha n.38, Ediciones Nueva Vision: Buenos Aires , 1974

_____. **Economia Política do trabalho**. Ed. Hucitec: São Paulo, 1977.

SLATER, D. Capitalismo e urbanização na periferia. **Espaço e Debates**,23, São Paulo, 1988.

SMITH, Robert H. T. Method and purpose in functional town classification. **Annals of the Association of American Geographers**, Lawrence, v. 3, 1965.

SMOLKA, M. O. **Repensando o nexo imobiliário urbano**; uma proposta de reformulação dos respectivos instrumentos de política. Rio de Janeiro, mimeo, 1986. p. 15

SOJA, Edward W. The social-spatial dialectic. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 7, n. 2, jun, 1980.

SOUTO, J. P. Oliveira. Comunicação verbal no III Encontro de Economistas do Rio de Janeiro. 12 set., 1986.

STORPER, M. Brazilian industry; labor market, bargaining industry location and economic growth. In: **Symposia and rand tables. Latin American Regional Conference**, IGU, v.2, p. 129-135, Rio de Janeiro, 1982.

TISDALE, Hope. **The process of urbanization**. Reprinted from Social Force, vol. 20, mar., 1942.

TOLOSA, H. C. Macroeconomia da urbanização brasileira. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, vol. 3, n. 3, out. IPEA: Rio de Janeiro, 1973.

_____. Dimensões e causas da pobreza urbana. In: **Dimensões do Desenvolvimento Brasileiro – contribuições em economia**. (Coord. W. Baer, P. Geiger e P. R. Haddad). Editora Campus: Rio de Janeiro, 1978.

TORRES RIBEIRO, A. C. Identidade da urbanização brasileira. **Simpósio a Metrópole e a Crise**: USP, 1985

URRY, John. Localities, regions and social class. **International Journal of Urban and Regional Research**, vol. 5, n. 4, 1981.

VETTER, D. The impact of metropolitan system on the interpersonal and spatial distribution.

Comparative Urbanization Series, University of California: Los Angeles, 1975.

VETTER, D., MASSENA, R. M. R. e RODRIGUES, E. F. Espaço, valor da terra e equidade dos investimentos em infra-estrutura urbana: uma análise do município do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 41, n. 1/2, jan./mar., 1979.

_____. Quem recebe os benefícios líquidos das ações do estado nas áreas urbanas? Sugestões para o Programa do Grupo de Trabalho da UGI sobre Problemas das Grandes Aglomerações Urbanas. **I Colóquio Franco Brasileiro**: Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, novembro de 1979.

VIANA, L. Wernerck. **A classe operária e a abertura**. Coifa: São Paulo, 1983

VILAGRASA I IBARZ, J. Creixement urbà i producció de l'espai a Lleida. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, (5), p. 97-138, Barcelona, 1984.

VILLELA, A.; BAER, W. **O setor privado nacional, problemas e políticas para o seu fortalecimento**. IPEA / INPES, Rio de Janeiro, 1980. (Relatório de Pesquisa 46).

WHEATLEY, Paul. **The concept of urbanization**. Reprinted from *Man, Settlement and Urbanism*, by Peter J. Ucko, Ruth Tringham and G. W. Dimbley, Gerald Duckworth and Co. Ltd. London and Schenkman Publishing Company: Cambridge, Massachusetts, 1972.

WINGO, L. A national development strategy for the United States. **Urban Studies**, v. 9, n. 1, 1972.

ANEXO C - REFERÊNCIAS CORRÊA

AHMAD, Q. **India cities: characteristics and correlates**. Chicago: The University of Chicago, Department of Geography, 1965. 184 p. (Research Paper 102).

ALEXANDER, J. W. El concepto básico-no básico de las funciones económicas urbanas. **Texto Básico**. Rio de Janeiro: Instituto Pan-Americano de Geografia e História, n. 2, p. 1-22, 1969

ALONSON, W. A. **Theory of the Urban Land Market Proceedings of Regional Science Association**. 1960.

ALTHUSSER, L. Os defeitos da economia clássica; esboço do conceito de tempo histórico.

IN: ALTHUSSER, L.; BALÍBAR, E.; ESTABLET, R. **Ler o Capital v. 3** Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p. 29-60.

AMATO, Peter W. Environment Quality and Locational Behavior in a Latin American City. **Urban Affairs Quarterly**, v. 5, n. 1, 1969.

AUGÉ-LARIBÉ, M. Apport des Campagnes dans le développement des industries et insuffisance de l'enseignement rural. **Villes et Campagnes**, p. 92-94.

AZEVEDO, A. de. Vilas e cidades do Brasil colonial: ensaio de geografia humana retrospectiva.

Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, v. 9, n.1, 1957.

BAER, M.A. **A internacionalização financeira no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986. 164 p.

BASTOS, A. C. Tavares. **O valle do Amazonas**; a livre navegação do Amazonas, estatística, produção, comércio, questões fiscaes do valle Amazonas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. 441 p.

BATES, H. W. **O naturalista no rio Amazonas**. 2 v. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944

BECKER, B. K. Fronteira e urbanização repensadas. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 3_4, p. 357-71, 1985.

BELLIDO, J. G.; TAMARITI, L. G. **Para comprender la ciudad**; claves sobre los procesos de producción del espacio. Madrid: Editorial Cultura, 1979. 190 p.

BERNARDES, Lysia M. Cavalcanti. A cidade de Penedo. Relatório Preliminar apresentado na **XVII Assembléia Geral da AGB**. Penedo, 1962

BERRY, B. J. L. Systematic Variations of the Hierarchy. In: **Geography of Market Centers and Retail Distribution**. Foundations of Economy Geography Series. New Jersey: Prentice-Hall Inc. Englewood Cliffs, 1967. p. 26-58.

_____. General Features of Urban Commercial Structure. IN: **Internal Structure of the City: Readings on Space and Environment**, ed. L. S. Bourne. Toronto: Oxford University Press, 1971. p. 361-367

_____. Tamanho das cidades e desenvolvimento econômico: síntese conceitual e problemas de política, com especial referência ao sul e sudeste da Ásia. IN: FAISSOL, Speridião, Coord. **Urbanização e regionalização**. Rio de Janeiro: IBGE, 1975, p. 49-95.

BERRY, B. J. L. e GARRISON, W. The Functional Bases of the Central Place Hierarchy. **Economic Geography**, Worcestre, Massachusetts, vol. XXXIV, n. 2, p. 145-154, 1958.

BERRY, B. J. L. e HORTON, F. Urban Hierarchies and Spheres of Influence. **Geographic Perspectives on Urban Systems**. New Jersey: Prentice-Hall Inc. Englewood Cliffs, 1971. p. 169-249

BERRY, B. e PRED, A. **Central Places Studies - A Bibliography of Theory and Applications**. Philadelphia, Pennsylvania: Regional Science Research Institute, 1965, 153 p.

BONETTI, E. La Teoria delle località centrali. **Istituto di Geografia**, Universidade de Trieste, n.6, 1963.

BORCHERT, J. R. Major control points in American economic geography. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 62, n. 2, p. 214-232, 1978.

BRACEY, H. A Rural Component of Centrality Applied to Six Southern Counties in the United Kingdom. **Economic Geography**, Worcestre, Massachusetts, vol. XXXII, n. 1, 1956.

BROMLEY, R. J. Os mercados nos países em desenvolvimento: uma revisão. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 646-57, 1980.

BROMLEY, R. J. et alii. The rationale of periodic markets. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 65, n. 4, p. 530-37, 1975.

BROMLEY, R. J.; SYMANSKI, R. Marketplace in Latin America. **American Research Review**, Austin, v. 9, n. 3, p. 3-38, 1974.

BRUSH, J. E. The Hierarchy of Central Places in Southwestern Wisconsin. **The Geographical Review**, New York, v. 43, n.3, p. 380-402, 1953.

BUCH-HANSEN, M.; NIELSEN, B. Marxist geography and the concept of territorial structure.

Antipode, Worcester, v. 9, n. 2, p. 1-11, 1977.

BURGESS, E. W. **El Crecimiento de la Ciudad**: Introducción a um Proyecto de Investigación Estudios de Ecología Humana. Barcelona: Ed. Labor, 1974, 1º vol.

CAPEL, H. Agentes y Estrategias em la Producción del Espacio Urbano Español. **Revista de Geografia**, n. 8, 1972.

CAPEL, H. Des las funciones urbanas a las dimensiones básicas de los sistemas urbanos. **Revista Geográfica**, Barcelona, v. 6, n. 2, p. 218-48, 1972.

CARDOSO, F. H.; MÜLLER, G. **Amazônia: expansão do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1977. 205 p.

CARDOSO, M. F. T. C.; AZEVEDO, L. M. P. Rede de localidades centrai: uma tipologia aplicada ao Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 44, n.4, p. 639-75, 1982.

CARLOS, A. F. A. A cidade e a organização do espaço. **Revista do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 1, p. 105-11, 1982.

CARTER, H. **The Study of Urban Geography**. London: Edward Arnold Ltd., 1974.

CASTELLS, M. **Problemas de Investigación em Sociologia Urbana**. Buenos Aires: Siglo Vienteuno, 1971.

_____. **La Question Urbana**. Buenos Aires: Siglo Vienteuno, 1973.

CASTELLS, M. (Org.) **Estrutura de Clases y Política Urbana en America Latina**. Buenos Aires: Ed. SIAP, 1974. 286 p.

CHARRIER, J. B. Citadins et Ruraux. **Coleção "Quesais-je"**, P.U.F, n.1107, 1964.

CHATELAIN, A. Les migrations temporaires, sources de contacts des civilisations urbaine et rurale. **Villes et Campagnes**, p. 48-51.

CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. Englewood Cliffs, Prentice-Hall Inc., 1966. 230 p.

CLAVAL, P. Chronique de géographie économique: la théorie des lieux centraux. **Revue Géographique de L'est**, tomo VI, n. 1 e 2, p. 131-152, 1966.

COLBY, C. C. Centrifugal and Centripetal Forces in Urban Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, 23 (1), 1933.

CONROY, M. E. Toward a policy-orientes theory of the economy of cities in Latin America. IN: PORTES, A.; BROWNING, H. L. Orgs.; **Currente perspectives in**

Latin American Research. Austin: Institute of Latin American Studies, 1976. p. 71-98.

CORDEIRO, H. K. Os principais pontos de controle da economia transacional no espaço brasileiro. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, 16-17 (31-34), p. 153-196, 1987.

CORRÊA, R. L. Os estudos de redes urbanas no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 93-116, 1967.

_____. Contribuição ao estudo do papel dirigente das metrópoles brasileiras. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 30, n.2, p. 56-57, abr./jun., 1968.

_____. Estudo das relações entre cidade e região. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 43-56, 1969.

_____. Status sócio-econômico e centralidade: uma interpretação. **Geografia**, Rio Claro, v. 2, n. 3, p. 51-9, 1977.

_____. Repensando a teoria das localidades centrais. IN: **Novos rumos da geografia brasileira**. SANTOS, M. (coord.). São Paulo: Hucitec, 1982. p.50 -65.

_____. Concentração bancária e centros de gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, 1989.

_____. **A Rede Urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Corporação e organização espacial: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 3, p. 33-66, jul./set., 1991.

_____. Conferência inaugural: novas dimensões geográficas do urbano no Brasil. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v.21, n.42, p. 12-17, 1991.

_____. Corporação e espaço: uma nota. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 53, n.1, p. 137-145, jan./mar., 1991.

_____. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. In: Workshop de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Anais**, Rio de Janeiro, p. 35-41, 1992.

_____. **A periodização da rede urbana da Amazônia**. *Inédito*.

_____. (Coord.) **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 183 p.

CRUZ, E. **História de Belém**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973, 2v. (Coleção Amazônia. Série José Veríssimo).

DAVIES, S.; BLOOD, R. e ALBAUM, M. The Settlement Pattern of Newly Arrived Migrants in Guadalajara. **Revista Geográfica**, n. 77, 1972.

DIAS, C. V. Marabá; centro comercial da castanha. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 20, n.4, p.383-425, 1958.

_____. Sistema Urbano. IN: Geografia do Brasil. Região Norte, v.1. Rio de Janeiro: IBGE, 1977. p. 425-62.

DIAS, M. Nunes. **A companhia geral do Grão-Pará e Maranhão(1755-1778)**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970. 2v. (Coleção Amazônia. Série José Veríssimo).

DICKINSON, R. E. The scope and status of urban geography: an assessment. IN: MAYER, Harold M.; KOHN, Clayde F.; Orgs., **Readings in urban geography**. Chicago: University of Chicago Press, 1959, pp. 10-26.

DINIZ, J. Alexandre. Ensaio Geográfico sobre Lagarto. **Revista da Faculdade Católica de Sergipe**, Aracaju, 1957.

DUARTE, H. S. B. A cidade do Rio de Janeiro: Descentralização das Atividades Terciárias. Os Centros Funcionais, **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, 1974.

DUGRAND, R. La propriété foncière des citadins em Bas-Languedoc. **Bulletin de l'Association de Géographes Français**, n. 259-260, p. 131-145, 1956.

_____. **Villes et Campagnes em Bas-Languedoc**. P.U.F, 1963

EGLER, E. A zona bragantina no Estado do Pará. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 527-555, 1961.

EYRE, L. A. The Shantytowns of Montego Bay, Jamaica. **Geographical Review**, 62 (3), 1972.

FAISSOL, E. As grandes cidades brasileiras - dimensões básicas da diferenciação e relações com o desenvolvimento econômico: um estudo de análise fatorial. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, p. 87-130, 1970.

_____. A estrutura urbana brasileira: uma visão ampliada no contexto do progresso brasileiro do desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, p. 19-123, 1972.

FERRARI, O. F. **A organização espacial do agreste e do sertão de Alagoas: a redefinição dos centros urbanos**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985.

FIGUEIREDO MONTEIRO, Carlos Augusto. Aspectos geográficos do Baixo São Francisco. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, avulso n.5, 1962.

FIREY, W. Sentimiento y Simbolismo como Variable Ecologicas. IN: **Estudios de Ecologia Humana**, ed. G. A. Theodorson. Barcelona: Ed. Labor, 1º vol., 1974, p. 419-432.

FLINN, W.; CONVERSE, J. Eight Assumptions Concerning Rural-Urban Migration in Colombia: A Three Shantytowns Test. **Land Economics**, 46, 1970.

FONTELLA, V. **História dos bancos no Brasil**. Rio de Janeiro, 1965. 224 p.

FORM, W. A. The Place of Social Structure in the Determination of Land Use: Some Implications for a Theory of Urban Ecology. **Social Forces**, 32 (4), 1954.

FRAY, L. **Desenvolvimento econômico e estrutura do mercado financeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 261 p.

FREIRE, L. A. R. et alii. O efeito da renda no comportamento espacial dos consumidores. IN: 3º Encontro Nacional de Geógrafos **COMUNICAÇÕES**. Fortaleza: Associação dos Geógrafos dos Brasileiros, 1978, p. 246-8.

FRIENDMANN, G. Villes et Campagnes. Civilisation Urbaine et Civilisation Rurale em France
Centre D'Etudes Sociologiques (CNRS), Librairie Armand Colin, 1953. 473 p.

FRÖLICH, W. The African market system. **British Columbia Geographical Series**, Vancouver, 35, 1982.

FUNNEL, D. C. Rural business centers in a low income economy: some theoretical problems.

Tijdschrift voor Economische en Sociales Geographie, Rotterdam, 64 (2): 89-92, 1973.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963. 289 p.

GEIGER, P. P. **A evolução da rede urbana brasileira**. Rio de Janeiro:CBPE, 1963. 462p.

_____. **Evolução da Rede Urbana Brasileira**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas Educacionais, 1963. (Coleção "O Brasil Urbano" n. 1)

GEORGE, Pierre. **Conferência** realizada em 1962 e publicadas pelo Conselho Nacional de Geografia - Ano XV, 1962.

_____. **Précis de Géographie Urbaine**. 2ª ed. Paris; Presses Universitaire de France, 1964.

_____. Méthode et problèmes Soulevés. **Villes et Campagnes**, p. 179-185

GOLDSMITH, R. W. **Brasil, 1850-1984, desenvolvimento financeiro sob um século de inflação**.

São Paulo: Haper, Row do Brasil, 1986. 557 p.

GONÇALVES, L. **O Amazonas; esboço histórico, chorográfico e estatístico até o ano de 1903.**

New York: Hugo J. Hanf, 1904. 117 p.

GOODWIN, Willian. The Management Canters in the United States. **Geographical Rewiew**, 1965.

GORDON CHILDE, V. The urban revolution. IN: WALTON, J.; CARNS, D. E. Orgs., **Cities in charge: studies on the urban condition.** Boston: Allyn and Bacon Inc., 1974. p. 13-22

GOTTMANN, J. **The management center in the United States.** New York: The MIT Press, 1961. 810 p.

_____. Orbits: ancient mediterranean tradition of urban network. IN: GOTTMANN, J. Orbits; HARPER, Robert A. (Org.). **Since megalopolis.** Baltimore: John Hopkins University Press, 1990.

GREEN, F. W. Urban Hinterlands in England and Wales, na Analysis of Bus Service. **The Geographical Journal**, London, England, vol. CXVI, n. 1 e 2, 1950.

GRIFFIN, D.W. e PRESTON, R. E. A Restatement of the Transition Zone Concept. **Annals of the Association of American Geographers**, 56 (1), 1966.

GUERRA, A. T. **Estudo geográfico do Território Federal do Acre.** Rio de Janeiro: IBGE, 1955. 294 p.

HAGGET, P.; CHORLEY, R. J. **Network analysis in geography.** New York: Saint Martin Press, 1969.

HAIG, R. M. Toward an Understanting of the Metropolis. IN: R. H. T. Smith, E. J. Taaffe e L. J. King. **Readings in Economic Geography. The Location of Economic Activity.** Chicago: Rand Mc Nally Co., 1968. p. 44-57

HARRIS, C. D. Classification of cities in the United Stades. IN: MAYER, Harold M.; KOHN, Clayde F.; Orgs., **Readings in urban geography.** Chicago: The University of Chicago Press, 1959. p. 129-38

_____. **Cities in the Soviet Union: studies in their functions, size, density and growth.** Washington, The Monographs Series of th Association of American Geographers, 5, 1970, 484p.

HARRIS, C. D.; ULLMAN, E. The nature of cities in 1945. IN: MAYER, H. M.; KOHN, C. F. (Org.) **Readings in urban geography.** Chicago: The University of Chicago Press, 1959.

HARVEY, David. Society, the City and the Space-Economy of Urbanism. Association of American Geographers, Commission of College Geography, **Resource Paper**, 18, 1972, 56 p.

_____. **Social Justice and the City**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1973
373 p.

_____. Class Structure in a Capitalist Society and the Theory of Residential Differentiation. IN: ed. R. Peel, M. Chisholm e P. Hagget. **Process in Physical and Human Geography**. London: Heinemann Educational Books, 1975. p. 354-369

HÉBETTE, J. Grandes projetos e transformações na fronteira. **Espaço & Debates**, São Paulo, 5 (15), p. 75-85, 1985.

HOBSBAWN, E. **A era do capital: 1848-1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 373 p.

HOSELITZ, B. F. **Sociological aspects of economic growth**. New York: The Free Press, 1960. 240 p.

JEFFERSON, M. The law of primate city. **The Geographical Review**, New York, 29 (2), p. 226-32, 1939.

JOBIM, A. **O Amazonas: sua história** (Ensaio antropogeográfico e político). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. 301 p.

JOHNSON, E. A. J. **The organization of space in developing countries**. Cambridge: Harvard university Press, 1970, 425 p.

JUILLARD, E. L'urbanisation des Campagnes em Europe Occidentale. **Études Rurales**, n.1, p. 18-33, 1961

_____. **Les Relations Ville-Campagne**. Sumário das Lições do 1º Seminário Internacional de Geografia. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1967.
Mimeografado

KAUTSKY, K. **La cuestión agrária**. México: Siglo Veinteuno, Editores S. A, 1974, 540 p.

KAYSER, B. **Campagnes et villes de la Côte D'Azur**. Monaco: Editions du Rocher, 1960. 593 p.

KELLEY, K. B. Dentrictic central place system and the regional organizaton of Navajo posts.
IN: **Regional analysis**, vol. 1, Economic systems. Carol Smith, coord., New York: Academic Press, 1976. p. 219-54

KOSIK, K. **Dialética de concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. 230 p.

LABASSE, J. **Les Capitaux et la Région**. Paris: Cahiers de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1958. 345 p.

LAFERRÈRE, M. Commentaire d'une carte des migrations alternantes journalières des salariés dans la région lyonnaise. In: **Problems of Economic Region**. Geographical Studies, n. 27, Polish Academy of Science, 1961. p. 223-231

LAMPARD, E. The history of cities in the economically advanced areas. **Economic Development and Cultural Change**, Chicago, 3 (2), p. 81-136, 1965.

LASSARRE, G. **Libreville, la ville et sa région**. Paris: Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1958. 345 p.

LE COINTE, P. **L'Amazonie brésilienne**: le pays, ses habitants, ses ressources. Notes et statistiques jusqu'en 1920. Paris: A. Challamel, 1922. 2 v.

LEE, Y. A Conceptual Discussion and an Empirical Analysis of Commercial Land-Use Succession. **Environment and Planning A**, 6, 1974.

LENIN, V. I. **El desarrollo del capitalismo em Russia**. Barcelona: Editorial Ariel, 1974. 581 p.

_____. **Imperialismo; fase superior do capitalismo**. São Paulo: Global, 1979. 127 p.

LENTNEK, B. et alii. Renda e o padrão espacial do desenvolvimento econômico. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, 240, p. 17-30, 1974.

LIMA, O. M. B. e CORRÊA, R. L. Sistema Urbano. IN: **Geografia do Brasil**, v. 3: Região Sudeste, p. 569-661, Rio de Janeiro, 1977.

LIMA FREDRICH, O. M. B. ; DAVIDOVICH, F. A configuração espacial do sistema urbano brasileiro como expressão no território da divisão social do trabalho. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 4, p.541-90, 1982.

LINSKY, A. S. Some generalization concerning primate cities. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, 55 (3): 506-13, 1965

LÖSCH, A. **The economics of location**. New Haven: Yale University Press, 1954.

MACHADO, L. O. Significado e configuração de uma fronteira urbana na Amazônia. IN: Congresso Brasileiro de Geógrafos, 4. **Annais**. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1984, p. 35-36.

MAGNANINI, R. L. C. As cidades de Santa Catarina: base econômica e classificação funcional. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 85-121, 1971.

MAGNANINI, R.; LIMA, O. M. B. Uma medida da função da direção das cidades brasileiras.

Boletim Carioca de Geografia, Rio de Janeiro, 22, p. 129-147, 1971.

MARX, K.; ENGEL, F. L. **L'ideologie allemande** (tome premier). Paris: Éditions Sociales, 1977. 143 p.

MATZNETTER, J. O sistema urbano no Norte e Nordeste do Brasil e a influência das novas estradas. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 99-112, 1981.

MCKENZIE, R. D. El ambito de la Ecologia Humana. IN: THEODORSON, G. A. ed. **Estudios de Ecologia Humana**, Barcelona: Ed. Labor, 1º vol., 1974. p. 57-68

MELLO, M. C. I. **O bóia-fria - acumulação e miséria**. Petrópolis: Vozes, 1975. 154 p.

MENDES, A. **A invenção da Amazônia**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1974. 193 p. (Coleção Amazônia. Série Tavares Bastos)

MENGIN, W. Latin American Squatter Settlements: A Problem and Solution. **Latin American Research Review**, Summer, 1971.

MESQUITA, M. G.; BULHÕES, M. G. et alii. A Região de Porto Velho. IN: VALVERDE, O. (Coord.) **A organização do espaço na faixa da Transamazônica**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979, v. 1, p. 226-44

MESQUITA, M. G.; EGLER, E. G. Povoamento. IN: VALVERDE, O. (Coord.) **A organização do espaço na faixa da Transamazônica**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979, v. 1, p. 56-79.

MISSEN, G. I.; LOGAN, M. I. National and local distribution systems and regional development: the case of Kelantan in West Malaysia. **Antipode**, Worcester, 9 (3): 60-74, 1977.

MIYAZAKI, N.; ONO, M. O aviamento na Amazônia; estudo sócio-econômico sobre a produção de juta. **Sociologia**, São Paulo, 20 (3), p. 322-96, 1958.

MONBEING, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984

MOREIRA, R. A geografia serve para desvendar máscaras sociais. IN: **Geografia; teoria e crítica**. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 33-63

_____. **O movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985. 215 p.

MURPHY, R. E; VANCE, J. E e EPSTEIN, B. J. Internal Structure of the CBD. **Economic Geography**, 31 (1), 1955.

NACIF, C. L. **Rede urbana do sudeste: uma análise através dos fluxos telefônicos**. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

NELSON, M. J. A service classification of cities in the United States. IN: MAYER, Harold M.; KOHN, Clayde F.; Orgs., **Readings in urban geography**. Chicago: The University of Chicago Press, 1959. pp. 139-60

NEVES, A.; LOPES, A. M. T. Os projetos de colonização. IN: VALVERDE, O. (Coord.) **A organização do espaço na faixa da Transamazônica**. Rio de Janeiro: IBGE, 1979, v. 1, p. 80-120

NOVACK, G. e alii. **La ley del desarrollo desigual y combinado**. México: Quinta Sol, 1981. 122 p.

OLIVEIRA, A. E. A ocupação humana. IN: **Amazônia**; desenvolvimento, integração e ecologia. E. Salati, M. O. R. Shubert, W. Junk, A. E. Oliveira. São Paulo: Brasiliense, Brasília: CNPq, 1983. p. 144 - 327

PALLOIX, C. **La internacionalizacion del capital**. Madrid: H. Blume Ediciones, 1978. 242 p

PARK, R. E. Ecologia Humana. IN: **Estudios de Ecologia Humana**, ed. G. A. Theodorson
Barcelona: Ed. Labor, 1º vol., 1974. p. 43-55

PASSOS, C. F. **Estrutura financeira e desenvolvimento: o caso do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1973. 209 p.

PENTEADO, A. R. **Belém do Pará; estudo de geografia urbana**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968, 2 v.

PLATTNER, S. M. Periodic Trade in deloping areas without markets. IN: **Regional analysis**, vol. 1, Economic systems. Carol Smith, coord. New York: Academic Press, 1976, p. 69 – 89;

POLAMÄKI, M. The Functional Centers and Areas of South Bothnia, Finland.

PORTES, ALEJANDRO. The Urban Slum in Chile: Types and Correlates. **Lands Economics**, 47 (3), 1971.

PRADO JR., C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1959. 348 p.

PRED, A. The Intra-Metropolitan Location of American Manufacturing. **Annals of the Association of American Geographers**, 54 (2), 1964.

PRED, A. Major job-providing organizations and systems of cities. Commission on College Geography, **Association of American Geographers**, Washington, Resource Paper 27, 1974
69 p.

REIS, A. C. Ferreira. **O processo histórico da economia amazonense**. s. ed. Belém, 1943. 108 p.

RIBEIRO, B.; GUIMARÃES, M. M. **História dos bancos do desenvolvimento financeiro do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Pro-service, 1967. 439 p.

ROCHEFORT, Michel. A organização urbana da Amazônia Média. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, 12 (3/4), p. 15-29, 1959.

ROCHEFORT, M.; HAUTREUX, J. **La fonction regionale dans l'armature urbaine française**. Paris: Ministère de la Construction et de l'Équipement, 1963. Mimeogr.

ROSE, A. J. Dissert from down under: metropolitan primacy as the normal state. **Pacific Viewpoint**, Wellington, 7 (1): 1-27, 1966.

SANTOS, Milton. **Zonas de influência Comercial no Estado da Bahia**. Salvador: Diretório Regional de Geografia, 1956

_____. Quelques Problèmes des Grandes Villes dans les Pays Sous Développés. **Revue de Géographie de Lyon**, vol.XXXVI, 1961.

_____. Une nouvelle dimension dans l'étude des réseaux dans les pays sous-développés. **Annales de Géographie**, 434: 425-45, 1970.

_____. Spatial dialectics: the two circuits of urban economy in underdeveloped countries. **Antipode**, Worcester, 9 (3): 49-60, 1977.

_____. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978. 236 p.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 345 p.

_____. Organização do espaço e organização social; o caso de Rondônia. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, 32, p. 51- 77, 1982.

_____. A articulação dos modos de produção e os dois circuitos da economia urbana: os atacadistas de Lima. IN: **Ensaio sobre urbanização latino-americana**. Milton Santos, coord., São Paulo: Hucitec, 1982, p. 126 - 140

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1985. 88 p.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988

_____. Os espaços da alfabetização. IN: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 3, 1993, **Anais...** Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro, 1993.

SANTOS, R. A. Oliveira. **História econômica da Amazônia (1800 - 1920)**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. 374 p.

SEMPLE, R. K.; MARTS, D. J. F.; GREEN, M. B. Perspectives on corporate headquarter relocation in the Unites States. **Urban Geography**, Silver Spring, 6 (4): 370-391, 1985.

SEMPLE, R. K.; PHIPPS, A. G. The spacial evolution of corporate headquarter within the urban system. **Urban Geography**, Silver Spring, 3 (3): 258-279, 1982.

SHEVKY, E. e BELL, W. Análisis da Área Social. IN: **Estudios de Ecologia Humana**, ed. G. A. Theodorson. Barcelona: Ed. Labor, 1º vol., 1974. p. 377-392

SILVA, M. F. Ferreira da. **O desenvolvimento comercial do Pará no período da borracha (1870-1914)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1978.

SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, 377 p.

SKINNER, G. W. Marketing and social structure in rural China. Part I. **Journal of Asian Studies**, Princeton, 24 (1): 3-43, 1964.

SMITH, C. Causes and consequence of central-place types in Western Guatemala. IN: Regional analysis, vol. 1, Economic systems. Carol Smith, coord., New York: Academic Press, 1976. p. 225-300

SMITH, C. A. Exchange systems and the spatial distribution of elites; the organization of stratificaion in agrarian societies. IN: **Regional analysis**. New York: Academic Press, 1976, v. 2, p. 309-74

SMITH, R. H. T. Periodic market-place and periodic marketing: review and prospect, I. **Progress in Human Geography**, London, 3: 1-31, 1980.

_____. Method and purpose in functional town classification. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, 24 (1): 3- 43, 1965.

SOUSA E SILVA, Clodomiro. **Álbun de Sergipe -1820-1920**. Aracaju, 1920

STINE, J. H. Temporal aspects of tertiary production elements in Korea. IN: **Urban System and Economic Developent**. F. R. Pitts, coord., Eugene: University of Oregon, 1962. p. 68-88

STRICKLAND, D.; AIKEN, M. Corporate influence and the german urban system: headquarters location of german industrial corporations, 1950/1982. **Economic Geography**, v. 60, n.1, p. 38-54, 1984.

TAYLOR, M. J.; THRIFT, N. Large corporations and concentration of capital in Australia: a geographical analysis. **Economic Geography**, Worcester, 56 (4): 261-280, 1980.

TIMMS, D. W. G. **The Urban Mosaic - Towards a Theory of Residential Differentiation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. 277 p.

TURNER, J. C. The Barriada Movement. **Progressive Architecture**, 49, 1968

TURNOWSKY, S. **Deslocamento das Indústrias Cariocas**. Secretaria do Estado do Governo, 1969

ULLMAN, E.; DANCEY, M. F. El método de las necesidades mínimas en el estudio de la base economica urbana. **Texto Básico** (Instituto Pan-Americano de Geografia e História), Rio de Janeiro, 2: 23-44 1969.

VANCE JR., J. F. Emerging Patterns of Commercial Structure in American Cities. **Land Studies in Geography**, Serie B, 1958

VAUGHAN, D. R. e FEINDT, W. Initial Settlement and Intracity Movement of Migrants in Montrey, Mexico. **Journal of the American Institute of Planners**, 39 (6), 1973.

VELHO, G. **A Utopia Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. 111 p.

_____. **Frentes de expansão e estrutura agrária**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. 178 p.

VERNES, G. Residencial Movement of Low - Income Families: The Case of Bogota, Colombia
Land Economics, 50 (4), 1974.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. Os Grupos Econômicos do Brasil. **Revista do Instituto de Ciências Sociais**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, vol. II, n.1, 1965.

WALLACE, A. R. **Viagens pelo Amazonas e rio Negro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. 668 p.

WARD, D. Thw Industrial Revolution and the Emerge of Boston's Central Business District. **Economic Geography**, 42 (2), 1966.

WOLPERT, J. The Decision Process in a Spacial Context. **Annals of the Association of American Geographers**, 54 (4), 1964.

_____. Departures from the Usual Environment in Locational Analysis. **Annals of the Association of American Geographers**, 60 (2), 1970.

ZINCK, A. Chronique de géographie allemande La Géographie sociale à l'Institut de Géographie de la Technische Hochschule de Munich. **Revue Géographique del'Est**, tomo III, n. 4, p 419-428, 1963.

ZIPF, G. K. **Human behavior and the principle of least effort an introduction to human ecology**. Cambridge: Wesley Press, 1949. 573 p.

ANEXO D - REFERÊNCIAS FAISSOL

AHMAD, Qazi. Indian Cities: characteristics and correlates. **Research Paper**, University of Chicago, Department of Geography, n. 102, 1965.

ALEXANDER, J. W. The Basic-non basic concept of urban-economic functions. **Economic Geography**, 30, pp. 261-264.

ANSCOMBE, F. J. The statistical analysis of insect counts on the negative binomial distribution. **Biometrics**, n. 5, pp. 165-173.

BANDMAN, Mark K. Industrial location and optimization of territorial systems. IN: HAMILTON, F. E. Ian ed. **Contemporary industrialization spatial analysis and regional development**. Logman, 1978. 203 p.

BERNARDES, Lysia. Les villes capitales d'Etat au Brazil - Une Interpretation. **Cahier de Geographie de Quebec**, ano 15, n. 35, pp.171-190, 1971.

BERRY, Brian J. L. **Location, size and shape of cities as influenced by environmental factors**: the urban environment writ large.

_____. A Paradigm for Modern Geography. IN: **The New Geography**, Richard Chorley, ed.

_____. The impact of expanding metropolitan communities upon the Central-Place hierarchy. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 50, n. 2, junho, 1960.

_____. Research Frontiers in Urban Geography. IN: **The Study of Urbanization**, Philip Hauser, 1965.

_____. Essays on commodity flows and the spatial structure of the Indian economy. (**Research Paper**, 11), Chicago, University of Chicago, 1966.

_____. A synthesis of formal and functional regions using a general field theory of spatial behavior. IN: **Spatial Analysis** - a reader in statistical geography (Berry e Marble, eds.) New Jersey: Prentice-Hall, 1968.

_____. Relationships between Regional Economic Development and the Urban System
IN: Tijdschrift Voor, **Econ. en Soc. Geografie**, Sept/Okt , 1969.

_____. Cities as Systems within Systems of Cities. IN: **Urban Economic**, William H. Leah, David L. McKee e Robert D. Dean, eds. New York: The Free Press, 1970.

_____. **Geographic Perspectives on Urban Systems**. Prentice Hall, 1970.

_____. The logic and limitations of comparative factorial ecology. **Economic Geography**, vol. 47, n. 2, Junho, 1971.

_____. City Size and Economic Development: conceptual synthesis and Policy Problems. IN: **Urbanization and National Development**, vol. I, JAKIBSON, L. e PRAKASH, J. (eds.). Sage publications, 1971.

_____. Hierarchical diffusion: the basis of development filtering and spread in a system of growth centers. IN: **Growth Centers** in Regional Economic Development (Hansen, ed.). The Free Press, 1972. p. 108-138

_____. e GARRISON, W. Alternate explanation of urban rank size relationship. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. XLVIII, pp. 83-91, 1958

BEYERS, William B. A field approach to spatial industrial structural dynamics. Trabalho apresentado a **IGU** Commission on Industrial Systems, Tokyo, Chuo University, 1980.

BOULDING, K. E. Toward a general theory of growth. IN: **Population theory and policy**, J. J. Spengler e O. D. Duncan, eds. New York: The Free Press, 1956. pp. 109-124

CARDOSO, Fernando Henrique. Notas sobre el estado atual de los estudios de la dependencia. IN: **Problemas des subdesarrollo latino americano**. México: Editorial Nuestro Tempo, 1973. p. 90-125

CHAPPMAN, G. P. The application of Information Theory to the Analysis of population.

Economic Geography, Junho, pp. 317-331, 1970

CHASE-DUNN, Christopher. Urbanization in the world system; new directions for research.

IN: SMITH, Michael Peter, ed. **Cities in transformation**; class, capital and the state. Sage publications 1984, pp. 111-122.

CHORLEY, R. J. e HAGGET, P. (eds.) **Models in Geography**. Londres: Methuen&Co, 1967.

CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany**. Trad. de C.W. Baskin. Prentice Hall, 1966

CLIFF, A. D. The neighbourhood effect in the diffusion of innovations. **Trans. Inst. Br. Geogr.**, n. 44, pp. 75-84.

COHEN, R. B. The new international division of labor, multinational corporations and urban hierarchy.
IN: DEAR, Michael; SCOTT, Allen, ed. **Urbanization & urban planning in capitalist society**. Methuen&Co., 1981.

CORNELIUS, Wayne A.; KEMPER, Robert V., ed. Metropolitan Latin America; the challenge and the response. (**Latin America Urban Research**, 6). Sage publications, 1978. 346 p.

CZYŻ, T. The application of multifactor analysis in Economic Regionalization. **Geographia Polonica**, n. 15, pp. 115-134, 1968.

CORRÊA, Roberto L. **Rede Urbana do Sudeste**. IN: Geografia do Brasil

CORRÊA, Roberto L. **Subsídios à Regionalização**. IBG, 1968.

DACEY, M. F. Modified Poisson probability law for point pattern more regular than random.

Anais da Associação dos Geógrafos Americanos, 54, pp. 559-565

DACEY, M. F. Imperfections of the Uniform Plane. **Discussion Paper**, n. 4, Michigan Inter-University Community of Mathematical Geographers.

DACEY, M. F. A county-seat model for the areal pattern of an urban system. **Geographical Review**, 56, pp. 527-542.

DACEY, M. F. An empirical study of the areal distribution of houses in Puerto Rico. **Trans. Inst. Br. Geogr.**, n. 45, pp. 51-69.

DACEY, M. F.; NYSTUEN. A graph theory interpretation of nodal regions. IN: **Spacial Analysis**, ed. Brian Berry, 1968.

DAVIS, Rob. Informal sector or subordinate mode of production; a model. IN: BROMLEY, Ray; GERRY, Chris, ed. **Casual workers and poverty in third world cities**. John Wiley, 1979. 323 p.

_____. A general theory of polarized development. IN: HANSEN, Niles M. **Growth centers** in regional economic development. New York: The Free Press, 1972.

DEAR, Michael; SCOTT, Allen J., ed. **Urbanizations & planning in capitalist society**. Methuen&Co., 1981. 617 p.

DEUTSCH, Karl W. On methodological problems of quantitative research. IN: **Quantitative Ecological Analysis in Social Sciences**. The M.I.T Press, 1969

DOGAN, Mattei e ROKKAN, Stein. **Quantitative Ecological Analysis in the Social Sciences**. The M.I.T Press, 1969.

DUNCAN, OTIS and others. **Metropolis and Region**.

FAISSOL, Speridião. Tipologia Urbana e Regionalização do Desenvolvimento Econômico. **Boletim Geográfico**, n. 224.

_____. As grandes cidades brasileiras. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, 1970.

_____. As grandes cidades brasileiras: dimensões básicas de diferenciação e relações com o desenvolvimento econômico. Um estudo de análise fatorial. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 32, n. 4, 1970.

_____. Tipologia de cidades e regionalização do desenvolvimento econômico: um modelo de organização espacial do Brasil. **Boletim Geográfico**, n. 223, julho-agosto, 1971, pp. 25-58.

_____. Pólos de desenvolvimento no Brasil, uma metodologia quantitativa e uma exemplificação empírica. **Revista Brasileira de Geografia**, vol. 34, n. 2, 1972.

_____. O sistema urbano brasileiro: uma visão ampliada no contexto do processo de desenvolvimento brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 32, n.3, 1972.

_____. A estrutura urbana brasileira: uma visão do processo brasileiro de desenvolvimento econômico. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 34, n.3, pp.19-123, jul./set., 1972.

_____. O processo de difusão no sistema urbano brasileiro: análise do padrão de distribuição espacial de centros urbanos e seu ajustamento a distribuição de probabilidades. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 35, n. 3, 1973.

_____. **Migrações internas no Brasil e suas repercursões no crescimento urbano e desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: FINGE - Diretoria Técnica - Superintendência de Pesquisas e Desenvolvimento, 1973. 146 p.

_____. O sistema urbano brasileiro: uma análise e interpretação para fins de planejamento. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 35, n.4, 1973.

_____. A organização espacial do sistema urbano brasileiro: relação entre a estrutura das cidades e as relações entre elas. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 3, pp. 75-90, jul./set., 1974.

_____. A cidade e seu campo de ação. Suas relações e seu papel no processo de desenvolvimento. IN. FAISSOL, S. , **Tendências atuais na Geografia urbano/regional**; teorização e quantificação. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. pp. 147-216

FAISSOL, Speridião; GALVÃO, Marília; GEIGER, Pedro P. Estudos urbano-regionais na área de influência do Recife. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 37, n. 1, pp. 3-49, jan./mar., 1975.

FELLER, W. On a general class of contagious distributions. **Annals of Mathematical-Statistics**, 14, pp. 389-400.

FRIEDMANN, John. **Regional Development Policy: a case study of Venezuela**. The M.I.T Pres, 1966.

_____. Urbanizations and National Development: Conceptual Synthesis and Policy problems, with special reference to South and Southeast Asia. IN: **Urbanization and National Development**, vol. I, JAKIBSON, L. e PRAKASH, J. (eds.). Sage publications, 1971.

_____. A generalized theory of polarized development. IN: **Growth Centers in Regional Economic Development** (Hansen, ed.). The Free Press, 1972, pp. 82-107.

_____. **Comparative urbanization**. Londres: Edward Arnold, 1975, 93 p.

FRIEDMANN, John; WOLFF, Goetz. World city formation; na agenda for research and action.

Working Paper, Los Angeles, University of California, 3, 1982.

GAUTHIER, Howard. **Economic growth and polarized space in Latin America**: a search for geographical theory? Manuscrito apresentado em reunião da CLAG, Syracuse, 1971.

_____. **Information Theory and regional inequalities**. UGI: Rio de Janeiro, 1971.

GEIGER, P. P. e DABIDOVICH, F. R. Reflexões sobre a evolução da estrutura espacial do Brasil sob o efeito da industrialização. Simpósio sobre a estrutura espacial do Brasil, 3º Congresso Brasileiro de Geógrafos **Associação Brasileira de Geógrafos**, Belém, 1974.

GETIS, A. Occupancy Theory and map pattern analysis. **Seminar Paper Series A**, Dep.Geogr., University of Bristol.

HARMANN, Harry H. **Modern Factor Analysis**. Chicago: The University of Chicago Press, 1960.

HARRIS, C.D. A functional classification of cities in the United States. **Geographical Review**, 33,pp. 86-99.

HARRIS, C.D.; ULLMAN E. L.The Nature of Cities. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, 242, pp. 7-17, 1945.

HARVEY, David. Some methodological problems in the use of the Neyman type A and the Negative Binomial Probability Distribution for the analysis of spatial point patterns. **Trans. Inst. Br. Geogr.**, 44, pp. 85-95.

_____. Pattern, process and the scale problem in geographical research. **Trans. Inst. Br. Geogr.**, n. 45, pp. 71-78.

_____. Geographical processes and the analysis of point patterns: testing models of diffusion by quadrat sampling. **Trans. Inst. Br. Geogr.**, pp. 81-95, 1966.

_____. **Explanation in Geography**. Edward Arnold, 1969.

_____. On obfuscation in geography, a coment on gale's heterodoxy. **Geographical Analysis**, Julho, 1972.

HAY, Jr. Richard. **Patterns of urbanization and socio-economic development in the third world an overview**. In third world urbanization. Methuen&Co., 1977.

ISARD, Walter. **Location and Space Economy**. The M.I.T Press, 1968. 6ª ed.

JAMES, Franklin J. Urban economic development; a zero-sum-game? IN: BINGHAM, Richard D.; BLAIR, John P., **Urban economic development**. Beverly Hills: Sage publications, 1984.

JEFERSON, Mark. The law of Primate City. **Geographical Review**, 1939.

JOHNSTON, R. J. Grouping and regionalizing: some methodological and technical observations. **Economic Geography**, vol. 46, n.2, jun., 1970.

KING, Leslie. Discriminant Analysis: a review of recent theoretical contributions and applications. **Economic Geography**, Junho, pp.366-378, 1970.

KNIGHT, Richard V.; GAPPERT, Gary. Cities and tha challenge of the global economy. IN: PHIGHAM, Richard; BLAIR, John, ed. **Urban economic development**. Sage publications, 1984. pp. 47-62

KUZNETS, S. **Modern Economic Growth**. New Haven: Yale Univ. Press, 1966.

LANSKY, Arnold S. Some generalizations concerning Primate Cities. **Anais da Associação dos Geógrafos Americanos**, vol. 55, pp. 506-513, 1965

MARUYUAMA, M. The second cybernetics. Deviantion Amplifying Mutual Casual Processes. **American Scientist**, 1963.

MEDDEKOV, Y. Entropy: as assesement of potentialities in Geography. **Economic Geography**, Julho, pp. 306-316, 1970.

MOREIRA, Lana Lima. **Complexos industriais; uma tentativa de aplicação no Estado de São Paulo**.

Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

MORSE, Richard M. Trends and Issues. **Latin American Urban Research**, part II, p. 37, 1965/1970.

MOSER, C. A. e SCOTT, W. **Brithish Towns: a statistical study of their social and economic differences**. Edinburgh, 1961.

NELSON, H. J. A service classification of American Cities. **Economic Geography**, 31, pp. 189-210.

OLSSON, G. Central place systems, spatial interaction and stochastic processes. Urban Economics, Theory, Development and Planning. The Free Press, 1970.

_____. Distance and human interaction; a review and bibliography. **Bibliographical series 2**, Philadelphia, Regional Science Research Institute, 1965.

PEDERSEN, P. O. Innovation diffusin within and between national urban systems. **Geographical Analysis**, jul., pp. 203-254, 1970.

PERLOFF, Harvey e WINGO, Lowdon. Natural resource endowment and regional economic growth. **Resource Endowment and regional economic growth**, Resources for the Future, Inc., pp.211-212, 1960.

PICKVANCE, C. G. The strutural critique in urban studies. IN: SMITH, Michael Peter, ed. **Cities in transformation**; class, capital and the state. Sage publications, 1984.

REES, Philip H. Factorial Ecology: na extended definition, survey and critique of the field. Apresentado ao **Comitê de Métodos Quatitativos da UGI**, Ann Arbor, 1969.

ROBINSON, C. W. Ecological Correlation and the Behavior of Individuals. **American Sociological Review**, 15, pp. 351-357, 1950.

ROGERS, A. A stochastic anacysis of the spatial clustering of retail establishments. **Journ. An. Stat. Ass.**, 60, pp. 1094-1103.

SANTOS, Milton. **The shared space; the two circuits of the urban economy in underdeveloped countries**. Methuen&Co., 1979, 266 p.

SIEBERT, Horst. **Regional Economic Growth: Theory and Policy**. International Textbook Company, pp. 2-4, 1969.

STORPER, Michel. Technology and spatial production relations; disequilibrium, interindustry relations and industrial development. IN: CASTELLS, Manuel, ed. **High technology, space and society**. Beverly Hills: Sage publications, 1985.

THEIL, H. **Economics and Information Theory**. Chicago: Rand Nally, 1967.

THOMAS, E. N. Toward an expanded central place model. **Geographical Review**, julho, 1961.

THOMPSON, Wilbur. Preface to Urban Economics.

_____. Internal and external factors in the development of urban economies

IN: **Issues in Urban Economics**, Resources for the Future, pp.52, 1968.

_____. Theories and techniques for studying urban and regional growth

IN: **Geographic perspectives on urban systems**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1970.

p. 94-103

TOLOSA, Hamilton. **Diretrizes para a programação de um sistema de Pólos Nacionais de Desenvolvimento**. 1969. Mimeografada

ULLMAN, E. L.; DACEY, M. F. The minimum requirement approach to the urban economic base. **Lund Studies of Geography**, Serie B, Human Geography, 24, pp. 121/143.

WALKER, Richard A. A theory of suburbanization; capitalism and the construction of urban space in the United States. IN: DEAR, Michael; SCOTT, Allen, ed.

Urbanization & urban planning in capitalist society, Methuen&Co., 1981.

WALTON, John. The international economy and peripheral urbanization. IN: FAINSTEIN, Norman; FAINSTEIN, Susans, ed. **Urban policy under capitalism**. Beverly Hills: Sage publications, 1982.

WINSBOROUGH, Hal H. City Growth and City Structure. **Jornal of Regional Science**,

4, pp. 35-39, 1962.

ZIPF, G. K. **National Unity and Disunity**, 1941.

_____. Human Behaviour and the Principle of Least Effort, 1949.

ANEXO E - REFERÊNCIAS GEIGER

BERRY, Brian J. L. **City size and economic development conceptual sinthesis and policy problems with special reference to south and southeast Asia.** Urbanization and national development. vol. I. Beverly Hills: Sage, 1971.

CARVALHO, Delgado de. **História da cidade do Rio de Janeiro.** s.ed. Rio de Janeiro, 1926

DEFFONTAINES, Pierre. Como se constitui no Brasil a rede de cidades. **Boletim Geográfico [do] IBGE**, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 41-148, 1944.

FOURASTIÉ, Jean. **Le grande espoir du XX siècle.** Paris: Gallimard, 1963

FRIEDMANN, John e Mc Glynn, Eileen, Stuckley, Barbara, WU, Chung-Fong Urbanization and National Development: a comparative analysis. IN: **Urbanization and National Development**, vol. I, JAKIBSON, L. e PRAKASH, J. (eds.). Sage publications, 1970.

GEIGER, Pedro Pinchas. Urbanização e industrialização na orla oriental da Baía de Guanabara. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, Ano 18, n. 4, out./dez., 1956.

GEORGE, Pierre. **La geographie active.** Paris: Presses universitaires, 1964.

GEORGE, Pierre. **La ville: le fait urbain à travers le monde.** Paris: PUF, 1952.

JAKOBSON, Leo; PRAKASH, Ved. Urbanization and National Development: proposal for na integrated policy base. **Urbanization and national development**, vol. I, Beverly Hills: Sage, 1971.

MENDES, Renato da Silveira. **Paisagens culturais da Baixada Fluminense** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1950.

MONBEIG, Pierre. **Pioniers e Planteurs de São Paulo.** Paris:Armand Colin, 1952.

VALVERDE, Orlando. Estudo regional da Zona da Mata, de Minas Gerais. **Revista brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v,20, n.1, p. 3-82, jan-mar, 1958.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Ed Brasiliense.

RODWIN LLOYD. Urban growth strategies reconsidered: growth centers in regional economic development. New York: The Free Press, 1972.

RUELLAN, Francis. Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das regiões vizinhas. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 4, out./dez., 1944.

SIMÕES, Ruth Mattos Almeida. Notas sobre a Geografia do Bairro de Laranjeiras. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, vol VII, tomo 1, 1952/53

SOARES, M^a Theresinha S. O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro. **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, 11 (3-4), 1959.

SORRE, Max. **Les Fondements de la Géographie Humaine**. Paris: A. Colin, 1952.

TOLOSA, Hamilton. Política nacional de desenvolvimento urbano: uma visão econômica. **Pesquisa e Planejamento econômico (IPEA)**, Rio de Janeiro, 2 (1), 145-156, 1972.

ANEXO F - REFERÊNCIAS CARDOSO

ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. 2ª ed. Biblioteca de Investicação e Cultura Porto Alegre: Ed. da Livraria do Globo, 1937, 290 p.

ANDRADE, Dr. Adelmar Xavier. Vias de Comunicação do Nordeste. Conferência pronunciada na **I Semana de Estudos Econômicos** promovida pela Escola Politécnica da Paraíba, 1957

ANDRADE, Manuel Correia de. **Aspectos geográficos do leste da Paraíba**. Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1963.

BERRY, B. J. L. e BARNUM, H. G. Aggregate Relations and Elemental Componentes of Central Place Systems. **Journal of Regional Science**, vol. 4, n. 1, pp. 35-42, 1962.

CARVALHO, Afrânio de. A Atualidade mineira: Secretaria da Agricultura, Belo Horizonte, 1929.

CHRISTALLER, Walter. Central Places in Southern Germany. Translatede from Die Zentralen orte in Suddeutschland by Carlisle W. Baslin. New Jersey: Prentice-Hall, Inc. Englewood Cliffs, 1966, 230 p.

CÔRREA, Roberto Lobato **A. Regiões de Influência das cidades**. Divisão de Estudos de Regionalização. Rio de Janeiro: IBGE/DEGEO, 1980. Mimeografado

CÔRREA, Roberto Lobato A. **Repensando a teoria das localidades** Centrais ou em Direção à Economia Política dos Centros de Mercado, 1981. Mimeografado

CÔRREA, Roberto Lobato A. Status sócio-econômico e centralidade, uma interpretação. **Geografia**, 2 (3), pp. 51-59, abril, 1977.

COSTA FILHO, José Paulino. **Um quinquênio de finanças públicas em Campina Grande** (cifras e fatos a respeito da arrecadação municipal, estadual e federal de 1950 a 1954). Divulgação da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, Campina Grande, 1955

DENIS, Pierre. **Amérique du Sud Géographie Universelle** de LA BLACHE, Vidal de. e GALLOIS, L. tome XV, Paris, 1927.

GEIGER, Pedro Pinchas e DAVIDOVICH, Fany. Aspectos do fato urbano no Brasil **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 2, abr./jun., 1961.

GEORGE, Pierre. **Précis de Géographie Urbaine**

GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. O Planalto Central e o problema da mudança de capital do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, Ano 11, n. 4, pp. 471-536, 1949.

JACOB, Rodolph. **Minas Gerais no século XX**. Vol. 1. Rio de Janeiro, 1911.

KELLEY, Klara Bonsack. Dendritic Central Place Systems and the Regional Organization of Navajo Trading Posts Regional Analysis Vol. 1, Chapter 7, Economic Systems. New York, S. Fco, London: Academic Press, 1976, pp. 219-253.

LAVAREDA, José Hesketh. Abastecimento da cidade de Recife em Carne e Leite **Boletim Carioca de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 1 e 2, pp. 11-26, 1961.

LAVAREDA, José Hesketh. As migrações internas do Nordeste - Caruaru um de seus centros detentores. **Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais**, Recife, n. 9, pp. 3-44, 1960.

LIMA, Dárdano de A. **Estudos Fitogeográfico de Pernambuco**. Separata dos Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas. Recife, vol. 5, pp. 305-341, 1960.

LOPES DE ANDRADE. Campina Grande como centro econômico da região. Conferência pronunciada na I Semana de Estudos Econômicos promovida pela Escola Politécnica da Paraíba, 1957.

MARSHALL, Jonh Urquhart. The location of service towns - na approach to the analysis of central place systems. **Research Publications**, University of Toronto, Department of Geography, 1969.

MEIRELES, Manuel. **Notas sobre o município de Campina Grande**. Campina Grande, 1962.

MELO, Mário Lacerda de. Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba **Guia da excursão n. 7**, realizada por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia, Rio de Janeiro, Edição do CNG, 1958.

MELO, Mário Lacerda de. Bases Geográficas dos Problemas do Nordeste **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 24, n. 4, 1962.

MELO, Mário Lacerda de. **As migrações para o Recife**. Estudo Geografico I Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife, 1961.

MONBEIG, Pierre. O Estudo geográfico das Cidades. **Boletim Geográfico**, ano I, n. 7.

MÜLLER, Nice Lecocq. Campina Grande. Notas de Geografia Urbana in **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. São Paulo, vol. VI, tomo II, pp. 13-14, 1951-1952-1958

PAULINO FILHO, José. **Transportes Ferroviários da Paraíba** (alguns apontamentos sobre sua evolução). Divulgação da Diretoria da Educação e Cultura - Prefeitura de Campina Grande, Caderno I, Campina Grande, 1958.

PINTO, Estevão. **História de uma Estrada de Ferro do Nordeste**. Coleção Documentos Brasileiro, 61, Livraria José Olímpio Editora.

RESENDE, Artur Vieira e RESENDE, Astolfo Vieira. **Município de Cataguases** Esboço Histórico - Tipografia da Imprensa Oficial, Cataguases, 1908.

ROCHEFORT, Michel. Métodos de Estudos das Redes Urbanas (Interesse da análise do setor terciário da população ativa). **Boletim Geográfico**, n. 160

ROCHEFORT, Michel e MELO, M. Lacerda de. **Geografia da População do Estado de Pernambuco**. Fac. Filosofia de Pernambuco, Recife, Caderno n. 1, set., 1961

RUELLAN, Francis. **Notas de aula da F.N.F. sobre o papel das cidades**, Rio de Janeiro, 1950, inédito.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979. 156 p.

SANTOS, Milton. **Estrutura, Processo, Função e Forma como categorias do método geográfico**. mimeografado

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979, 345 p.

SIQUEIRA, Edmundo. **Resumo histórico da The Leopoldina Railway Company Limited**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Carioca, 1938.

SMITH, Carol. Causes and consequences of Central Place Types in Western Guatemala. **Regional Analysis**, New York, S. Fco, London: Economic Systems, Academic Press, Vol. 1, Chapter 8, 1976, pp. 255-300.

TAUNAY, Afonso E. de. **Pequena história do café no Brasil**. D. N. C., Rio de Janeiro, 1945

TEJO, Limeira. **Brejos e Carrascaeas do Nordeste**. Documentário. São Paulo: Edições Cultura Brasileira S/A, 1937.

UBATUBA, Ezequiel. **Na Zona da Mata**; das margens do Pomba às do Paraíba Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1918

VALVERDE, Orlando, O uso da terra no leste da Paraíba. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano 17, n. 1, jan./mar., pp. 49-83, 1955.

ANEXO G – REFERÊNCIAS RIBEIRO

BALASSIANO, H. M. M. As favelas e o comprometimento ambiental. In: MESQUITA, O. V.; SILVA, S. T. (Coords.) **Geografia e a questão ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 166 p.

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1990. 112 p.

_____. Geografia política e gestão do território no limiar do século XXI: uma representação a partir do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 53, n.3, p 169-183, jul./set., 1991.

_____. Repensando a questão ambiental no Brasil e a partir da geografia política
In: **Saúde, ambiente e desenvolvimento**: uma análise interdisciplinar. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992. V. 1

_____. Amazônia brasileira: uma área crítica no contexto geopolítico mundial
In: **O ambiente inteiro**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

_____. A Amazônia pós Eco-92: por um desenvolvimento regional responsável
In: BURSZTYN, M. (org.) **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense: ENAP, 1993. p. 129-143

_____. Tendências de transformação do Estado e do território no Brasil.
In: **Projeto: o novo mapa da economia brasileira**: desafios do planejamento regional. Rio de Janeiro, 1993a. Datil.

_____. Logística: uma nova reacionalidade no ordenamento do território?
In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 3., **Anais...**, Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 225 p

BECKER, Bertha K. & BERNARDES, Nilo. Considerações sobre o desenvolvimento regional e a localização espacial das atividades em países em desenvolvimento. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 41, n. 3, pp. 135-50, jul./set., 1979.

BECKER, Bertha K.; GOMES, P. C. C. Meio ambiente: matriz do pensamento geográfico. In: **Ciências sociais e meio ambiente no Brasil**. APED, 1993, p. 147-174.

BROOKS, Stanley; GILMOUR, James M. e MURRICANE, Kenneth. The Spatial Linkages of Manufacturing in Montreal and Its Surroundings. **Cahiers de Geographie de Québec**, Montreal, vol. 17, n. 40, pp. 107-122, 1973.

CAMPOS FILHO, C. M. **Cidades brasileiras: seu controle ou caos.** O que os cidadãos devem fazer para a humanização das cidades no Brasil. 2 ed. São Paulo: Nobel, 1992. 143 p.

CANUTO, Tibério. A industrialização na Bahia. **Análise Conjuntural**, Salvador, 5 (1) : 61-91, jan./mar., 1978.

CARTER, Harold. The Location of industry in the city. IN: ARNOLD, E., ed. **The study of urban geography**. London, 1972. 346 p.

CASTELLO BRANCO, M. L. G.; O'NEILL, M. M.V. C. A distribuição espacial de serviços de infra-estrutura social no Brasil: o abastecimento de água e coleta de lixo. In: MESQUITA, O. V.; SILVA, S. T. (Coords.) **Geografia e a questão ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 166 p.

CASTELLS, Manuel. Sociologia del espaço industrial. IN: CASTELLS, M., ed. **Ciudad y sociedad**. Editorial ayuso, s. d., cap. 2, p. 56-151, 1975.

CHINITZ, B. Contrasts in Agglomeration: New York and Pittsburgh, Paper and Proceedings. **American Economic Review**, 51, pp 279-289, 1961.

CORRAGGIO, José L. Formas sociais da organização do espaço e suas tendências na América Latina. **Antipode**, 9 (1): 14-39, fev., 1977.

COUTINHO, Luciano. Desigualdades regionais: uma revisão da literatura. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, 13 (3) : 65, jul./set., 1973.

CYNAMON, S. E. et al. Saneamento e saúde ambiental no Brasil. In: **Saúde, ambiente e desenvolvimento: uma análise interdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: ABRASCO, 1992, v. 2

DAVIDOVICH, Fany. Aspectos geográficos de um centro industrial: Jundiaí em 1962. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 28, n. 4, pp 329-374, out./dez., 1966.

DAVIDOVICH, F.; FREDRICH, O.M. B. Urbanização no Brasil. In: SILVA, S. T. (Coord.) **Brasil: uma visão geográfica nos anos 80**. Rio de Janeiro: IBGE, 1988. 353 p.

FAISSOL, Speridião et alli. Áreas de Pesquisa para Determinação de Áreas Metropolitanas. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 31, n.4, pp. 53-127, 1969.

FAISSOL, Speridião et alli. Estudos urbano-regionais na área de influência do Recife. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 37, n. 1, pp. 3-49, jan./mar., 1975.

FERRARI, Onorina Fátima. **Atividade industrial intra-urbana**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1977. mimeo

_____. **Processo de evolução espacial da produção têxtil no Rio de Janeiro**. Projeto para elaboração de dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.

_____. **Teorias de localização industrial; estudos individuais**. Projeto para elaboração de dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro, 1979.

FIGUEIREDO, A. H. As formas de intervenção pública na apropriação e uso do espaço amazônico
In: MESQUITA, O. V.; SILVA, S. T. (Coords.) **Geografia e a questão ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 166 p.

FIGUEIREDO, A. H. Desenvolvimento regional e exclusão social. In: **Diagnóstico ambiental da Amazônia Legal**. Rio de Janeiro: IBGE, 1994. mimeogr.

GARCIA, G. Rigoberto. Aspectos generales de la invetigacion em localizacion industrial. General aspects of industrial research. **Revista Agela**, 2 (3) : 49-78, ene., 1978.

GOODALL, Brian. Urban Land - use patterns. IN: GOODALL, Brian. **The economic of urban areas** s. 1, Pergamon Press, s. d. cap. 4.

HAMILTON, F. E. Jan. Models of industrial location. IN: CHORLEY, R. & HAGGET, P., eds. **Models in Geography**. London: Mehtuen, 1967, cap.10.

HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980. 291 p.

JOHNSON, James H. Manufacturing areas in cities. IN: JOHNSON, James H. **Urban Geography**, an introductory analysis. s. 1 Pergamon International Library, 1972, cap. 8.

KARASKA, Gerald Jr. Manufacturing Linkages in the Philadelphia Economy; Some Evidence of External Agglomeration Forces. **Geographical Analysis**, vol. 1, n. 4, 1969.

LINGE, G. J. The diffusion of manufacturing in Auckland, New Zealand. **Economic Geography**, 39 (1), 1963.

LOGAN, M. I. Location behavior of manufacturing firms in urban areas. **Annals of the Association of American Geographers**, 56 (3) : 451-66, 1966.

_____. Suburban manufacturing; a case study. **The Australian Geographer**, 9 (4) : 223-34, 1964

MACHADO, L. O. A geopolítica do governo local: proposta de abordagem aos novos territórios urbanos da Amazônia. In: Simpósio Nacional de Geografi Urbana, 3., **Anais...**Rio de Janeiro: IBGE 1993. 225 p.

MAGALHÃES, J. Cezar de. A função industrial de Petrópolis. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 37, n.1, pp. 19-55, jan./mar., 1966.

MAMIGONIAN, Armen. A indústria em Brusque (SC) e suas consequências na vida urbana. **Boletim Carioca de Geografia**, 13 (3/4), pp. 44-82, 1960.

MARTINE, G.; TURCHI, L. A questão da urbanização na Amazônia: realidade e significado

In: **C & T no processo de desenvolvimento da região amazônica**. 2 ed. s. n. São Paulo, 1989

v. 2, p. 25-55

MASSEY, Doreen. A critical evaluation of industrial location theory. IN: HAMILTON, Ian & LINGE, G. J. R., eds. **Spatial analysis, industry and the industrial environment**; industrial systems. s. 1., John Wiley e Sons, v. 1, 1979.

MOLD, Zilá Mesquita. **Padrões de localização industrial na área metropolitana de Porto Alegre**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 1975.

OLIVEIRA, Lúcia Helena G. de. Algumas considerações sobre a implantação de distritos industriais

Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, vol. 38, n. 4, pp. 22-69, 1976

PATNI, R. L. Um novo método para medir mudanças locacionais em uma indústria manufatureira. A new method for measuring location changes in a manufacturing industry. **Economic Geography**, 44 (3), pp 210-7, 1968.

PINTO, Dulce Maria Alcides. **Ecologia fatorial urbana; área metropolitana de Salvador**. Mimeo

PINTO, Dulce Maria Alcides & UNE, Mitiko Yanaga. Indústria. In: **Geografia do Brasil**; Região Nordeste

Rio de Janeiro: IBGE, v.2

PORCARO, Rosa Maria. Industrialização e tamanho urbano. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 39, n. 1, pp. 46-86, jan./mar., 1977.

PRED, Allan R. The Intrametropolitan Location of American Manufacturing. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 54, n.2, pp. 165-180, 1964.

REINEMANN, Martin W. The Pattern and Distribution of Manufacturing in Chicago Area. **Economic Geography**, vol. 36, n. 2, pp. 139-144, 1960.

RIBEIRO, L. C. Q.; LAGO, L. C. Crise e mudança nas metrópoles brasileiras: a periferização em questão

In: **Saúde, ambiente e desenvolvimento: uma análise interdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: ABRASCO, v. 1, p. 153-179, 1992

RIBEIRO, M. A.C. Considerações sobre a organização industrial da Amazônia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 54, n.3, p. 27-46, jul./set., 1992.

_____. **Amazônia: a dimensão do urbano e a qualidade ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE 1994, 79 p. Mimeogr.

RIBEIRO, Miguel Angelo Campos & ALMEIDA, Roberto Schimidt de. Padrões de localização espacial e estrutura de fluxos dos estabelecimentos industriais na área metropolitana do Recife. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 42, n. 2, pp. 203-64, abr./jun., 1980

RIMMER, P. J. The boot and shoe industry in Melbourne. **The Australian Geographer**, 10 (5), 1968.

RITZ, Armin. Exportações e desenvolvimento regional; o caso da Bahia (1950 - 1969). **Universitas - Revista de cultura da Universidade Federal da Bahia**, 2 : 59-81, 1972.

ROCHA, S.; TOLODA, H. C. Núcleo - periferia metropolitana: diferenciais de renda e pobreza
In: VELLOSO, J. P. R.; ALBUQUERQUE, R. C. (Orgs.) **Pobreza e mobilidade social**. São Paulo: Nobel, 1993. p. 137-171

ROTHERUS, V. et alii. Future industrial land requeriments in the Cincinnati área. **Annals of the Association of American Geographers**, 36 (2) : 111-21, june, 1946.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. (org.) **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense: ENAP, 1993. p. 29-56

SAMPAIO, Fernando Talma. **Aspectos da regionalização do desenvolvimento industrial**; o caso baiano. Universidade Federal da Bahia. Dissertação apresentada para o concurso de Professor Assistente do Departamento I - Teoria Econômica, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 1-149, 1974.

SANTOS, Milton. Localização industrial em Salvador. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 3, pp. 245-76, jul./set., 1958.

_____. **O centro da cidade de Salvador**. Estudo de Geografia Urbana. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1959.

SCHMIDT, B. V.; FARRET, R. L. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 95 p.

SMITH, David M. A theoretical framework for geographical studies of industrial location. **Economic Geography**, 42 (2) : 96-113, apr., 1966.

_____. **Industrial Location**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1971

STEED, Guy P. F. Centrality and locational change; printing, publishing and clothing in Montreal and Toronto. **Economic Geography**, 52 (3), 1976

TAVARES, Luís Henrique Dias. **O problema da involução industrial da Bahia**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1966, p.3-31

TEIXEIRA, Marlene P. V. Contribuição ao estudo da localização industrial; o caso de Niterói

Anuário do Instituto de Geociências, UFRJ, Rio de Janeiro, p. 54-64, 1979.

TURNOWSKI, Salomon. Deslocamento das indústrias cariocas. IN: **Assembleia da Associação Brasileira de Geógrafos**, 12, jul., Franca, 1967.